

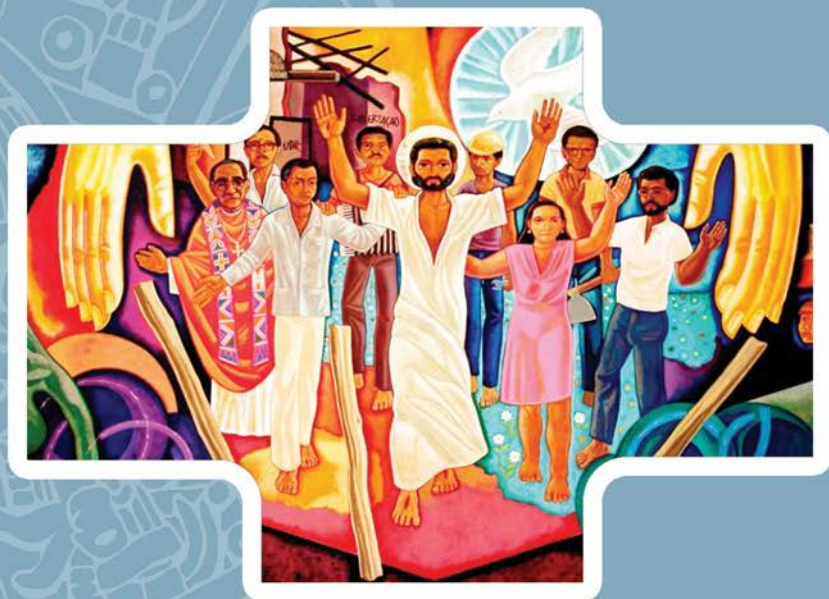
Cadernos



do Centro de Estudos
Missionários Latino-Americano

número

8



Missão entre esperanças
incertezas e oportunidades

Missionários Xaverianos 2021

Cadernos do Cemla

Os Cadernos do Centro de Estudos Missionários Latino-Americano (Cemla) são uma publicação periódica dos Missionários Xaverianos da América Latina (Brasil, Colômbia, México). Recolhem artigos de estudos e de reflexão sobre a realidade socioeconômica, política, cultural e religiosa do Continente, sobre a caminhada da Igreja latino-americana e sobre a relevância da presença xaveriana nos diversos contextos.

***Logo:** representação do mito do caledário asteca dos Cinco Sois, que conta a história da criação e o papel desempenhado pelos deuses. Os Cinco Sois são cinco períodos da história: em cada um deles reinou uma divindade. Cada vez que houve uma catástrofe, os homens desapareceram. Então, a humanidade voltou a renascer com a dominação de uma nova divindade. Agora, de acordo com a lenda asteca, vivemos no quinto sol que está no centro da representação.*

Coordenador do Cemla

Estêvão Raschietti – Brasil

Equipe de redação

Elisa Silva Sánchez – México
Elisabete Miguel Espinhara – Brasil
Francisco Xavier Martinez – Brasil
Geraldo López Custodio – México
Jorge Alvarado – México
Marta Barral – Brasil
Pascal Atumissi Bekububo – Brasil
Rafael López Villaseñor – Brasil
Tea Frigerio – Brasil
Zacarias Tamejon – Colômbia

Edição brasileira

Diagramação: Estêvão Raschietti

CADERNOS do Centro de Estudos Missionários Latino-Americano Edição brasileira

Missionários Xaverianos
Rua Victorio Viezzer, 701 – Vista Alegre das Mercês
80810-340 CURITIBA, PR
Tel. +55 (41) 3335.2166

SUMÁRIO

Editorial 5

Rafael López Villaseñor

Fake news e religião no desempenho político 11

Estêvão Raschiatti

Esperança em tempos sombrios

A missão cristã e a ascensão da extrema direita no Brasil 33

Gerardo Custodio López

Eucaristia: fundamentalismo e libertação 58

Tea Frigerio

Decolonizar o que foi colonizado 78

Elisa Silva Sánchez

O papel da mulher na Cristiada

Nacionalismo e integralismo religioso no México 108

Elisabete Miguel Espinhara

O florescer da liderança da mulher 134

EDITORIAL

Missão entre esperanças, incertezas e oportunidades

Em sua última encíclica sobre a fraternidade e a amizade social, Francisco aponta caminhos de esperança diante de um mundo sombrio e cheio de incertezas que nos rodeia, porque segundo ele a esperança “nos fala duma realidade que está enraizada no mais fundo do ser humano, independentemente das circunstâncias concretas e dos condicionamentos históricos em que vive”. A esperança é expressão “duma sede, duma aspiração, dum anseio de plenitude, de vida bem-sucedida, de querer agarrar o que é grande, o que enche o coração e eleva o espírito para coisas grandes, como a verdade, a bondade e a beleza, a justiça e o amor”. O Papa insiste em afirmar que “a esperança é ousada, sabe olhar para além das comodidades pessoais, das pequenas seguranças e compensações que reduzem o horizonte, para se abrir aos grandes ideais que tornam a vida mais bela e digna” (FT 55).

Para que a esperança não seja reduzida a puro sentimento e seja verdadeiramente capaz de apontar caminhos arrojados de compromisso, perspectivas de solução e horizontes de sentido, é preciso que seja enraizada na realidade, enxergada à luz de mediações sócio-analíticas e das exigências do Reino de Deus, que questione a atuação missionária das comunidades cristãs e que abra pistas concretas de presença e de serviço profético.

Há mais de um ano, a humanidade vive sob o espectro da pandemia do COVID 19, que já ceifou milhões de vidas humanas, colapsou sistemas hospitalares e de saúde, obrigou populações a adotar medidas extremas de prevenção para evitar o contágio, quebrou economias, expos massas populares ao relento e a necessidades de todo tipo, interrompeu o funcionamento de escolas, comércios, atividades culturais, esportivas, religiosas etc.

Por outro lado, essa estranha situação representou uma oportunidade para retomar dimensões e valores da vida que andavam meio esquecidos, particularmente, em nível de relações familiares, de cuidado com a vida, de alternativas criativas nos negócios, nas tarefas, nas artes, na cultura, na comunicação interativa etc.

“O dia em que a terra parou” profetizava Raul Seixas nos anos ‘80. Mas não foi só um dia: a pandemia parou a máquina do mundo moderno durante um ano inteiro, e não promete sua retomada tão cedo, sem dúvida, não na mesma forma. A pandemia não foi um evento ocasional, extraordinário e inesperado: é fruto da pressão exercida pelo estilo de vida capitalista sobre o planeta, que permite o surgimento de novos vírus, pragas, doenças, calamidades, como reação da própria natureza à espoliação e ao ritmo absurdo imprimido pelo homo sapiens.

Junto a essa terrível conjuntura, que assume nestes dias em que estamos escrevendo seus picos mais dramáticos, acrescenta-se a política negacionista das nossas respectivas nações (Brasil e México) perpetradas por mandatários autoritários, nefastos e irresponsáveis, eleitos democraticamente. Preocupa-nos há algum tempo a virada à direita, nostálgica, nacionalista e antidemocrática das populações no mundo todo: um fenômeno que merece ser analisado, porque tem a ver com o momento de depressão e de falta de perspectivas que a humanidade está vivendo.

O negacionismo oferece um ar de naturalidade a tudo o que está acontecendo: “não é nada de mais”, “as pessoas morrem da mesma forma”, “é a vida”, “é só uma gripezinha”, “tem a cloroquina”, “é muito mimimi”, “é culpa da imprensa” etc. Essa visão encontra na religião alienante, mágica e desencarnada sua perfeita aliada para justificar um estado de exceção, um pacote de mentiras para manipular pessoas desprevenidas, uma ideologia para sustentar o integralismo autoritário, violento e intervencionista.

Jamais teríamos pensado chegar ao ponto em que chegamos. A situação precipitou não somente pela atuação de parte do mundo evangélico – é imprescindível sublinhar esse “de parte” – mas também, e com um certo peso, por amplo setores do mun-

do católico, incluindo leigos, religiosos/as, presbíteros e bispos. Muitas das nossas comunidades, é bom que se diga, se tornaram nichos fascistas graças a presença de movimentos como a Renovação Carismática Católica e seus gurus, que não tiveram nenhum escrúpulos de se posicionar politicamente com a extrema direita, sua ideologia e suas mentiras inclusive fazendo propaganda fora e dentro das igrejas.

O que aconteceu com a nossa missão evangelizadora nessa reviravolta antidemocrática e anti-evangélica? Como se posicionar diante desta conjuntura radicalizada procurando manter a fidelidade à autenticidade do Evangelho? Entre uma ruptura profética fiel à prática jesuana, e uma postura dialógica que costura laços de fraternidade com todos, qual tensão deve existir? Quais caminhos a missão deverá trilhar para sair da acomodação e não se conformar com esse estado de coisas? E, particularmente, de que maneira a nossa missão se torna realmente um caminho de esperança?

Por ocasião do nosso 9º Encontro do CEMLA, realizado online de 8 a 12 de março de 2021, procuramos abordar essas questões a partir de diferentes pontos de vista. Estavam presentes Rafael López Villaseñor, Estêvão Raschiatti e Elisabete Miguel Espinhara das Regiões Xaverianas do Brasil Sul; Francisco Xavier Martínez Rodrigo, Pedro Saúl Ruíz Alvares e Tea Frigerio do Brasil Norte; Gerardo Custodio López, Elisa Silva e Jorge Alvarado do México.

Debatemos e apresentamos seis textos que elaboramos ao longo do ano de 2020. Os primeiros três tratam diretamente sobre os temas do fundamentalismo, do negacionismo e da conexão entre religião e política nas conjunturas emergentes da América Latina. Os outros três, no entanto, se concentram na questão de gênero, assunto que está intimamente relacionado ao primeiro, resgatando perspectivas bíblicas, históricas e pastorais do protagonismo das mulheres num mundo e numas lutas fortemente marcadas por um patriarcalismo integralista. Essa aproximação representa um dos mais significativos sinais da ousadia da esperança que estão brotando no meio de tanto desconcerto.

No primeiro texto, Rafael López examina o peso da atuação de grupos religiosos evangélicos e católicos conservadores na eleição presidencial de 2018, sobretudo nas redes sociais através de fake news como nova modalidade de mentira direcionada a lesar a imagem do adversário e o direito do público de ter acesso à verdade dos fatos, além de disseminar ódio, atingindo o emocional das pessoas. A plataforma que elegeu e sustenta Jair Bolsonaro na presidência é fundamentalmente constituída por um sistema de inverdade cinicamente elaborado que dispara mensagens, declarações, opiniões, com o intento de manipular milhões de usuários.

Em seguida, o texto de Estêvão Raschiatti aprofunda o fenômeno Bolsonaro apresentando a complexidade da figura e do enredo, a adesão das massas populares em sua ascensão a Presidente da República e a consequente ação missionária num clima dominado por visões de extrema direita. Não é simples encontrar razões e respostas no meio de tanto desconcerto: é possível, porém, traçar algumas linhas de sentido tanto em termos de análise sociocultural, como também de atitudes e posturas pastorais.

Geraldo Custodio, por sua vez, aborda o desvio causado pelo fundamentalismo integrista na maneira de entender Deus, a religião, a transcendência como algo distinto da história da humanidade e não como transformador. É preciso reencontrar a relevância existencial originária do Deus de Jesus, de sua mensagem, particularmente, da instituição da eucaristia, para que se supere a ruptura entre mundo e Reino, e se retome o sentido profético de gestos e palavras ainda atreladas a estruturas e releituras do passado.

O segundo bloco de ensaios, se debruça sobre o tema do gênero e do protagonismo da mulher na história, nas lutas populares e na Igreja. Tea Frigerio retoma a mensagem de Paulo sobre a mulher, muitas vezes utilizada pelas igrejas como argumento para a sua inferioridade e submissão. Na realidade, o autêntico material paulino promove a superação das diferenças entre etnia, classe e gênero, para sermos “todos um em Cristo” (Gl 3,28). Parece, porém, que a igualdade entre homem e a mulher não vingou na tradição

eclesial, recompactada dentro do patriarcalismo imperial. Urge resgatar a memória silenciada do primeiro movimento cristão.

Do ponto de vista histórico, temos o texto da Elisa Silva sobre o papel da mulher na Contrarrevolução Cristera no México (1926-1929), um assunto esquecido e não valorizado pela literatura oficial, mas repleto de heroísmo e sacrifício. A Guerra Cristera trouxe uma mudança importante para a participação das mulheres nas lutas populares, não apenas como complemento subordinado à ação dos homens, mas em qualidade de sujeito capaz de organização, atuação e motivação própria.

Enfim, o artigo da Beth Espinhara fala sobre o florescer da liderança da mulher na sociedade e na Igreja. Temos exemplos de mulheres bem-sucedidas no empreendedorismo que podem inspirar caminhos para um protagonismo mais decidido das mulheres na Igreja. Trata-se de uma mudança de paradigma que traz consigo novas compreensões acerca da identidade da Igreja, de suas relações de poder, de sua ministerialidade e de sua missão.

Concluimos nosso encontro on-line com uma breve avaliação, positiva no seu conjunto, apesar das sérias limitações impostas pela nova modalidade. Trabalhamos individualmente na leitura e avaliação dos textos na parte de manhã, abrindo a discussão à tarde durante duas horas todos os dias. Essa experiência levou a não dispensar de forma alguma o encontro presencial, mas também a considerar a possibilidade de participações híbridas (on-line/presenciais) nas próximas ocasiões.

Marcamos o nosso próximo CEMLA de 7 a 11 de março de 2022, novamente em Mazatlan (México), se até lá estivermos vacinados/as e se a conjuntura pandêmica permitir. O tema a ser trabalhado e discutido será “Missão e sinodalidade”, sempre na ótica decolonial que caracteriza a noção e a prática da missão a partir da América Latina.

Belém, Curitiba, Guadalajara, Mazatlan,
São Paulo, 12 de março de 2021

FAKE NEWS E RELIGIÃO NO DESEMPENHO POLÍTICO

Rafael López Villaseñor
rafamx65@gmail.com

RESUMO: A reflexão do nosso artigo faz uma breve abordagem do uso das fake news e da religião nas eleições presidenciais, a partir estratégias político-religiosas dos grupos conservadores, em que se utilizam das redes sociais e as fake news para desqualificar e demonizar o candidato adversário no segundo turno presidencial. Durante a campanha política apareceu uma parceria entre política e religião, tanto nas igrejas pentecostais como em setores conservadores da Igreja Católica. Usou-se um discurso político e religioso da luta do bem contra o mal para persuadir os fiéis-eleitores a votarem no candidato apoiado pelos líderes religiosos.

ABSTRACT: The reflection of our article makes a brief approach to the use of religion and fake news in presidential elections, based on political-religious strategies of conservative groups, in which they use social networks and fake news to disqualify and demonize the candidate. opponent in the second presidential round. During the political campaign, a partnership between politics and religion appeared, both in Pentecostal churches and in conservative sectors of the Catholic Church. A political and religious discourse of the struggle for good against evil was used to persuade voters to vote for the candidate supported by religious leaders.

Nos últimos tempos há um aumento do fantasma, do fundamentalismo, do integrismo religioso e político com certas características fascistas, sendo uma ameaça não apenas para o Brasil, mas também para o mundo, com um programa e algumas estratégias concretas. Não se trata apenas de alguns grupos marginais, mas de movimentos religiosos e políticos organizados e bem coordenados que marcam a agenda política, controlam governos ou têm possibilidade de fazer isso no curto prazo. Constroem ao redor do ódio, criam inimigos através do uso das redes sociais e dos meios de comunicação por meio de *fake news*.

Ficamos atônitos diante da escalada do fanatismo na América Latina e no mundo, por parte de alguns “cristãos” integristas, apoiando ideologias e práticas de extrema-direita e desqualificando, muitas vezes por meio de *fake news* qualquer pensamento contrário ou diferente ao deles; porém será que esse tipo de atitudes vai ao encontro do projeto de Jesus Cristo? Qual é a relação entre religião e política? Com se deu a participação de setores da Igreja católica e das igrejas pentecostais na última eleição presidencial? Qual são os efeitos das *fake news* na política? Para tentar responder a estas questões, nos propomos desenvolver uma reflexão visando o engajamento político dos grupos religiosos “cristãos” conservadores de extrema-direita a partir da realidade concreta da eleição presidencial de 2018 no Brasil.

Também a pandemia do covid-19 acentuou o clima de ódio e de polarização ideológica perene, originado há algum tempo sobre questões ideológicas e políticas partidárias. Esse clima não marca apenas a cultura, o convívio social e a política, mas penetrou também nos ambientes eclesiais, fazendo com que as opções partidárias e ideológicas entrem no ambiente teológico, sendo alimentadas as diferenças pelas *fake news* por meio das redes sociais. Portanto, passou-se a combater e não aceitar o diferente, o que tem convicções políticas e religiosas diversas.

No nosso texto num primeiro momento apresentamos de maneira rápida, algumas pinceladas da relação entre religião e política. A atuação religiosa-política passa pelos grupos e pelas igrejas pentecostais evangélicas, como pelos movimentos católicos conservadores, que fundamentam os discursos em inverdades tanto do candidato apoiado, como dos adversários. Enfim, na eleição presidencial de 2018, aparece claramente a atuação dos grupos religiosos fundamentalistas e integristas de extrema-direita que tem um papel fundamental com a sua ação política nas redes sociais por meio de postagens de *fake news*.

1. RELAÇÃO ENTRE RELIGIÃO E POLÍTICA

Religião e política sempre andaram de mãos dadas, desde a origem da humanidade. A religião se utilizou da política para manter os privilégios e vice-versa, a política utilizou da religião para se manter no poder, mas essa parceria também foi questionada muitas vezes. Inclusive, em algumas ocasiões a religião católica foi usada como um instrumento de governo, mas também a religião usou da política para manter as regalias e o domínio da sociedade. Todavia, houve tempos em que a religião católica esteve “contra” a política de esquerda, porque a considerar inconciliável com a prática cristã, sendo crítica da mesma, propondo-se a transformá-la radicalmente. Por sua vez, houve também ocasiões em que a doutrina protestante tradicional se distanciou das atividades políticas e sociais: “Crente não se deve meter em política”. Contudo, a parceria entre a política e religião vem ganhando destaque em vários países, como por exemplo no México e no Brasil, por parte das igrejas pentecostais, com a indicação e participação de alguns candidatos evangélicos nas eleições dos últimos anos “crente vota em crente”. A prática ganhou muita importância no campo político, por causa ao seu espetacular crescimento das Igrejas Evangélicas Pentecostais e com a transferência de votos dos fiéis-eleitores durante as campanhas para candidatos apoiados pelas igrejas, usando o capital religioso, através da persuasão das teologias, do púlpito, das práticas e dos discursos religiosos, inclusive manipulando textos bíblicos.

Na contramão na América Latina está a Teologia da Libertação, em continuidade com a doutrina social da Igreja Católica, introduziu alguns elementos novos na política. Apresentou o desafio de uma religião que não fosse nem apolítica, nem contra a política, mas propõe uma maneira diferente de fazer política, inspirada nos princípios do cristianismo, que combatam às injustiças sociais. Faz uma crítica radical ao sistema capitalista, o considerado profundamente injusto, baseado na exploração que cria ricos cada vez mais ricos às custas de pobres cada vez mais pobres. A teologia da América Latina ao fazer uma clara opção

pelos pobres, pensou na escolha de algum tipo de socialismo, como alternativa para a construção de uma nova sociedade justa e fraterna. Entendeu refletiu-se na concepção do pecado não somente como culpa individual, mas também estrutural, que pode ser superado por meio da transformação política. Identificou a Igreja “Povo de Deus”, a partir da opção pelos pobres, oprimidos, excluídos, marginalizados, como sujeitos da transformação social. Enfim, a opção preferencial pelos pobres entendida como engajamento na ação sócio transformadora do mundo (cf. TOSI, 2018, p. 400-401). Neste sentido no Brasil, a Igreja Católica, durante a ditadura militar, incentivou a prática do cristianismo no engajamento dos problemas sociais, tendo um papel importante na transição da ditadura militar para a democracia, inclusive no processo de consolidação da soberania popular.

De acordo com Giuseppe Tosi, a política, a religião e a democrática, não são atividades meramente racionais, precisam de mitos, de sentimentos, de identificações coletivas, de valores compartilhados, de identidades, de segurança, de administração do medo, e isso é o que as religiões oferecem e que a democracia nem sempre consegue oferecer. Entretanto, a religião é um poderoso instrumento de poder, assim como de crítica ao poder, as duas posturas podem conviver no mesmo espaço religioso. A religião precisa exercer a sua atuação pública, dentro dos limites constitucionalmente definidos. O perigo dos fundamentalismos é exatamente a falta de respeito dos limites e a pregação de uma religião que ameaça os direitos humanos e o Estado de direito. Neste sentido, a democracia deve assumir uma postura firme contra os dogmatismos, os integristas, os fanatismos, a intolerância, a violência das religiões fundamentalista (TOSI, 2018, p. 417-418).

Certamente na atualidade no Brasil, existe um certo fundamentalismo político e religioso em setores da sociedade. É um perigo real em que a democracia pode ser “democraticamente” derrubada pelos antidemocráticos, pelos intolerantes da extrema-direita. Entretanto, a democracia deve assumir uma postura firme contra os dogmatismos, os fanatismos, a intolerância, a violência das religiões fundamentalistas (TOSI, 2018, p. 408).

Seguramente, diante de uma política fundamentalista de extrema-direita passamos pelo perigo do desrespeito à vida, através da intolerância, da violência externada em apologias ao ódio, à tortura, à ditadura, ao armamento, ao desprezo pela alteridade, à relativização das instituições, das crenças, das culturas, à devastação da natureza. Todas essas atitudes ultrapassaram os princípios religiosos e cristãos, assim como a linha da dignidade humana, da lisura e do bom senso, como o ataque à liberdade de expressão, o controle das investigações policiais, a estigmatização de adversários por meio de discursos de ódio, menosprezo e fake-news.

2. A PARTICIPAÇÃO DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA NA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL

Infelizmente, a Igreja Católica no Brasil teve grande atuação na eleição presidencial de 2018, embora nunca de forma oficial pela hierarquia, mas através dos grupos conservadores, tendo um destaque especial a Renovação Carismática Católica (RCC) e a Canção Nova, que pediam abertamente para não votar “em nenhum candidato da esquerda”, elegendo candidatos “contra a ideologia de gênero” pois só desse jeito o Brasil seria renovado, inclusive tendo “Bolsonaro como presidente”. Assim por exemplo, o Padre Antônio Furtado, membro da Comunidade Católica Shalom, durante a “festa dos arcanjos” que reuniu aproximadamente 20 mil pessoas, realizada no dia 29 de setembro de 2018, iniciou a homilia a partir da manipulação do texto do Apocalipse 12, fez aos participantes repetirem, inúmeras vezes, a expressão “dragão vermelho” para referir-se ao demônio. Vermelho, a cor da esquerda; mais precisamente, a cor do PT (Partido dos Trabalhadores). Relembrou as mensagens das supostas aparições da Virgem Maria em Fátima, no ano de 1917, destacando a necessidade do “anticomunismo russo”. “Esse dragão, esse bicho vermelho, está mais presente do que você imagina. Ele tem cabeças pensantes no mundo para impedir a ação da igreja”, disse ele. Nas “televisões, cantores, políticos, empresários”, o dragão, sempre nomeado como “vermelho” com cabeça em “estrelas” (mais

uma referência ao PT) estaria em plena ação, sobretudo por no momento das eleições (SILVA, 2019, p. 66).

Além disso, a RCC durante o pleito presidencial de 2018, disseminou *fake news* em relação à candidatura de Fernando Haddad (PT) à Presidência da República. Partindo da contextualização da disputa, analisa-se os marcadores religiosos presentes na semântica da disputa ênfase ao caráter marcadamente religioso no qual a disputa, destacando o apoio explícito de lideranças religiosas ao candidato do PSL (Partido Social Liberal), Jair Bolsonaro, sejam elas evangélicas ou católicas carismáticas, compreendendo tais marcadores a partir dos desdobramentos recentes da participação mais efetiva de atores do campo religioso na política, sobretudo em disputas eleitorais. De acordo com Emanuel Silva, por meio de análise de conteúdo e de imagem, foi possível ressaltar os principais elementos mobilizados a partir do imaginário cristão, que demarcaram o apoio de católicos carismáticos à Bolsonaro, problematizando-os à luz do slogan religioso escolhido pelo candidato para lema de sua campanha: “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo 8,32) (SILVA, 2020).

Durante essa campanha presidencial, na rede social Facebook, católicos conservadores criaram um grupo intitulado “Movimento contra o comunismo e a teologia da libertação”, segundo o estudo de Emanuel Silva, aparece o destaque das *fake news* compartilhadas no grupo com o objetivo de descreditar, a partir da simbologia religiosa ou não, a candidatura do petista. A observação do fenômeno foi observado porque, sob a égide da “*verdade*” e da “*iluminação*”, os membros do grupo propunham analisar a disputa em curso, com o uso de postagens falsas, no segundo turno, sobretudo via memes, desfavoráveis a Haddad e à sua vice, Manuela D’Ávila (PCdoB, Partido Comunista do Brasil), sem o mínimo comprometimento ético com a verificação dos fatos ali compartilhados, depois tornados opinião pública compartilhada, nos permitindo pensar, em termos analíticos, na verdade como componente semântico, em tempos de redes sociais, e não mais como factual. Os participantes do grupo reproduziam textos nas suas postagens nas redes sociais dos gurus conservadores como

Olavo de Carvalho, Silas Malafaia e Padre Paulo Ricardo (SILVA, 2019, p. 58).

Outro aspecto importante elencado por membros do grupo para não se votar em Haddad, que foi alvo de muitas fakes news compartilhadas, foi a presença de Manuela D'Ávila (PCdoB) como sua vice. Membro do Partido Comunista do Brasil, feminista, mãe solteira, “abortista”, ateia, autora de lei que “fecharia as igrejas” e suposta interlocutora de Adelmo Bispo, o homem identificado como autor do atentado contra Bolsonaro, em 06 de setembro, eram os motivos falsos a se afastar da candidatura do petista, sobretudo por aquilo que sua vice representava (SILVA, 2019, p. 72).

As *fake news* variavam desde a distribuição, por parte de Haddad, de um “kit gay” nas escolas, autorização para operação de mudança de sexo em crianças, até à fraude nas urnas eleitorais compuseram o conjunto de *fake news*, compartilhadas em grupos pró-Bolsonaro durante a eleição presidencial, no grupo já mencionado do Facebook “Movimento contra o comunismo e a teologia da libertação”, administrado e composto por membros do catolicismo carismático, elencando as principais áreas temáticas nas quais se destacou o uso das fakes news contra o candidato petista, pontuando os elementos de um discurso “anti-PT”, que formata uma identidade coletiva da RCC, que compreende a disputa eleitoral como uma “batalha espiritual” do bem contra o mal. (SILVA, 2019, p. 70).

O apoio de lideranças, sobretudo padres da RCC ao candidato Bolsonaro e a forte oposição alicerçada nas *fake news*, a Haddad, legitimando a retórica do “inimigo vermelho” a ser derrotado em nome dos “valores cristãos”, sobretudo a partir da “ameaça comunista”, que se produziria a partir da perseguição aos cultos religiosos, vilipêndio aos símbolos sagrados e, principalmente, ao famoso “kit gay”. Padre Paulo Ricardo, ligado à Comunidade Católica Canção Nova, por exemplo, sugeriu que o episódio da facada contra o candidato Bolsonaro, ocorrida em 6 de setembro de 2018, teria sido planejado “para calar a verdade” a ser dita aos brasileiros pelo candidato, comparando-o a um

“mártir dos tempos modernos”, vítima de “mentiras” e da política do bem contra o mal. (SILVA, 2019, p. 65).

Enfim, “ao que parece, o candidato Bolsonaro reunia em si dois elementos que alçavam a condição de maior importância para a razão de ser do voto carismático e conservador, isto é, a defesa da agenda cristã acompanhada do antipetismo” (SILVA, 2019, p. 67). Todo o conjunto de fatos mostra que, o fundamentalismo religioso político é uma forma radical de integralismo dos “cristãos” da extrema-direita, oferecida pela religião para uma explicação integral do mundo, basta por si só para resolver todas as questões humanas afirmando que a fé fornece todas as respostas que o ser humano precisa, sem necessidade de recorrer à razão; aliás a racionalidade é vista como um perigo e uma ameaça para a fé que deve ser combatida (TOSI, 2018, p. 411).

3. ATUAÇÃO DAS IGREJAS PENTECOSTAIS NA POLÍTICA

Uma vez que o voto é obrigatório no Brasil, as lideranças das igrejas pentecostais negociam o apoio político, junto às mais diversas candidaturas para favorecer os próprios interesses, apresentando suas reivindicações imediatas em troca da adesão do voto dos fiéis-eleitores. É justamente aí que reside seu percentual de poder, ao apresentar-se como uma reserva moral a ser conquistada pelos que disputam a liderança política no flexível e instável mercado da opinião pública (SOUZA & MAGALHÃES, 2002). Sem escrúpulos usam elementos doutrinários como parte da estratégia para persuadir os fiéis-eleitores a votarem em candidatos apoiados pela Igreja. O discurso político-religioso nos cultos transmite a sua visão religiosa e reproduz uma linguagem comum à que seus fiéis e ouvintes nos cultos, fazendo de seus candidatos apoiados homens “escolhidos por Deus”. Algumas igrejas pentecostais conclamam seus fiéis a participar da política para vencer satanás, votando em candidatos apoiados pela Igreja. Deste jeito os fiéis da Igreja não participam apenas das eleições como cidadãos, mas como “soldados de Cristo” na batalha do bem contra o demônio, que deve ser derrotado (CRUZ, 2009, p. 63).

Também, a partir da década dos anos 80, o vertiginoso crescimento da corrente neopentecostal, encabeçada pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), radicalizou a ocupação pentecostal da esfera pública, por meio de vultosos investimentos em rádio e tele-evangelismo e do ingresso na política partidária (MARIANO, 2010). Em 1986, a IURD conseguiu a eleição de um deputado federal para a Assembleia Nacional Constituinte. Em 1990, elegeu três deputados federais e seis deputados estaduais e nas seguintes eleições não parou de crescer o seu êxito eleitoral, elegendando membros da igreja para ocuparem cargos públicos e formando o seu próprio partido.

Não podemos esquecer que em 2014, o Pastor Everaldo batizava no Jordão, como pastor e como presidente do PSC (Partido Social Cristão), o então deputado católico Jair Messias Bolsonaro. Conhecido como deputado do “baixo clero”, principalmente por conta de sua inexpressividade durante os quase 30 anos de mandato parlamentar, legitimou-se, especialmente a partir de 2011, como um deputado “polêmico” por suas posições anticivilizatórias, de oposição a conquistas de direitos, de forma particular das minorias, em diversas entrevistas e pronunciamentos no plenário da Câmara dos Deputados (SILVA, 2019, p. 64). A candidatura de Jair Messias Bolsonaro (PSL) durante o pleito de 2018, foi apoiado fortemente por diversas “cristãos” integristas de extrema-direita. O candidato para legitimar-se em meio a segmentos religiosos cristãos, evangélicos e católicos conservadores usou como slogan a manipulação do texto bíblico: “*conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*” (Jo 8,32). Sua candidatura mostrava-se, assim, ser a oportunidade através da qual o país se encontraria com a “*verdade*”, o que localiza em seus opositores, e sobretudo no seu opositor durante o segundo turno, o petista Fernando Haddad, o lócus da “*mentira*”, da qual dever-se-ia “*libertar*” o país. A interpretação seria como: “*conhecereis a verdade*”, entenda-se Bolsonaro e “*a verdade*” ele “*vos libertará*” do PT ou do mal, das trevas, e de uma série de elementos advindos do imaginário religioso, acionados (SILVA, 2019, p. 57-58). Entretanto, o avanço das igrejas pentecostais aumentou uma efetiva prática

política fascista de extrema direita, com a participando os pastores ativamente das campanhas políticas em épocas de eleições.

A partir do apoio incondicional para candidatos evangélicos: “crente vota em crente” surgiu um aumento dos parlamentares da bancada evangélica integristas de extrema-direita. Também, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) teve um papel importante na eleição do candidato Jair Bolsonaro, apelando para que cristãos votem em candidatos alinhados “com os princípios de Deus e também da família”. Por sua vez, o já eleito presidente Jair Bolsonaro apoiou publicamente candidatos, sem sucesso, ligados ou à IURD nas eleições municipais de 2020, como o prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, bispo licenciado da Universal e sobrinho de Edir Macedo, que tentou a reeleição. Também Celso Russomanno em São Paulo, que recebeu apoio de Edir Macedo e permanece próximo do líder religioso. Estes candidatos concorreram nas eleições pelo partido Republicano ligado a IURD e presidido por outro bispo licenciado da mesma igreja, o deputado Marcos Pereira (SP).

Outra figura importante na atuação política pentecostal é Silas Lima Malafaia, pastor da Igreja Assembleia de Deus, principal apoiador e interlocutor-chave entre Bolsonaro e o meio evangélico. Segundo a revista *Época*, Bolsonaro foi eleito com mais de 70% de votos do segmento religioso evangélico. Durante a campanha eleitoral, o pastor aparecia semanalmente ao lado do candidato, ganhando espaço e mais fama junto aos fiéis-eleitores. Porém, em corridas presidenciais anteriores, também apoiou camaleonicamente Lula, Marina Silva, José Serra e Aécio Neves. A sua atuação política parece ser preocupante, comporta-se como um fascista integrista que sataniza e desqualifica quem não penses como ele. É um político profissional que dispõe de poderes econômicos, empresarias e religiosos capazes de influenciar nos diferentes cenários. Furioso, destila ódio e palavras de baixo calão. Passa por cima dos seus desafetos com uma raiva mais diabólica do que divina. Execra esquerdistas, comunistas, lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e Transgêneros (LGBT). É um cabo eleitoral eclético, heterodoxo, heterossexual e integrista de

extrema-direita. Ataca e demoniza as pessoas que estão fora dos padrões dele com um linguajar depreciativo. Apresenta-se nas disputas eleitorais como cabo eleitoral com desenvoltura, indicando em quem seus fiéis-eleitores podem ou não votar. Atua na política de acordo com os interesses empresariais, segundo suas simpatias e antipatias ideológicas. No entanto, é absurdo achar que ele é porta-voz de Deus porque é pastor, ou porque usa o púlpito e manipula a Bíblia.

O sucesso eleitoral das igrejas pentecostais nos últimos anos, parece que é porque investiram de maneira pesada nas campanhas políticas, priorizando a ocupação do aparelho do Estado desde os anos 80, o que conduziu em gradual e progressivo aumento de cadeiras ocupadas nos Parlamentos (SILVA, 2017), que viriam a se consolidar com a eleição de Bolsonaro. Neste ínterim, entre os anos 80 e 2018, muitas outras estratégias foram sendo adotadas, que materializaram-se na consolidação da Bancada da Bíblia, na disputa e ocupação crescente de representantes do segmento evangélico nas coordenações de Comissões Parlamentares, elaboração de projetos de lei, busca por indicações de cargos de comando, tal como exercido por Marcos Feliciano na presidência da Comissão Nacional dos Direitos Humanos em 2013, bem como a progressiva interferência em determinadas políticas públicas. Nesse sentido, ainda em 2011, o caso da supressão de cartilhas voltadas à política de igualdade de gênero nas escolas, conhecidas como *“kit anti-homofobia”* foi emblemático, além de vários embates que foram se estabelecendo em torno de temas como a criminalização da homofobia, descriminalização do aborto, uso terapêutico da maconha, comunidades terapêuticas, internação compulsória, demarcação de terras indígenas, militarização das escolas, dentre tantos outros em que o pentecostalismo tem intervindo de modo contundente. Estas estratégias demonstram em certa medida o movimento político que tem sido realizado por representantes da religião pentecostal dentro e fora do aparelho do Estado, cujas alianças parecem ter favorecido em grande medida a ascensão do fundamentalismo de extrema-direita ao poder e intensificaram, no atual momento, discursos e políticas cujas repercussões sinali-

zam elevação da intolerância, violência contra as minorias e violação dos Direitos Humanos (SEVERO, 2020, p. 19-20).

Embora no Brasil seja um Estado laico para a garantia da democracia, dos direitos individuais e coletivos, estabelecidos a partir da Constituição de 1891, separando legalmente o Estado e da religião a laicidade do Estado, tem sofrido fissuras progressivas que se traduzem no cotidiano das relações sociais, especialmente após a campanha eleitoral de 2018. Desde então, as inter-relações entre a religião e a política do presidente Jair Bolsonaro tem se revelado institucionalmente mais fortes. A interferência da religião neopentecostal na política brasileira assumiu um papel definidor da ascensão do fundamentalismo de extrema-direita ao poder no Brasil e da difusão de valores baseados na “moral cristã”, que tem se traduzido cada vez mais nos discursos de intolerância. Há que ressaltar que a teologia da prosperidade, fundamento do pentecostalismo, encontra muitas convergências com a teoria do liberalismo econômico, elemento que parece também conduzir a retroalimentação que potencializa perspectivas políticas integristas da extrema-direita. No âmbito político-institucional, a coalização entre o agronegócio, a violência e a religião, plasmada na “Bancada do Boi, da Bala e da Bíblia” (SEVERO, 2020, p. 18). Enfim, o sucesso eleitoral alcançado no aumento da bancada evangélica está relacionado com participação política direta das igrejas pentecostais, associado ao uso extensivo e intensivo da mídia e do discurso que traz para o campo político importantes elementos simbólicos do campo religioso.

De fato, após a ascensão da política fundamentalista de extrema-direita ao poder no Brasil, a sociedade imergiu em uma atmosfera progressivamente tóxica. Cristalizaram-se os discursos de ódio, a intolerância, o negacionismo e a interferência da religião nas políticas de Estado, sinalizando expressiva ampliação da violência, real e simbólica, contra as minorias, bem como a violação dos Direitos Humanos (SEVERO 2020 p 14). Enfim, há dois elementos que influenciaram diretamente na ascensão ao poder do fundamentalismo da extrema-direita, com repercussão sobre os Direitos Humanos e sociais, que são a religião e as *fake news*.

4. O USO POLÍTICO DE FAKE NEWS NAS REDES SOCIAIS

As redes sociais nasceram com a finalidade de comunicarmos, de conectarmos ou compartilharmos pensamentos entre amigos. Entretanto, na atualidade afrontamos a epidemia de *fake news*, inclusive as redes sociais estão em foco na compra de seguidores fictícios. Na internet, o paradigma de produção e consumo de conteúdos carece de intermediários. Qualquer pessoa pode publicar a própria versão e opinião sobre qualquer assunto, sem que seja necessário a verificação ou fundamento da veracidade. Os conteúdos disponíveis são produto dos próprios usuários e tanto a utilidade, como a veracidade da informação se ajustam com a necessidade dos internautas, que muitas vezes, apenas procuram uma confirmação de um sistema de crenças entroncadas e consolidadas. Inclusive, muitas vezes as discussões degeneram no conflito, entre os lados extremos de pontos de vista, favorecendo a polarização. Esta situação dificulta poder informar corretamente, até o ponto de pôr freio a uma notícia infundada se converta em missão impossível (RICHTER-MORALES, 2018, p. 106-107). Contudo, todos temos o dever de combater o ódio, a calúnia, a inveja, a pedofilia e as notícias falsas nas redes sociais.

Vivemos tempos em que todos estamos superconectado, com um crescimento da disseminação de mentiras e o conceito de verdade sendo colocada à prova cotidianamente, de maneira especial nas redes sociais. Vencem na política os que postam mais fake-news e recebem mais compartilhamentos de *likes*, tendo a web como um espaço público para a circulação de ideias, informações e desinformações. As notícias têm sido uma maneira de informar os acontecimentos relevantes no processo da história e uma forma constante de comunicarmos. Inclusive, pela sua relevância tem mudado países inteiros e grandes personagens (RICHTER-MORALES, 2018, p. 22). Todavia, as notícias falsas se converteram em uma praga com a finalidade de gerar ódio, criar divisão e aumentar as divergências ideológicas, de maneira especial na política, mexendo com os sentimentos subjetivos.

As *fake news* são notícias tendenciosas que têm a intenção de enganar, com uma finalidade específica, são mentira intencionais a serviço de determinados interesses e que muitas vezes criam discursos de ódio. Afirmar um fato que certamente, não ocorreu ou não aconteceu do jeito que está narrado, para despertar a indignação ou a confirmação dos preconceitos de um público alvo. Elas adquiriram um grande impulso a partir da socialização da Internet, das redes sociais e dos buscadores do Google, entre outros. Portanto, a liberdade de expressão não é o direito absoluto para manifestar ideias e pensamentos falsos disfarçados como verdade ou a mistura da verdade com a mentira, aonde a mentira é o fundo e a verdade a forma. A liberdade de expressão, não é liberdade de mentir. Isto é, existe o direito da informação, mas também o direito a saber verdade.

Todavia, as *fake news* não constituem uma espécie de mentira. Porém, são uma nova modalidade de mentira, com destinações muito bem marcadas. São a falsificação de um relato jornalístico ou de um enunciado opinativo nos moldes dos artigos publicados em jornal. Provem de fontes desconhecidas. Elas têm uma autoria, quase sempre forjada e descontextualizam os argumentos para produzir entendimentos falsos. Sempre há o propósito de lesar os direitos do público, para levar a adotar decisões contrárias àquelas que se tomariam, se conhecessem a verdade dos fatos. Isto é, tapeiam o leitor na política, na saúde pública, no mercado de consumo, na ciência ... Dependem da existência das tecnologias digitais da internet, das redes sociais e da inteligência artificial. Estas são espalhadas numa escola e velocidade sem precedentes na história. Enfim, as notícias fraudulentas dão lucro político, econômico, ideológico... são um bom negócio obscuro (BUCCI, 2019, p. 41-42).

A incorporação de diversas redes sociais que vem emergindo como o *Facebook*, o *Twitter*, o *Instagram* e o *WhatsApp*, com novas possibilidades de compartilhamentos e modos de atuação que se tornaram um terreno fértil para o surgimento das *fake news*. Estas caracterizam-se por uma informação falsa intencionalmente divulgada, que visa atingir interesses de indivíduos ou

grupos. Existem três características que definem as *fake news*: 1) o componente de uso da narrativa jornalística e dos componentes noticiosos; 2) o componente da falsidade total ou parcial da narrativa e; 3) a intencionalidade de enganar ou criar falsas percepções através da propagação dessas informações na mídia social (RECUERO e GRUDZ, 2019, p. 33). Sublinhando ainda que as *fake news* criam narrativas que reverberam preconceitos e visões de mundo dos atores sociais. Assim, a mídia social, em virtude de sua estrutura e capacidade de compartilhamento da informação pode potencializar a circulação de *fake news*, especialmente as de conteúdo eleitoral (RECUERO e GRUDZ, 2019).

Infelizmente, as *fake news* se espalham muito mais rápido e são mais populares que as notícias verdadeiras. As pessoas agem por impulso e por sentimentos baixos como carência afetiva, ódio, inveja e ideologia. Esse tipo de notícia de baixa qualidade é veloz em alcançar um amplo público, não pela atividade de robôs, mas porque é produzida para causar reações emocionais no público, como raiva e ódio, o que causa maior compartilhamento. As notícias hoje circulam por impulsos emocionais, sem mediações da razão, aí as fraudulentas levam vantagem (BUCCI, 2019, p. 43-44). As redes sociais têm um lado escuro, são lugares de negação das evidências científicas, disseminação do ódio, capaz de ameaçar a existência da democracia. As pessoas repassam com frequência mensagens falsas, por acreditarem, às vezes, ingenuamente que as mensagens que recebem sejam verdadeiras, sem desconfiança do conteúdo. A hipótese é que teriam pouco discernimento ou serem fortemente influenciadas por ideologias, portanto as *fake news* acabaram definindo eleições em campanhas políticas.

Criar uma notícia falsa é muito fácil. Na atualidade a tecnologia digital permite alterar fotografias ou vídeos com vários aplicativos em que a manipulação de cenas e dados é muito simples. A distorção de imagens aumentou de forma exponencial. A dispersão destas nas redes sociais de foros manipuladas, causa uma descontextualização de informação, fazendo que a audiência suponha histórias falsas ou que sem o contexto adequado se

convertam em histórias falsas (RICHTER-MORALES, 2018, p. 33). Este tipo de *fake news* encontram um fértil terreno de ação política em processos eleitorais, onde lamentavelmente é usada para desqualificar os adversários.

5. AS FAKE NEWS NA DISSEMINAÇÃO DO ÓDIO

A partir de 2016, surgiu na universidade de Oxford nos Estados Unidos a palavra “pós-verdade” como palavra do ano. Segundo o dicionário da instituição, “descreve circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais”. Pós-verdade seria um sistema dinâmico de ideias, proposta que, no âmbito do presente texto, reforça a necessidade de uma abordagem cautelosa e atenta ao itinerário de discussão da obra analisada. Pós-verdade e *fake news* são dois termos que ganharam notoriedade. Foram criados, entre outras razões, para dar sentido a dois fenômenos que surpreenderam a opinião pública no decorrer do ano como o Brexit e a eleição do presidente D. Trump. A mídia e boa parte da elite do mundo ocidental não apoiavam e foram surpreendidas, tanto pelo Brexit, como pela vitória de Trump. Então, pós-verdade não é a mesma coisa que mentira ou fake-news, mas descreve uma situação em que a criação e a formação da opinião pública, os fatos objetivos têm menos alcance do que às emoções e às crenças pessoais. A pós-verdade é a relativização da verdade, na banalização da objetividade dos dados e na supremacia do discurso emocional subjetivo. Em outras palavras, a verdade não é falsificada ou discutida, mas com importância secundária, pois trata-se de “reforçar preconceitos”, dando uma impressão de distinção sofisticada, mas não é, realmente, mais do que um palavreado sem fundamento. Porém, a verdade quase sempre pode ser subjetiva e não conhecível. (GENESINI, 2018, p. 47).

As últimas eleições presidenciais do Brasil, foram decididas por mensagens compartilhadas nas redes sociais, sobretudo através do *WhatsApp*. Colaboram para isso dois fatos, especialmente: o esvaziamento da mídia tradicional como ator político

importante nas disputas eleitorais, como havia sido até então, e a propagação em massa das chamadas *fake news*. No ambiente do *WhatsApp*, estudos mostraram que os conteúdos pró-Bolsonaro chegaram, na última semana do primeiro turno, a 40 mil grupos por dia. Supondo uma média de cem pessoas por grupo, a campanha pode ter alcançado 28 milhões de indivíduos, diretamente, no momento crítico da corrida eleitoral. A exitosa campanha parece ter sido produto de uma gestão eficiente, mesmo que acidental, do uso das mídias sociais. A utilização foi liderada pelo filho Carlos Bolsonaro. Um processo que não teve início com a propaganda eleitoral, mas que foi desenvolvido ao longo dos anos. Sua vitória não foi exclusivamente um “produto do *WhatsApp*”, mas resultado de uma nova conjuntura, tanto política quanto tecnológica, na qual essa grande transformação nas plataformas de comunicação era um dos elementos centrais (MOURA & CORBELLINI, 2019, p. 118-120).

Não podemos esquecer que, existe uma série de grandes empresários, que foram acusados de financiar uma sistemática cadeia de disseminação de *fake news*, como o empresário Luciano Hang dono das lojas Havan e Otávio Fakhoury dono do Website Crítica Nacional. Segundo o cientista político Antônio Marcelo Jackson, o presidente “foi eleito a partir das *fake news*. Afinal de contas, ele vive disso e para isso. Se acabarem as *fake news*, acaba Jair Bolsonaro” (GUIMARÃES & PEREIRA, 2020). Enfim, no Brasil, as eleições de 2018, configuraram um divisor de águas, marcado por *fake news* e por novas estratégias políticas nas redes sociais, que deslocaram o lugar do debate público e da disputa, historicamente centrado nos canais de televisão, para o universo das redes (SEVERO, 2020, p. 21).

Nos processos políticos as redes sociais passaram a configurar-se como uma forma de expressão dos movimentos sociais e políticos, de ativismos emergentes e mobilizações que também instituíram mudanças profundas nos modos como os movimentos sociais de esquerda historicamente se organizaram (SEVERO, 2020, p. 20). De tal modo, que o MBL (Movimento Brasil Livre), movimento político integrista de extrema-direita, mediático

e virtual, que semeou o ódio no Brasil, para eleger Bolsonaro, por meio da disseminação de *fake news*, com ideias que misturam o sistema liberal com a extrema-direita nas redes sociais. Provocaram um discurso agressivo de ódio e de integrista fundamentalista, através de imagens e narrativas que visam à desconstrução dos candidatos adversários e das políticas sociais. Rendendo culto à tradição que idealiza o passado, a masculinidade, com medo da diferença sexual, de gênero, racial e religiosa. Inclusive, cultuando a tecnologia, mas não a razão. Infelizmente, estes grupos são muito eficientes nas estratégias discursivas que alimentam o ódio, aprofundam as divisões e a divisão: “nós contra eles”. A finalidade principal é divulgar *fake news*, quase sempre temporárias e fluidas, para que sejam virilizadas nas redes sociais.

A campanha eleitoral presidencial, ancorada na difusão de *fake news*, discursos de ódio, valores morais, relações intrínsecas entre a religião e a política, assim como a construção de narrativas míticas. Após a ascensão do fundamentalismo da extrema-direita ao poder, a sociedade imergiu em uma atmosfera progressivamente tóxica. Cristalizaram-se os discursos de ódio, a intolerância, o anti-intelectualismo, a negação da ciência e interferência da religião nas políticas de Estado, sinalizando expressiva ampliação da violência, real e simbólica, contra as minorias, bem como a violação dos Direitos Humanos (SEVERO, 2020, p. 16). As *fake news* ganharam visibilidade por sua capacidade de influenciar os sistemas políticos, notadamente os processos eleitorais, bem como aprofundar a polarização política. Além disso, houve fortes impactos pela ascensão dos movimentos integristas de extrema-direita, criando fortes impactos na sociedade brasileira.

Após a eleição presidencial, foi criada em Brasília, a CPI (Comissão Parlamentar do Inquérito) das *fake news* com a finalidade de investigar os ataques cibernéticos de grupos que atentam contra a democracia e o debate público; a utilização de perfis falsos para influenciar os resultados das eleições; a prática de cyberbullying sobre os usuários mais vulneráveis da rede de computadores, bem como sobre agentes públicos; e o aliciamento e orientação de crianças para o cometimento de crimes de ódio e

suicídio. A quebra de sigilos permitiu identificar quem são os responsáveis pela operação dos perfis suspeitos de integrar a rede de ataques virtuais a políticos. Os grupos integristas de extrema-direita alimentam perfis com os codinomes “*PresidenteBolsonaro-BR-Mito do Brasil*” e “*Conservador Liberal*”, ambos com mais de 100 mil seguidores. A CPI tem um árduo e intenso trabalho que tenta frear as atitudes antidemocráticas dos fascistas da extrema-direita que atentam contra os Direitos Humanos.

Enfim, um campo muito frutífero é o desenvolvimento das *fake news* nos processos eleitorais e políticos, acompanhados pelas inovações tecnológicas para disparar falsas notícias nas redes sociais contra os adversários, com a finalidade de enganar os eleitores, atentando contra o processo eleitoral e mesmo contra a democracia, como aconteceu nas últimas eleições no Brasil. Sabemos que, as notícias falsas vão além de informações tendenciosas ou manipuladoras. Elas são informações desleais, desenhadas para se fazer passar por notícias, com a finalidade de conseguir enganar ou desinformar de forma enfraquecida, com o objetivo de alcançar fins políticos ou financeiros (RICHTER-MORALES, 2018, p. 27-28). Não podemos esquecer que a liberdade de expressão e de informação, inclusive do conhecimento da verdade, são parte fundamental do sustento de qualquer democracia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No campo religioso o discurso político demonizador do bem contra o mal, dos pregadores nas igrejas é fortemente carregado de um sentido ideológico de extrema-direita, que tem como finalidade favorecer os próprios interesses, apresentando suas reivindicações em campanhas políticas em troca da adesão dos fiéis-eleitores. O seu poder está ao apresentar-se como uma “reserva moral” a ser conquistada na defesa dos valores tradicionais como a família, a moral, o capital e contra esquerdistas, comunistas, LGBT, nesse sentido procuram candidatos de extrema-direita que encarnem todos os “valores” fundamentalistas, integristas e conservadores. Para alcanças a finalidade usam as *fake news* como

instrumento para atingir os que pensam diferente. Se acabarem as *fake news*, acaba o aparato montado por eles.

Parece que os grupos religiosos de extrema-direita não querem entender que é incompatível ser “cristão” e ser defensor de um fundamentalismo integrista que atenta contra a vida. Usar uma linguagem com um discurso de ódio e com gestos violentos não corresponde à ética e a vivência do cristianismo. Uma política com atitudes caracterizadas por atos antidemocráticos, com discursos de ódio, *fake news*, que despreza o princípio da vida, minimiza os efeitos da pandemia, são atitudes totalmente opostos aos valores do Evangelho. A sociedade brasileira, embora se declare cristã na sua maioria, mas ao compactuar com um aparato repressor militarista de ódio, que luta contra a vida, significa que a mensagem de redenção da prática cristã foi jogada ao lixo.

Os Cristãos integristas de extrema-direita, em tempos de pandemia, diante da necessidade do *lockdown*, querem que os serviços nos templos sejam considerados essenciais para que não pare o culto. Mas que tipo de fé é esta que consegue ver Deus apenas nas paredes dos templos e das igrejas, mas não nas pessoas que sofrem e estão morrendo nas UTIs (Unidades de Tratamento Intensivo), que consegue adorar Deus no templo, mas não no compromisso com a vida e com os que sofrem. Parece muitas vezes mais apegado aos ritos nas igrejas e mais importante que defender a essência da vida. Para os católicos a Eucaristia é alimento, mas também é comunhão com os irmãos. Não podemos amar a Deus quem não vemos se não amamos ao próximo (cf. 1Jo 4,20-21).

Afinal, como missionários para anunciar o Evangelho temos que estar atentos aos “sinais dos tempos” diante das incertezas e da realidade que vivemos (cf. Lc 12,54-59). Somos chamados a fazer um apelo a todos os cristãos com os quais temos contato de refletir e discernir de maneira serena e objetiva os caminhos que o Espírito aponta hoje para humanidade, a fim de defender os direitos humanos e sociais. A estarmos conscientes de que as atitudes de integristas da extrema-direita são contrárias aos prin-

cópios do cristianismo e, portanto, do Evangelho, por isso somos convidados a retornar os valores do Reino de Deus em defesa da vida dos pobres.

PARA REFLETIR

- Será que os fundamentalismos vão ao encontro do projeto de Jesus Cristo?
- Qual deve ser a nossa postura como missionários diante dos conflitos causados pelos fundamentalismos?
- Quais são os efeitos das fake news na nossa vida cotidiana e na nossa missão?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERKEMEYER, F. A mentira da pós-verdade. *Revista Uno Desenvolvendo Ideias*. A era da pós-verdade, versus a decepção. N. 27, p. 26-27, 2017. Disponível in: <www.desenvolvendo-ideias.com.br>. Acesso: 01/04/2020.

BUCCI, E. News não são fake – e *fake news* não são news. In: BARBOSA, M. (org). *Pós-verdade e fake news, reflexões sobre a guerra de narrativas*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 37-48.

CRUZ, Marcelo P. *A igreja universal do Reino de Deus no “jogo do poder”*. Aliança com o Partido dos trabalhadores nas eleições presidenciais de 2002. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. São Paulo: PUC-SP, 2009.

GENESINI, S. A pós-verdade e uma nota falsa. *Revista USP*. São Paulo, n. 116 p. 45-58, janeiro/fevereiro/março 2018, p. 46-58.

GUIMARÃES, Karoline C. & PEREIRA Maria C. Neoliberalismo e fascismo: o paradigma perverso do bolsonarismo. *Revista Eletrônica Interações Sociais – REIS Revista de Ciências Sociais*. Rio Grande, v. 4, n. 1, jan./jun. 2020. p. 30 – 47.

MARIANO, Ricardo. Império Universal: Igreja neopentecostal cresce mundialmente, exporta sua hierarquia chefiada por brasileiros e enfren-

ta acirrada concorrência religiosa. *Folha de São Paulo*. Caderno Mais, 2 de Maio de 2010.

MOURA, Maurício; CORBELINNI, Juliano. *A Eleição Disruptiva – porque Bolsonaro venceu*. Record: Rio de Janeiro, 2019.

RECUERO, Raquel; GRUZD, Anatoliy. Cascatas de *Fake news* políticas: um estudo de caso no Twitter. *Galáxia*, São Paulo, n. 41, p. 31-47, mai./ago. 2019.

RICHTER-MORALES, U. *El ciudadano digital, fake news y posverdad en la era de internet*. México: Oceano, 2018.

SEVERO, Denise O. Impactos da ascensão dos movimentos de extrema-direita sobre os Direitos Humanos no contexto do Brasil: uma proposta de matriz de análise. *Revista Eletrônica Interações Sociais – REIS Revista de Ciências Sociais*. Rio Grande, v. 4, n. 1 jan./jun. 2020, p. 14 – 29.

SILVA Emanuel. “Compartilharei as fakes e as fakes me elegerão”: uma análise de fakes news anti-Haddad em redes sociais de católicos carismáticos. Agenda Política. *Revista de Discentes de Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos*. São Carlos, v. 7, n. 2, 2019, p. 56-79.

SOUZA, Etiane C. B & MAGALHÃES, Marionilde D. B. Os pentecostais: entre a fé e a política. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, n. 43, 2002.

TOSI, Giuseppe. Religião e política: Três possíveis relações. *Religare, Revista de pós-Graduação em Ciências da Religião UFPB*, v.15, n.2, dez. 2018, p. 382-421.

UNISINOS. *O ódio não é algo natural e inevitável*”. Entrevista com Juan José Tamayo. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br>>. Acesso: 27/02/2021.

VILLASENOR, Rafael L. A estratégia política da Igreja Universal do Reino de Deus: um estudo sobre as eleições presidenciais 1989, 1994 e 2002. *Ponto-e-Vírgula: Revista de Ciências Sociais*. PUC-SP. São Paulo, n. 8, 2010, p. 155-164.

ESPERANÇA EM TEMPOS SOMBRIOS

A missão cristã e a ascensão da extrema direita no Brasil

Estêvão Raschietti
rasquio@yahoo.com.br

RESUMO: A extrema direita em um país nunca descolonizado como o Brasil sempre existiu, também nos meios eclesiásticos católicos, nos movimentos cristãos de renovação espiritual, nas personalidades e nas organizações de tendência integrista e fundamentalista. Agora chegou ao poder com uma arrogância e um revanchismo assustador, cumplice um apoio popular em parte fruto de uma manipulação midiática numa luta improvável contra a corrupção. Essa ascensão anunciada confluiu na eleição de Jair Messias Bolsonaro a Presidente da República Federativa do Brasil. O que está por detrás deste acontecimento, o que sustenta o enredo popular em torno dessa figura, o que se espera do processo antidemocrático que está sendo orquestrado e, sobretudo, quais deveriam ser os caminhos da missão junto às bases populares nestes tempos desafiadores, são as questões abordadas nesse ensaio, cujo objetivo é tentar traçar pistas de entendimento de um fenômeno complexo para elaborar critérios para uma atuação pastoral profética.

ABSTRACT: The extreme right in a country never decolonized as Brazil has always existed, also in Catholic circles, in Christian movements for spiritual renewal, in personalities and in organizations with an integralist and fundamentalist tendency. Now it came to power with arrogance and a frightening revanchism, it fulfills popular support in part as a result of media manipulation in an unlikely fight against corruption. This announced rise coincided with the election of Jair Messias Bolsonaro as the President of the Federative Republic of Brazil. What is behind this event, what sustains the popular plot around this figure, what is expected from the anti-democratic process that is being orchestrated and, above all, what should be the paths of the mission with the popular bases in these challenging times, are the issues addressed in this essay, whose objective is to try to trace clues to understand a complex phenomenon in order to elaborate criteria for a prophetic pastoral action.

O Brasil está vivendo numa época de pandemia que se tornou “sindemia”¹, no momento em que a doença contagiosa causada pelo COVID 19 se “entrelaça com fatores sociais, políticos e econômicos, como desigualdade social, distribuição de riqueza, acesso a bens essenciais, como moradia e saneamento” (BETTO, 2021).

A situação colapsou neste março de 2021 com uma média móvel de mortes diárias acima de 2000, chegando a picos de mais de 4000, infectados acima de 80.000 a cada 24 horas, hospitais superlotados, sistemas de saúde fora de controle, governos e prefeituras decretando medidas extremas de contenção, prevendo uma piora significativa. A toda essa calamidade se somam o estresse das famílias segregadas em casa, o risco altíssimo de contágio para quem precisa trabalhar, o atraso escandaloso das vacinas, as escolas nesse vaivém entre aulas on-line e presenciais, a economia despencando etc.

Não sabemos ainda os rastros que essa “sindemia” vai deixar. O que se sabe é que ela é a manifestação aguda da crise de um sistema que está colocando em sério risco a existência do planeta. Mudanças climáticas e aquecimento global são fenômenos ainda mais graves nesse sentido, e interligados com o surgimento de sempre novos e perigosos vírus para a saúde humana.

A tudo isso, e intimamente conectado com tudo isso, está a emergência de uma extrema direita autoritária, fascista e violenta, aliada à índole mais impiedosa e desumana de um capitalismo depredatório, que foi convocada a “botar ordem” na corrupção endêmica do Estado, nos desvios morais da sociedade e na maximização da produção econômica, negando a gravidade da pandemia, debochando das medidas de proteção e incitando a população a manter uma vida normal.

¹ A noção de “sindemia” foi concebida pela primeira vez por Merrill Singer, um antropólogo médico americano, na década de 1990. Escrevendo no *The Lancet* em 2017, junto com Emily Mendenhall e colegas, Singer argumentou que uma abordagem sindêmica revela interações biológicas e sociais que são importantes para o prognóstico, tratamento e política de saúde. Cf. HORTON, Richard. Offline: COVID-19 is not a pandemic. *The Lancet*, London, v. 396, September 26, 2020, p. 874. Disponível em: <<https://www.thelancet.com/action/showPdf?pii=S0140-6736%2820%2932000-6>>. Acesso: 10 mar. 2021.

A extrema direita em um país nunca descolonizado como o Brasil sempre existiu, também nos meios eclesiais católicos, nos movimentos cristãos de renovação espiritual, nas personalidades e nas organizações de tendência integrista e fundamentalista. Agora chegou ao poder com uma arrogância e um revanchismo assustador, cúmplice um apoio popular em parte fruto de uma manipulação midiática numa luta improvável contra a corrupção, em parte sedimentado numa estrutura identitária colonial, semianalfabeta, racista e misógina, em parte fomentado pelas próprias exigências disciplinares e funcionais do capitalismo.

Essa ascensão anunciada, mas totalmente inesperada em seus descalabros, confluiu na eleição triunfal de Jair Messias Bolsonaro a Presidente da República Federativa do Brasil. O que está por detrás deste acontecimento, o que sustenta o enredo popular em torno dessa figura, o que se espera do processo antidemocrático que está sendo orquestrado e, sobretudo, quais deveriam ser os caminhos da missão junto às bases populares nestes tempos desafiadores, são as questões abordadas nesse ensaio, cujo objetivo é tentar traçar pistas de entendimento de um fenômeno complexo para elaborar critérios para uma atuação pastoral profética.

1. QUEM É E QUEM ESTÁ POR TRÁS DE JAIR BOLSONARO

O paulista Jair Messias Bolsonaro (21 de março de 1955), é um capitão reformado do Exército cuja atuação no mesmo foi classificada como indisciplinada, preocupante e de péssimo exemplo, particularmente, por causa de sua desordeira luta salarial em prol dos integrantes das forças armadas, no delicado período de transição democrática pós-ditadura. Por suas façanhas “sindicais” dentro dos quartéis chegou a ser preso. Sua saída do Exército para a política, ao ser eleito vereador no Rio de Janeiro em 1988 pelo Partido Democrata Cristão (PDC), foi vista como um alívio para o comando e uma traição para os colegas de fardas. Para ele, significou uma oportunidade de somar aposentadoria integral (com apenas 16 anos de serviço) à renda considerável de uma nova profissão, que lhe daria o conforto financeiro e a projeção

pelos quais tanto ansiava (SOUZA, Marcelo, 2018). Segundo o filho dele, a carreira política foi a “única opção que possuía no momento para evitar que fosse vítima de perseguição por parte de alguns superiores” (BOLSONARO, 2017, p. 79).

O candidato

O perfil do novato da Câmara Municipal carioca mostrou-se logo conservador, discreto, pouco participativo. Seu mandato teve como prioridade a visibilidade das causas militares. Depois de dois anos, em 1990 elegeu-se deputado federal pelo PDC, inaugurando uma série de seis mandatos consecutivos, aliando-se a vários partidos, defendendo pautas populistas, antidemocráticas, armamentistas, de extrema-direita, classificando a tortura como legítima, fazendo apologia das ditaduras e debochando dos direitos humanos. Suas declarações desrespeitosas e controversas lhe renderam 30 pedidos de cassação e três condenações judiciais. Sua figura foi se moldando ao longo do tempo entre o excêntrico e o autoritário, o falastrão e o miliciano, de tendência claramente fascista e facínora.

Bolsonaro é religioso. Se diz católico, mas é ligado às igrejas evangélicas e aos anseios despóticos de poder de seus representantes. Nunca aderiu à ideia de um “Estado laico”, ressignificando essa noção com a afirmação: “se o Estado for laico, seus governantes são cristãos”. Em sua campanha eleitoral para Presidente da República, escolheu como lema: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Apesar de ofensas diretas à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e a seus organismos, entre seus apoiadores mais fanáticos encontramos muitos católicos conservadores, entre bispos, padres, leigos e leigas, membros de movimentos neo-pentecostais, integralistas e tradicionalistas, como a Renovação Carismática Católica, a Canção Nova, a Comunidade Shalom, além de muitos comunicadores e influenciadores midiáticos.²

² Entre os mais famosos estão: o blogueiro Bernardo Küster, militante católico de extrema direita investigado pelo STF e incriminado na CPI das Fake News; os padres de ultrac conservadores Paulo Ricardo e Edvaldo Bertioli Filho; os representantes das TVs Católicas, entre eles o padre Welinton Silva, envolvido em escândalos financeiros com sua TV e Associação dos Filhos do Pai Eterno (AFIPE), e o padre Reginaldo Manzotti da TV Evangelizar, que manifestou claro apoio a Bolsonaro evocando uma mídia favorável ao governo.

Nas conturbadas eleições de 2018, Bolsonaro se candidatou a Presidente da República sob um furor popular alimentado por articulações ocultas propagadas pelas mídias sociais, desde os levantes populares de 2013, amplificado pela controversa Operação Lava Jato e pela atuação da grande mídia brasileira, Globo e companhia, em sua hostilidade contra os governos do PT. Contribuíram também, e decididamente, uma profunda crise econômica e uma guinada à direita das democracias ocidentais, a começar pelos Estados Unidos. “O Mito”, como foi exaltado por legiões de fanáticos, conduziu uma campanha esdruxula e desbocada de nível rasteiro, apelando para o ódio, o armamento, a intervenção militar, o desprezo pela alteridade, a devastação da Amazônia, o vilipêndio das instituições, das crenças, das culturas. A luta contra o “comunismo” político, ideológico e cultural, no qual estaria embebida a sociedade brasileira, era o grande eixo norteador de todas suas falas obscurantistas, agressivas e claramente delirantes, temperadas por uma ignorância primária e assustadora.

O Presidente

Uma vez eleito Presidente, mostrou de cara que os seus não eram berros de campanha, mas desvarios de uma personalidade psicopata disposta a cumprir o que prometeu. Logo o Brasil assistiu a um desmonte do Estado como nunca se viu nas últimas décadas, com um enxugamento antidemocrático da máquina administrativa, extinguindo pastas ministeriais junto a diversas secretarias e comissões, execrando órgãos estatais como o IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente) e o INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), ofendendo e demitindo seus diretores e especialistas. Seu ministério foi composto por figuras sinistras e radicais, entre elas o chanceler católico tradicionalista Ernesto Araújo (exterior), a pastora evangélica pentecostal Damares Alves (mulher, família, direitos humanos), o dramaturgo hitleriano Roberto Alvim (secretaria da cultura), o polêmico economista Abraham Weintraub (educação), o anti-ambientalista Ricardo Salles (meio ambiente), o inepto e autoritário General

Eduardo Pazuello (saúde), esse último substituindo, no meio da pandemia de COVID 19, calejados sanitaristas como os médicos Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich.

Entre os vários e fragmentados grupos que integraram o governo Bolsonaro, sobressaíram duas “alas”: a ideológica e a militar. Na primeira, fazem parte os que aderem às doutrinas de extrema-direita, tradicionalistas e negacionistas do autoproclamado filósofo Olavo Luiz Pimentel de Carvalho, jornalista e ensaísta representante do mais puro conservadorismo brasileiro, mas que atualmente vive nos Estados Unidos. Na segunda ala, fazem parte muitos militares da reserva e da ativa, voltando a ocupar cargos civis de primeiro, segundo e terceiro escalão em ministérios e órgãos de governo, quando também como assessores próximos ao Presidente: como na época da ditadura. Não raramente estas duas alas batem de frente por causa de diversos tipos de visões, abordagens e interesses, mas convergem substancialmente numa concepção do exercício do poder piramidal e autoritário, numa ideologia meritocrática de direita e numa luta ferrenha contra a assombração do comunismo na sociedade brasileira.

As alianças estratégicas

Esse eclético arranjo federal, sempre sob os holofotes da mídia por declarações desajuizadas, atos perturbadores e, o que é pior, intervenções inconstitucionais – o que levou outros poderes, estados e organizações da sociedade civil a reagir energeticamente – deixou quase sempre em segundo plano outras alianças espúrias e estratégicas muito mais determinantes: o “casamento” de Bolsonaro com o economista ultraliberal Paulo Guedes, um outsider promovido a super-ministro da Fazenda, Planejamento, Desenvolvimento e Gestão, Indústria, Comércio Exterior e Serviços e parte do Ministério do Trabalho; a nomeação da empresária mato-grossense Tereza Cristina Corrêa da Costa Dias, a ministra da Agricultura, Agropecuária e Abastecimento, líder da Bancada Ruralista, representante do setor do agronegócio, responsável por promover a liberação de agrotóxicos e a exploração agropecuária em terras indígenas ainda no governo Temer; o engajamento do

Juiz Federal de primeira instância Sergio Moro como ministro da Justiça e Segurança Pública, que atuava como chefe da Operação Lava Jato em Curitiba, força-tarefa que investigou, julgou e condenou com comprovada parcialidade um grande número de políticos – com destaque ao ex-presidente Lula –, empreiteiros e empresas, como a Petrobras e a Odebrecht, por corrupção e lavagem de dinheiro.

Essas três alianças-chave não faziam parte dos enquadramentos ideológicos de Bolsonaro, mas compactuavam uma visão substancialmente de direita e conservadora que mirava a uma redução/descrédito da atuação do estado corrupto (Moro), à liberalização do mercado (Guedes) e à expansão do agronegócio (Teresa Cristina). Todavia, eram parceria de risco, baseadas mais em oportunismos e interesses distintos, do que em projetos comuns. As elites não conseguiram eleger a Presidente da República o governador de São Paulo Geraldo Alckmin, e acabaram assim costurando um pacto faustiano com Bolsonaro: tudo valia para acabar com as políticas de esquerda de 13 anos do Partido dos Trabalhadores (PT).

Por outro lado, Jair Bolsonaro precisava do apoio das elites (agronegócio), de credibilidade diante do sistema endêmico de corrupção da máquina pública (Moro) e de alguém que intendesse de mercado que não fosse alinhado à esquerda (Guedes), mesmo ele se identificando mais com um nacionalismo corporativista do que com políticas de tipo neoliberal. O Capitão declarava abertamente sua ignorância em campo econômico-financeiro, entregando carta-branca a Guedes e elevando seu *status* a um espécie de guru no novo governo. Além do mais, Bolsonaro estava sozinho, sem partido, sem quadros administrativos, sem profissionais preparados prontos para assumir cargos de confiança e responsabilidade: ele precisava mais do que ninguém de formar seu próprio time partindo da estaca zero.

O desgoverno

Mas, como sabemos, essas alianças ocasionais trariam problemas antes ou depois. O primeiro divórcio litigioso acabou

acontecendo com Moro, em maio de 2020, depois que se tornou insustentável a luta anticorrupção com as maracutaias da família Bolsonaro. O Presidente chegou a dizer que não precisava mais da Lava Jato e de seus mentores, porque em seu governo “não tinha corrupção”. Enquanto isso, Guedes procurava seguir seu improvável caminho entre lealdade ao Presidente e avanço na pauta liberal de privatizações e corte de gastos, vendo, porém, diversos de seus diretos colaboradores diretos cansarem, desistirem e darem as demissões. Tereza Cristina teve que atuar como bombeiro diante de repetidas afirmações desrespeitosas e destrambelhadas de outros ministros, do Presidente e de seus filhos, contra parceiros comerciais como a China e os Países Árabes. Quanto isso poderá ainda durar, dependerá da capacidade de Bolsonaro e seus aliados manter determinados equilíbrios em defesa dos interesses e dos projetos de cada bloco aliado.

No meio de um (des)governo desastroso em quesitos como o meio-ambiente, política externa, democracia, segurança, educação, corrupção, relações públicas e institucionais com imprensa, legislativo, judiciário, empresas, organizações não-governamentais etc., chegou a pandemia do COVID 19 a desmascarar de vez a truculência, a irresponsabilidade e o delírio de um Presidente psicopata. Em 24 de março de 2020, Bolsonaro fez o primeiro pronunciamento oficial negacionista à nação, chamando a doença de “gripezinha” e o alarme acerca de sua gravidade de “histeria” dos meios de comunicação. Ao invés de unir a sociedade em torno do combate à incipiente ameaça, colocando em stand by as divergências institucionais, políticas e ideológicas, o Capitão não perdeu a ocasião para exacerbá-las com embates inúteis, teimosos, estúpidos, sem olhar para a vida das pessoas e para o bem do povo.

De lá para cá foram protocolados mais de 100 pedidos de impeachment no Congresso Nacional, mesmo se as pesquisas mostravam ainda metade da população brasileira favorável à continuação de seu governo, e um legislativo ainda muito reticente em encabeçar um processo de enfrentamento.

Contudo, para conter qualquer avanço desfavorável que lhe pode custar muito caro, Bolsonaro dirigiu-se ao “centrão” da Câmara e do Senado, para ensejar novas alianças e salvar a pele, no maior estilo fisiologista “toma lá dá cá”, típico de uma tal “velha política” tanto condenada em sua campanha eleitoral, ao inaugurar uma promissora nova era de “ordem e progresso” sem corrupção, sem burocracia e sem conluios para o Brasil. O que irá reservar essa guinada do governo Bolsonaro, igual a todos os outros que o precederam, em termos de custos e benefícios para ele e para o Brasil, estaremos a ver. Por hora, o que se pode afirmar que nada muda na história deste país: tudo continua sob o controle das oligarquias de sempre.

As convergências

Quem é, afinal, Bolsonaro? Por trás de um paladino brancaleónico que agita bandeiras conservadoras e negacionista, está um político profissional que soube cativar um mal-estar geral numa teia de antagonismo, de integralismo e de ódio, causado principalmente pelas investigações sórdidas da Lava Jato, e ao mesmo tempo atrair os interesses das elites, o assenso do mercado e o apoio dos setores religiosos conservadores. Vários atores entraram em jogo, cada um focado em seus objetivos e todos dispostos a fazer vista grossa dos impropérios, das truculências e das tolices protagonizada pelo mandatário. A rede de alianças tecida ao redor de uma personalidade obscurantista, é complexa, heterogênea e oportunista, mas que converge no objetivo comum de manter a população do Brasil, direta ou indiretamente, num estado permanente de colonialismo estrutural.

2. COMO EXPLICAR A ASCENSÃO DE BOLSONARO A PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Contudo, permanece um problema que não quer calar: como explicar a ascensão de uma figura tão perversa, vulgar, incapaz e autoritária a Presidente da República Federativa do

Brasil? Quem ele de fato representa? Como conseguiu alcançar tanta popularidade? Várias interpretações e respostas foram dadas a essas inquietações, que efetivamente externam sentimento de impotência, de perplexidade e de indignação, diante a tudo o que estamos vivendo, sobretudo nesses tempos de pandemia. Em primeiro lugar, temos que ter presente que o ressurgimento da extrema-direita nacionalista é um fenômeno mundial, que investiu antes de tudo países ocidentais de democracia consolidada, como os Estados Unidos, com a eleição de Donald Trump, e de alguma forma a Grã-Bretanha com o Brexit. As falanges fascistas estão de casa há tempo na França, Alemanha, Itália, agora também na Espanha, assim como em quase todos os países da Europa (Áustria, Suécia, Holanda, etc.). Temos ainda governos extremamente autoritários, eleitos democraticamente na Polónia, Hungria, Turquia, para não falar da Rússia.

Ásia, África e Países Árabes são contextos outros, em que se contam nos dedos os que não são governados por ditadores ou por agrupamento políticos conservadores. Mas também aqui há uma perigosa virada nacionalista em nações como Filipinas, Índia e Japão, além de um recrudescimento substancial da China com suas províncias autônomas. Por sua vez, a América Latina, viu também a direita cantar de galo em diversos países, e provocar reações generalizadas que determinaram súbitas reviravoltas e convulsões sociais que frearam suas ambições de poder (Argentina, Bolívia e Chile).

Saída pela direita

O que está gerando nas populações esse desejo por governos conservadores e autoritários? Vamos tentar evidenciar alguns fatores que determinaram a consolidação de um caldo propício para o reaparecimento do protagonismo das extremas direitas na cena mundial, assim como do fundamentalismo e do integristismo religioso, focando em particular alguns elementos típicos do contexto brasileiro e, se quisermos, latino-americano.

Em primeiro lugar, a própria evolução do capitalismo neoliberal com todas suas propostas de diminuição do papel assistencial do Estado, de desregulamentação financeira, de flexibilização do mercado do trabalho, de redução de déficit fiscal, de câmbio fluante, de privatização de empresas estatais estratégicas, abertura comercial e econômica etc. Os ditames do Consenso de Washington (1989), concomitantemente à derrubada do Muro de Berlim, à decadência do sistema comunista e à formulação da famosa tese de Francis Fukuyama que associava o livre sistema de mercado ao “fim da história”, corroíam aos poucos diretos conquistados pelas massas populares durante anos/séculos de lutas e reivindicações.

O progressivo dismantelamento do *welfare state*, que recebeu um decisivo golpe nos anos ‘80 com as administrações de Ronald Reagan (1911-2004) no Estados Unidos e Margaret Thatcher (1925-2013) no Reino Unido, destilou em constantes dose homeopáticas choques de autoritarismo, violência, medo, truculência, intransigências e pilhagem, sob a égide de princípios de competitividade, de eficiência, de expansão *no-limits* que, apesar da resistência e da oposição de inúmeras organizações da sociedade civil, continuou sua marcha triunfal gerando abismos de desigualdade sempre mais profundos, desejos de consumo sempre mais intensos, desonerações sociais sempre mais habituais.

Para Jessé Souza (2018) “o capitalismo não pode ser compreendido apenas por sua dimensão econômica, enquanto fluxo de capitais e troca de mercadorias, mas também como dimensão simbólica, moral e cultural comum” (p. 50). As pessoas pautam a própria vida em torno dos valores do trabalho-eficiência-resultado da moral liberal, junto à busca incessante por uma autonomia sempre mais exasperada:

O ideal cultural do mundo industrializado ocidental é o individualismo self-made, autossuficiente e autônomo, que se vale a si próprio sem precisar de mais ninguém (a não ser no campo sexual), nem deve nada a ninguém [...] Esse é ideal em prol do qual as pessoas vivem trabalham. É o seu objetivo na vida, e elas são capazes de sacrificar seja o que for para alcançá-lo. (NOLAN, 2009, p. 41).

O capitalismo coloniza tudo: o espaço, o tempo, a natureza, as subjetividades, as individualidades, as identidades. Imprime um ritmo frenético à produção para maximizar o lucro, custe o que custar, em termo de estresse, de doenças, de loucuras, de vícios e de vazios. Roberto Saviano (2014) sustenta que o mundo contemporâneo se move a cocaína para poder aguentar a aceleração exponencial da vida moderna, suas cobranças despropositadas, suas contínuas mudanças de hábitos e métodos. Até as pessoas e a própria natureza não aguentarem mais o beco sem saída onde a humanidade se meteu, e entraram em desespero diante da falta estrutural de perspectivas.

Retrotopia: a volta ao passado

Se o futuro não pode garantir mais aquele “processo civilizatório” prometido pela modernidade, então, para muitos, a solução é voltar ao passado. O passado se torna o novo mito diante de um futuro por demais incerto, apavorante e ilusório. Essa é a tese de Zygmunt Bauman em sua última obra “Retrotopia” (2017):

Em lugar de investir as esperanças públicas de melhoria num futuro incerto e “sempre obviamente duvidoso demais”, reinvesti-las mais uma vez no passado vagamente lembrado, valorizado por sua suposta estabilidade e, portanto, confiabilidade. Com essa virada de 180 graus, o futuro se transforma, de habitat natural de esperança e expectativas legítimas, em local de pesadelos: pavor de perder o emprego e a posição social a ele vinculada; de ter a casa, o resto de seus pertences e os bens móveis de toda uma vida “retomados”; de assistir aos seus filhos patinando ladeira abaixo do “bem-estar com prestígio” [...] A estrada para as guinadas do futuro parece sinistramente uma trilha de corrupção e queda. Talvez a estrada de volta, aquela para o passado, ainda tenha a chance de se tornar uma trilha de limpeza dos estragos cometidos pelos futuros toda vez que eles viraram presente. (p. 12).

Citando a obra da escritora Svetlana Boym, Bauman partilha o diagnóstico de uma “epidemia global de nostalgia”, como “mecanismo de defesa numa época de ritmos de vida acelerados”, que consiste na “promessa de reconstruir o lar ideal que se encontra no núcleo de muitas poderosas ideologias atuais, tentando-nos

a renunciar ao pensamento crítico em prol do vínculo afetivo”. Naturalmente, esse lar ideal é imaginário, tanto mítico como a utopia moderna do progresso, e se encontra nas “reinvidicações nacionais e nacionalistas do mundo todo, as quais se empenham na fabricação de mitos antimodernos de história, por meio de um retorno a símbolos e mitos nacionais e, ocasionalmente, com teorias intercambiáveis da conspiração” (p. 9).

Paradoxalmente, essa tendência de “volta ao passado”, não confronta a perversidade do sistema tecnocrático dominante em suas causas e fundamentos, mas direciona o mal-estar dos indivíduos, isolados existencialmente, desenraizados politicamente e desvinculados de qualquer mediação que poderia defender seus interesses, contra bodes expiatórios socialmente aceitáveis que canalizam toda raiva e agressividade. Trata-se de uma manipulação das emoções que provoca sentimento de indignação e de revolta contra alvos equivocados e, sobretudo, de profundo sentido de culpa moral pela degradação da situação presente: portanto, se o sujeito é pobre e desempregado, afinal, a culpa é dele, ou dos outros como ele, por serem preguiçosos, corruptos, ignorantes, desatualizados, não competitivos, fora do mercado, estressados, deprimidos, com excesso de peso, e sem os valores de antigamente e vivendo às custas da sociedade.

Sociedade colonial

Todo esse imbróglio piora sensivelmente quando se considera a situação de um país específico como o Brasil. O Brasil é um país de vocação escravocrata, com um passado colonial que nunca foi revogado, sendo sucessivamente reeditado em diversas etapas sob diversas vestes e fantasias, penetrando nas fibras mais íntimas das subjetividades e das relações. Ainda nos anos '70, Paulo Freire argumentava sobre o “parto doloroso” de tirar do oprimido o opressor instalado em sua interioridade. Enquanto “hospedeiros” do opressor, os oprimidos tendem por sua vez a ser opressores, reproduzindo a estrutura identitária na qual foram forjados existencialmente: “o seu ideal é, realmente, ser homens, mas para eles, ser homens, na contradição que sempre estiveram e cuja superação

não lhes está clara, é ser opressores” (1987, p. 32).

A preferência de optar pela adesão a estruturas de dominação totalitárias que aparentemente garantem abrigo, proteção e redenção, através de prescrições, disciplina e ordem, revela a face da acomodação e do medo dos “oprimidos”, para usar um termo freireano, esmagado pela engrenagem colonizadora que os tornam incapazes de correr o risco de assumir sua própria liberdade e autonomia.

Desta maneira, segundo o sociólogo e pesquisador catariense Ivann Lago, podemos traçar o perfil do “brasileiro médio” longe da romantização do imaginário popular, como sujeito receptivo, criativo, solidário, divertido e “malandro”, mas como de fato realmente ele é: “preconceituoso, violento, analfabeto (nas letras, na política, na ciência ... em quase tudo), racista, machista, autoritário, interesseiro, moralista, cínico, fofoqueiro, desonesto”. Dai que Bolsonaro “é uma expressão bastante fiel do brasileiro médio, um retrato do modo de pensar o mundo, a sociedade e a política que caracteriza o típico cidadão do nosso país”.

As conquistas da modernidade de inclusão, de combate ao racismo e ao machismo, de criminalização do preconceito, não eliminaram a resistência atávicas e refletidas contra os pobres, os nordestinos, os homossexuais no imaginário da população, no cotidiano da vida privada, nas relações afetivas, nos ambientes de trabalho, nas redes sociais, nos grupos de whatsapp, nas piadas diárias, nos comentários entre os amigos. Proibido de se manifestar publicamente, esse sentimento sobrevive internalizado e reprimido pelo controle da sociedade, até um dia extravasar: o “cidadão comum” viu em um candidato a Presidência da República essa possibilidade de extravasamento.

Agora esse “cidadão comum” tem voz. Ele de fato se sente representado pelo Presidente que ofende as mulheres, os homossexuais, os índios, os nordestinos. Ele tem a sensação de estar pessoalmente no poder quando vê o líder máximo da nação usar palavreado vulgar, frases mal formuladas, palavrões e ofensas para atacar quem pensa diferente. Ele se sente importante quando seu “mito”

enaltece a ignorância, a falta de conhecimento, o senso comum e a violência verbal para difamar os cientistas, os professores, os artistas, os intelectuais, pois eles representam uma forma de ver o mundo que sua própria ignorância não permite compreender.

Portanto, o “cidadão de bem” não percebe sua profunda ignorância simplista – pobres e ignorantes são sempre os outros –, e não entende como o sistema democrático funciona, da independência e autonomia entre os poderes, da necessidade de isonomia do judiciário, da importância dos partidos políticos e do debate de ideias e projetos no Congresso Nacional. Todas essas mediações são dispendiosas, lentas, burocráticas e corruptas, de maneira que ele opta por uma relação direta e *in-mediata* com o poder, que o populismo messiânico que Jair Bolsonaro proporciona.

Fundamentalismo religioso: crise das mediações e das relações

A busca por esta relação “sem mediações” com o poder, en-
contra um grande aliado no fundamentalismo religioso, igualmente *in-mediato* na relação com Deus, com o sagrado, com a Lei, com a escritura, radicalmente reticente com qualquer mediação que se chame Igreja, hierarquia, hermenêutica bíblica, discernimento crítico, teológico, sócio-analítico. Tudo o que cheira de “mundo” é mundano, corrupto, perdido. A única salvação consiste numa relação direta com Deus, proporcionada pela experiência no Espírito, que dá acesso a uma verdade absoluta e incontestável, assim como a uma rejeição violenta de tudo o que é obra do Diabo.

Esse desencanto e contrariedade com as mediações históricas, sociais e institucionais “modernas”, inclusive a ciência, a razão, a política, os direitos humanos etc., calha perfeitamente com as exigências do capitalismo imperante de eliminar todos os obstáculos críticos que possam interferir no exercício da produção do livre mercado. Em outras palavras, desacreditar o papel do Estado e da cidadania em reivindicar dignidade, igualdade e garantir a assistência às pessoas, significa tornar serviços básicos

como saneamento, educação, saúde, não mais como direitos inalienáveis, mas como negócios e fonte de renda acessíveis somente a quem tem dinheiro e, portanto, a quem “merece”.

Além do mais, visto que não já se pode acreditar mais em mediações como professores, médicos, juízes, padres, jornalistas, cientistas, cada sujeitos está livre e solto para construir sua própria “verdade”, que pode ser verdadeira ou não (não importa), mas que pelo menos não segue nenhuma autoridade infalível, nenhum dogma imposto, nenhuma camisa de força, libertando a imaginação, considerando um leque de outras possibilidades e abrindo caminho à atração, à sedução e à fantasia: a arapuca perfeita para as elites do neoliberalismo global continuar a manipular as massas populares e a fazê-la de otárias, difundindo a ilusão de que todo interesse do cidadão será sempre levado em conta, apesar dos possíveis prejuízos para o seu próprio bem.

Todo esse enredo causou também uma grave crise de confiança na sociedade mundial, um medo do outro, um descrédito das instituições e das relações junto à proliferação de teorias de conspiração, manifestações de ódio, de intolerância, de preconceito. A miscigenação das populações, o pluralismo cultural, as mudanças de costumes, a emancipação das classes populares e dos setores marginalizados (LGBTQIA+, negros e indígenas, deficientes, mulheres etc.) certamente causaram estranheza e descompasso para uma cotidianidade moldada segundo uma certa ordem social, cultural e moral. A isso se soma a explosão das redes sociais, sua manipulação através de robôs e seu fomento através de agências financiadoras de extrema direita: o medo e a desconfiança, juntamente à pobreza e ao ressentimento, são poderosos carburantes para o retorno de horrores que a humanidade já viveu na primeira metade do século XX.

3. A ATUAÇÃO MISSIONÁRIA EM TEMPOS SOMBRIOS

Como intervir antes que a bola de neve engrosse e seja tarde demais? Qual o papel da missão cristã nessa conjuntura obscu-

rantista? Antes de tudo, é bom tomar consciência que a conjuntura é grave, extensa e convoca a assumir compromissos urgentes, decididos e responsáveis. Não é demais lembrar que a ascensão do fascismo e do nazismo foi devida a omissões e vistas grossas, quando também a dissimulados ou até abertos consentimentos, diante de atos destemperados, ostentados e aparentemente inofensivos, que aos poucos foram aceitos como normais.

A pastoral missionária não pode e nem deve tolerar qualquer manifestação bolsonarista de ódio, de intolerância ou simplesmente de apoio a um governo nefasto, armamentista e antidemocrático. Nenhuma brecha há de ser dada ao apoio de ideologias de extrema direita ou de diálogo com quem expressa negacionismo, preconceito e desrespeito à vida. Jesus mandou o espírito mau calar a boca e sair do possuído (Mc 1,25), não aceitando nenhuma conversa. Assim com os fariseus que procuravam armar debates para podê-lo acusar ou pegá-lo em contradição, Jesus teve sempre uma resposta seca ou uma maneira experta para não cair na armadilha (Mc 11,28-33): jamais se dispôs para uma interlocução aberta e cordial.

“Abraçar o risco do encontro com o rosto do outro”

A atitude profética de não-diálogo e de não-negociação, não deve, porém, ser confundida com postura áspera, rígida e obtusa de poucos amigos, típica do fundamentalismo integrista. A alegria e a comunicação são traços típicos de quem é chamado a anunciar a Boa Nova a todos (EG 21), assim como a abertura (EG 47), a escuta (EG 158), a ternura (EG 270), o próprio diálogo (EG 238):

O ideal cristão convidará sempre a superar a suspeita, a desconfiança permanente, o medo de sermos invadidos, as atitudes defensivas que nos impõe o mundo atual. Muitos tentam escapar dos outros fechando-se na sua privacidade confortável ou no círculo reduzido dos mais íntimos, e renunciam ao realismo da dimensão social do Evangelho. Porque, assim como alguns quiseram um Cristo puramente espiritual, sem carne nem cruz, também se pretendem relações interpessoais mediadas apenas por

sofisticados aparatos, por écrans e sistemas que se podem acender e apagar à vontade. Entretanto o Evangelho convida-nos sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com o seu sofrimentos e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado. A verdadeira fé no Filho de Deus feito carne é inseparável do dom de si mesmo, da pertença à comunidade, do serviço, da reconciliação com a carne dos outros. Na sua encarnação, o Filho de Deus convidou-nos à revolução da ternura. (EG 88).

Entretanto, há de se buscar uma tensão entre a firme denúncia contra uma ideologia anti-evangélica, que atenta à vida das pessoas e que não deve vingar na comunidade cristã e na sociedade, e uma atenção às próprias pessoas, particularmente, os pobres, os simples, os que forem facilmente manipulados.

Quem manipula, como já falamos, são as classes mais abastecidas que tendem a defender e a justificar seus privilégios, e a exercer seu poder sobre os subalternos. No meio está a classe média que teria todas as condições para denunciar com força essa conjuntura diabólica, afirmando os princípios democráticos e os valores humanos e cristãos fundamentais. Ao invés, essa classe faz clara opção pela elite que a “comprou” e que a assoldou qual capataz das classes populares, num sistema societário escravocrata. Na aflição de garantir seu status social, a classe média brasileira enxerga a emancipação dos pobres como uma ameaça assustadora, causada pelo insanável incômodo de vê-los subir no mesmo avião, comprar a mesma roupa, reivindicar os próprios direitos pelos serviços domésticos.

Mais do que nunca se torna imperioso para a Igreja repropor uma clara “opção pelo pobres” em termos de conversão, como opção pela vida, pela dignidade, pela humanidade, pelo Reino de Deus, por outro modelo de sociedade:

Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus “manifesta a sua misericórdia antes de mais” a eles. Esta preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos, chamados a

possuírem “os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus” (Fl 2,5) [...] Por isso, desejo uma Igreja pobre para os pobres. Estes têm muito para nos ensinar. Além de participar do sensus fidei, nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. (EG 198).

Deixar-se evangelizar pelos pobres significa assumir a ótica dos pobres em perceber e questionar a realidade do ponto de vista das vítimas sistêmicas de um capitalismo imperante, e comprometer-se com a construção de uma sociedade mais justa e mais humanas, sem marginalizados e nem oprimidos. Tornar-se pobre, por sua vez, é uma exigência do discipulado missionário (Mt 5,3): é despojar-se de si para tornar-se um dom para o outro, é abrir-se à escuta por um dever de justiça, é afirmar na história o primado de Deus e a busca incessante do seu Reino numa obra restauradora da humanidade.

Dez passos para uma pastoral missionária em tempos de crise e de conflito

A partir da última Encíclica do Papa Francisco “*Fratelli Tutti*” (2020), podemos extrair dez interessantes passagens para uma atuação missionária da comunidade cristã projetada a buscar o diálogo, a paz, o entendimento social, lançando pontes, abatendo muros, semeando reconciliação (FT 276).

1. Em primeiro lugar, é necessário o reconhecimento de valores fundamentais universais que vão além de qualquer consenso e de qualquer transformação cultural, “como valores transcendentos aos nossos contextos e nunca negociáveis” (FT 211), como é o caso da dignidade inalienável da pessoa humana e do bem comum. A sociedade corre o risco de perder a referência a essas verdades básicas e à própria objetividade da realidade, em prol de uma convivência social e de um consenso sobre “verdades construídas”, produtos da lógica do poder e de suas conveniências.

2. Segunda exigência é promover uma “cultura do encon-

tro”, que significa que o *encontro se faz cultura*: “significa que nos apaixonamos, como povo, querer encontrar-nos, procurar pontos de contato, lançar pontes, projetar algo que envolva a todos. Isto tornou-se uma aspiração e um estilo de vida.” (FT 216). Isso implica tomar iniciativa de aproximação, para conhecer as situações e entender as pessoas, seus pontos de vista, suas realidades sofridas, seus legítimos desejos, seu modo de viver e de entender o mundo. Implica também vencer o isolamento, porque “o isolamento e o fechamento em nós mesmos ou nos próprios interesses nunca serão o caminho para voltar a dar esperança e realizar uma renovação, mas é a proximidade, a cultura do encontro. O isolamento, não; a proximidade, sim. Cultura do confronto, não; cultura do encontro, sim” (FT 30).

3. Uma terceira passagem diz respeito à construção *artesanal* da paz, porque, afinal, tecer relações é um trabalho lento, difícil, meticuloso, paciente, quase invisível. Processos apressados que agrupam só os puros, silenciam reivindicações sociais, impedem confusões incômodas, ou abafam possíveis debates, só conseguem alcançar “consenso de escritório ou uma paz efêmera para uma minoria feliz” (EG 218).

4. Em quarto lugar, criar o hábito de reconhecer o outro, o direito de ser ele próprio, o direito de ser diferente:

Sem este reconhecimento, surgem maneiras subtis de fazer com que o outro perca todo o seu significado, se torne irrelevante, fazer com que na sociedade não lhe seja reconhecido qualquer valor. Por trás da repulsa de certas formas visíveis de violência, muitas vezes esconde-se outra violência mais dissimulada: a daqueles que desprezam o diferente, sobretudo quando as suas reivindicações prejudicam de alguma maneira os próprios interesses. (FT 218).

5. Quinto ponto, é preciso trabalhar para um novo “pacto social” que seja também um “pacto cultural”, que assuma as diversas visões do mundo, as diferentes maneiras de ser e a pluralidade dos projetos de vida. Muitas vezes, diz o Papa, “as boas propostas não são assumidas porque se apresentam com roupagem cultural que não é a deles [dos pobres] e com a qual não se identificam”. Respeitar as culturas é evitar a forma secular de violên-

cia perpetrada pelo Ocidente: “um pacto cultural pressupõe que se renuncie a compreender de maneira monolítica a identidade dum lugar, e exige que se respeite a diversidade, oferecendo-lhe caminhos de promoção e integração social” (FT 220).

6. Sexta exigência, recuperar a amabilidade no trato com as pessoas, cuidando para não as ofender com palavras e gestos, “como tentativa de aliviar o peso dos outros” imposto por uma vida feita de urgências distraídas, de ansiedades introvertidas, de cobranças cruéis que condicionam as relações humanas. “Supõe ‘dizer palavras de incentivo, que reconfortam, consolam, fortalecem, estimulam’, em vez de ‘palavras que humilham, angustiam, irritam, desprezam’”. O “exercício da amabilidade”, insiste Francisco, “transforma profundamente o estilo de vida, as relações sociais, o modo de debater e confrontar as ideias. Facilita a busca de consensos e abre caminhos onde a exasperação destrói todas as pontes” (FT 224).

7. Sétima disposição é favorecer um sentimento de forte pertença das pessoas na sociedade, de modo que cada indivíduo e cada grupo *se sinta verdadeiramente em casa*, ninguém excluído: “uma terra será fecunda, um povo dará frutos e será capaz de gerar o amanhã apenas na medida em que dá vida a relações de pertença entre os seus membros” (FT 53). Por outro lado, essa pertença tem níveis diferentes e interligados: parte do núcleo familiar, passa para o grupo social, nacional, até chegar a “família humana universal” (GS 2): “assim, cada pessoa nascida num determinado contexto sabe que pertence a uma família maior, sem a qual não é possível ter uma compreensão plena de si mesma” (FT 149).

8. Oitava condição é fomentar a participação de todos à construção de uma sociedade mais justa e solidária. Francisco lamenta “como é triste ver que, por detrás de presumíveis obras altruístas, o outro é reduzido à passividade”. Cada ser humano deve ser artífice do seu próprio destino: “o princípio de subsidiariedade [é] inseparável do princípio de solidariedade” (FT 187). Por sua vez, a paz social depende do empenho incansável “de reconhecer, garantir e reconstruir concretamente a dignidade, tantas vezes esquecida ou ignorada, de irmãos nossos, para que

possam sentir-se os principais protagonistas do destino da própria nação” (FT 233).

9. Nono compromisso é representado pela promoção do perdão e da reconciliação, sem escapar do conflito e sem nunca propor o esquecimento. “Sem memória, nunca se avança [...] para que a consciência humana se torne cada vez mais forte contra toda vontade de domínio e destruição” (FT 249). Todavia, “mesmo que haja algo que jamais deve ser tolerado, justificado ou desculpado, todavia podemos perdoar” (FT 250), porque quem perdoa “quebram o círculo vicioso, frenam o avanço das forças da destruição, decidem não continuar a injetar na sociedade a energia da vingança” (FT 251).

10. Enfim, décimo elemento, é sair da mesquinhez e caminhar na esperança.

Convido à esperança que nos fala duma realidade que está enraizada no mais fundo do ser humano, independentemente das circunstâncias concretas e dos condicionamentos históricos em que vive. Fala-nos duma sede, duma aspiração, dum anseio de plenitude, de vida bem-sucedida, de querer agarrar o que é grande, o que enche o coração e eleva o espírito para coisas grandes, como a verdade, a bondade e a beleza, a justiça e o amor. A esperança é ousada, sabe olhar para além das comodidades pessoais, das pequenas seguranças e compensações que reduzem o horizonte, para se abrir aos grandes ideais que tornam a vida mais bela e digna. Caminhemos na esperança! (FT 55)

Ser animados e animadas por uma ousada esperança significa, afinal, ser animados e animadas pelo Espírito de Deus, fonte e princípio do dinamismo vital de toda a criação. É o Espírito que nos impulsiona, nos orienta, nos abre para a transcendência e faz agir, derrubando barreiras e apostando no inesperado. Nenhuma realidade histórica tem a última palavra para quem crê, inclusive a morte: isso significa manter sempre viva nossa esperança contra toda evidência e mesmo contra toda esperança: “a esperança é a última que morre” e “se morrer, ressuscita”, lembrava Dom Pedro Casaldáliga (JÚNIOR, 2019, p. 93).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse último apelo à esperança, porém, não deve ser entendido como improvável fuga diante de uma realidade sombria. A dramaticidade da conjuntura exige encarar a realidade como ela se apresenta, em todo seu angustiante horizonte, propondo possíveis saídas, sabendo que estas serão árduas, arriscadas e talvez improdutivas.

Não há lugar para um insolente e impróprio otimismo, produto de uma irênica e fideísta “síndrome de Poliana”. A realidade que temos diante de nós é a revanche de um perigoso obscurantismo que não comunica valor positivo algum a uma sociedade já mergulhada por sua própria conta num processo de autodestruição. A reação das igrejas é ainda extremamente tímida, fraca, acuada, medrosa, ambígua. Os tempos para os discípulos missionários são de tremenda provação, sempre de crise e oportunidades juntos, sem dúvidas, mas certamente carentes de avanços propositivos e marcados por uma profunda perplexidade.

Esses, contudo, são os tempos em que nos cabe viver e anunciar o Reino. Francisco chegou como uma luz no meio das trevas. Várias outras pequenas luzes podem se acender em nossa realidade com a sábia sementeira de quem espera do chão brotar vida nova. É típico dos profetas antever essa vida nova e colaborar com sua vinda. Movida pelo futuro a profecia é chamada hoje mais do que nunca, a fazer história, a fazer acontecer a missão.

PARA REFLETIR

- O que pode nos sugerir a trajetória de Jair Bolsonaro como político e como figura simbólica?
- Qual motivo de análise do atual retorno da extrema direita lhe chamou mais à atenção? Teria mais alguns que gostaria de levantar ou evidenciar?
- Como deve atuar a pastoral missionária diante da manifestação de pessoas e grupos neoconservadores em nossas comunidades?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMANN, Zygmunt. *Retrotopia*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BETTO, Frei. Não é pandemia, é sindemia. *IHU*, São Leopoldo, RS, 11 de janeiro de 2021. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/606032-nao-e-pandemia-e-sindemia>>. Acesso: 20 fev. 2021.

BOLSONARO, Flávio. *Mito ou verdade*. Jair Messias Bolsonaro. Rio de Janeiro: Altadena, 2017.

CARRANZA, Brenda. O Brasil fundamentalista? *Encontros Teológicos*, Florianópolis, SC, n. 52, ano 24, 1/2009, p. 147-166.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti*. Sobre a fraternidade e a amizade social. Roma, 3 de outubro de 2020. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html>. Acesso: 20 fev 2021.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Roma, 24 de novembro de 2013. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acesso: 20 fev. 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 184 p.

GASPAR, Malu. O fiador. A trajetória e as polêmicas do economista Paulo Guedes, o ultraliberal que se casou por conveniência com Jair Bolsonaro. *Revista Piaui*, São Paulo, edição 144, setembro 2018. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-fiador/>>. Acesso: 20 fev. 2021.

JÚNIOR, Francisco de Aquino. *Teologia em saída para as periferias*. São Paulo: Paulinas, 2019. 251 p.

LAGO, Ivann. *O Jair que há em nós*. Cerro Largo, RS, 28 de fevereiro de 2020. Disponível em: <<https://ivannlago.blogspot.com/2020/02/o-jair-que-ha-em-nos.html?fbclid=IwAR3lMwyoWpPQ0fP5rheMk2QkDpMvcHd0J65RPcyGhUXDJhakMBNNgQhGSJ4>>. Acesso: 20 fev. 2021.

NOLAN, Albert. *Jesus hoje*. Uma espiritualidade de liberdade radical. São Paulo: Paulinas, 2009.

SAVIANO, Roberto. *Zero zero zero*. Tradução de Federico Carotti, Joana Angélica d'Avila Melo, Marcello Lino, Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SEDGWICK, Marc. *Contra o mundo moderno*. O Tradicionalismo e a história intelectual secreta do século XX. Tradução Diogo Rosas. Venezuela: Âyiné, 2021.

SOUZA Jessé. *A classe média no espelho*. Sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018. 276 p.

SOUZA, Marcelo Jorge Pimentel de. Cadete: ides comandar, aprendei a obedecer. O 'mau exemplo' do Exército tornou-se presidente. *Folha de São Paulo*, 1 de novembro de 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2018/11/cadete-ides-comandar-aprendei-a-obedecer.shtml>>. Acesso: 20 fev. 2021.

EUCARISTIA: FUNDAMENTALISMO E LIBERTAÇÃO

Gerardo Custódio Lopez
gerclsx@yahoo.com.mx

RESUMO: Uma pergunta tem surgido no mundo, em relação à religião, que garante que não é mais necessário que a pessoa se sinta completa, satisfeita, realizada. E os que não acreditam na religião, em que acreditam? A cidade tem os seus “ritos e sacramentos” aos quais vão sem falta e, apesar de que a cidade tem de tudo, o ser humano parece fraco, desencantado, cético e muitas vezes sem sentido para a vida. Não vê o futuro, mas o imediato, o que está ao seu alcance, o rápido, o que é tocado e possuído, por isso renuncia a sacrificar-se por si e pelos outros. Hoje vivemos a céu aberto e, a partir daí: o que é transcendente? Como Deus é visto? Jesus viveu o seu tempo e, como ser histórico, adotou os costumes e as formas do seu meio. Sua cultura foi envolvida pela observância da Lei de Deus: o ponto crucial de seu povo. Além disso, superou o que parecia inamovível e deu um curso à história. A Eucaristia representa: a partilha, o seu compromisso pela humanidade, símbolo do novo, presença próxima, alimento que nutre os o mais profundo dos anseios humanos. Este é o mundo em que estamos, onde o ego foi explorado ao máximo, onde a história continua a se emancipar por meio da ciência e coloca em xeque muitas questões que antes eram tidas como certas. Vou tentar expressar neste estudo, um rápido olhar para aquele momento significativo em que Jesus deixou sua família naquela noite antes de dar a vida. É um fato que viveu transformações, discrepâncias e, apesar disso, segue sendo o ponto de renovação e “recriação” para transcender a evolução da história.

ABSTRACT: There is a question in the world regarding whether religion is no longer necessary for the person to feel complete, satisfied, accomplished. Those who do not believe in religion, what do they believe in? The city has its “rites and sacraments” to which everybody attends to without exception and even if the city has everything, the human being presents as weak, disenchant-ed, sceptic, and many times without meaning for life. He does not see the future, but what is in front of him, what he can reach, what comes quick, what he can touch and own; that is why he refuses to sacrifice himself, or to sacrifice himself for others. Today we live outdoors, and from that perspec-

tive, what transcends? How do we see God? Jesus lived in a place and time, and like a historical human being, he adopted the forms and customs of his environment. His culture was immersed in the observance of God's Law, something essential/crucial for the people of his time. However, he broke down what seemed immovable and gave direction to humanity. The Eucharist represents sharing, his commitment to humankind, symbol of what is new, of his close presence, food that nourishes the deepest of human desires. This is the world we live in, a world where the ego has been exploited to the maximum; where history continues to emancipate through science and in checkmate many issues that used to be considered facts. Through this study, I am going to attempt a quick view to that significant moment Jesus left his own the night before giving up his life. It is a fact that has gone through transformations, discrepancies and in spite of it all, it continues to be a point of renewal and "re-creation" to transcend the evolution of history.

1. JESUS USOU SIMBOLOS TRADICIONAIS

Jesus, na Última Ceia, usou os símbolos tradicionais da ceia judaica, para dar um novo sentido à Páscoa que estava para acontecer. Jesus transcenderá os símbolos do seu povo que por muitos anos deram significado à sua história. Ele se torna um divisor de águas, de algo novo, grandioso e que ao longo do tempo deve ser aprofundado para descobrir o real significado desse gesto de Jesus, sem estar ancorado no passado, mas vendo a realidade atual.

Os símbolos tradicionais eram: o cordeiro e o pão ázimo (Ex 12). O sacrifício de um cordeiro era o primeiro símbolo pedindo proteção, fertilidade e conservação do rebanho. Quando estavam nas suas terras, o sacrifício se oferecia no templo e o sangue era aspergido no altar. O animal, sem quebrar os ossos, era assado para comer em casa como sinal e vínculo de união.

O pão ázimo era próprio do meio agrário. Era um símbolo de agradecimento pelos frutos da terra que receberam. Além disso, recordava como Deus os alimentou no deserto. O povo guardou uma rica memória dos fatos ocorridos durante sua longa peregrinação, até chegar a uma terra de liberdade.

As duas festas judaicas se celebravam em tempos diferentes e foi mais tarde que se juntaram. A ceia era em si, a memória daquela grande intervenção de Deus ao tirá-los do Egito (Ex 2,23-25). O povo viveu sob a exploração do império egípcio por cerca de 430 anos e Deus finalmente interveio na sua libertação.

Durante a jornada a sua terra, Deus deu-lhes o maná do céu e foi amadurecendo a sua fé para prepará-los a uma aliança que ia marcar para sempre a história do povo. Deus passou a fazer parte da história deles e a Páscoa tornou-se o alimento sagrado, de modo que comer e participar da refeição pascal significava fazer parte da aliança com Deus. O lugar da celebração era normalmente em Jerusalém, mas logo veio o exílio na Babilônia (586 a 537 a. C.) e o sacrifício foi suspenso devido à destruição do templo.

Jesus toma em conta esses mesmos elementos da tradição, mas acrescenta algo novo e profundo a ela. Doravante, não haverá mais o sacrifício de cordeiros, mas Ele mesmo será o Cordeiro imolado, conforme descrito por Isaías (Is 52,13-53). Ele se converte no novo símbolo onde os seres humanos são reconciliados com Deus em uma aliança eterna. A Última Ceia com seus discípulos, Jesus não a celebra reduzindo-a a uma memória da ceia, observando as rígidas normas judaicas, mas que foi o ponto alto do ministério de Jesus, o símbolo de sua entrega.

A ceia passa a ser: ação de graças, presença, sacrifício, entrega, comunhão, aliança, libertação, perdão, aceitação dos outros como irmãos/as, serviço, festa, unidade, compromisso, alimento que nutre, partilha com ...

esta ceia prolonga e culmina o que Jesus e os apóstolos compartilharam nos três anos: comer com publicanos, prostitutas, pecadores e pessoas de má vida era um sinal de reconciliação, serviço, fraternidade, igualdade, abertura filial a Deus (BOFF, p. 103)

Comer e beber foram um meio para trazer o Reino de Deus a todos os “malditos” segundo o conceito fariseu aplicado aos analfabetos. Antes, Jesus pregava a conversão, e sua mensagem trouxe graves problemas ao grupo e, neste contexto, Ele celebrou a Ceia com os dele: “este homem acolhe os pecadores e come com

eles” (Mc 2,15-16). Esse é o seu Corpo e Sangue oferecidos como resgate por todos. “Façam isso em memória de mim”. Os discípulos assim o entenderam e essa será a sua missão a partir de agora, continuar com a prática libertadora de Jesus, o Cordeiro que dá a vida por todos, dando à ceia pascal, um sentido de plenitude para aqueles que comem e bebem dEle.

O cordeiro se converte em alimento quando é abatido. Jesus morreu pelos outros para saciar a fome e a sede, para que já não voltem a ter mais fome e sede de novo. No final da ceia, assume o lugar de um servo, o escravo, o último, da pessoa com menos direitos, antes de sair para oferecer sua própria vida. Ele é, então, o pão que dá vida, que se doa aos pobres, às viúvas, aos migrantes, aos órfãos, como na cena da multiplicação, que faz possível, que a multidão fique satisfeita e ainda sobre.

Jesus não morreu, mas foi levado à morte, o que significa que lhe foi negada a vida. A morte é resultado do pecado (AVILA, p. 46). *Este é o meu Corpo, este é o meu Sangue, entregues pela humanidade.* Não é, portanto, um rito simbólico que se repete. Jesus sofreu contradição, oposição e rejeição ao proclamar a Boa Nova (MAHONY, p. 54).

A Ceia de Jesus não está vinculada a ser celebrada no templo, nem em um lugar específico. Mais do que o templo, o ser humano é o lugar de Deus, as pedras vivas (cf. 1Pd 2,5; Jo 4,20-21) (AVILA, p. 48).

Jesus faz menção do corpo que se entrega por vocês e do sangue que se derrama ... a morte de Jesus, como de fato aconteceu, não foi uma cerimônia de culto, mas uma realidade existencial, crua e brutal, na medida em que foi nada mais nada menos, a execução de um condenado à morte. A Eucaristia se entende como o sinal que expressa a entrega incondicional, a atitude do Servo sofredor que se solidariza com todos os que sofrem e com os sofredores deste mundo (CASTELO, p. 168-169).

Os discípulos sabem que, a partir de agora, sua vida entra em um contexto de risco para estabelecer o Reino de Deus, porque as estruturas, o sistema que oprime não ficará em paz, como de fato vai acontecer com as comunidades cristãs que foram perseguidas.

Para as primeiras comunidades, a cerimônia do pão partido, estava intimamente relacionada com a partilha desse pão. A Eucaristia não significava apenas uma mera cerimônia ritual. Eles compartilharam o que possuíam de maneira que não houvesse ninguém com necessidade (At 4,34). Assim como Jesus relacionou o sentido do pão e do vinho com o ser mesmo que se doa e se oferece, o que constitui um supremo ato de entrega pelos outros. Ele foi capaz de suportar uma intensa dor em sua mente e corpo para ser credível seu testemunho e sua mensagem de que o amor de Deus exige justiça e verdade (BALASURIYA, p. 80).

A comunidade era essencialmente uma comunidade eucarística, porque excluía aqueles que tinham rompido com a comunidade pelos pecados, escândalos que corrompiam a convivência saudável. Entre esses pecados estava a ganância e a injustiça. Quem prejudicar a vida ou os bens alhos não podia ser admitido à Eucaristia. Não se permitia o atropelo de um contra o outro (CASTILLO, p. 151).

Na Última Ceia, Jesus vive aquele momento no contexto da oração, antes das refeições, rodeado pelos seus amigos, como uma família, sem ornamentos litúrgicos ou vasos sagrados. A novidade foi seu compromisso com a salvação da humanidade. No amor, Ele se ofereceu e Ele, o sacerdote, foi ao mesmo tempo a vítima (BALASURIYA, p. 22). A vítima não está ressentida, nem vai voltar para se vingar de seus verdugos. «A minha paz vos deixo, a minha paz vos dou» (Jo 20,19) «Se vos baterem, apresenta-lhe também o outro» (Mt 5,39). Jesus rompe a cadeia negativa do ódio e vingança que se transmite constantemente gerando violência e morte.

Tudo isso aconteceu fora do templo oficial. Num clima de cordialidade, estabelece a nova família de Jesus, a sua Igreja. Isso foi visto e praticado pelos discípulos quando os diferentes grupos de crentes foram formados, nas casas particulares para partir o pão. Essa nova situação era necessária para libertar o evangelho da identificação inicial que o povo fazia com a religião judaica: as perseguições, a pregação aos gentios e o contato com as ou-

tras culturas. Por causa disso, os apóstolos foram expulsos de seu território “Por que impor cargas e restrições desnecessárias aos gentios...?” Paulo dirá: “Não têm o direito de fazer que os pagãos copiem as formas judaicas” (Gl 2,11-14; At 15,10).

Por que Jesus fez uma coisa tão significativa fora do Templo? O templo era a instituição mais importante da época, com enorme renda, de onde moravam os sacerdotes e os funcionários. Um sistema de discriminação era aplicado. O templo refletia a situação do país: econômica, política e religiosamente. A fome de muitos, a corrupção de outros e um anúncio que propõe uma renovação de vida, se enfrentaram (ECHEGARAY, p. 85-88).

2. 1492: TEMPOS DIFÍCEIS

A partir do segundo milênio e depois de 800 anos de dominação árabe na península Ibérica, a celebração da Eucaristia já era muito diferente em sentido e forma. O padre era um importante funcionário, rezava em língua estrangeira, às vezes em silêncio, sem ver a assembleia, dividida em espaços diferentes, o “santo” separado dos “não santos”, ninguém podia entender o que o padre fazia porque estava de costas, como se cobrisse com o seu corpo, só havia movimentos e gestos que chamavam a atenção, tocava um sininho para alertar que os momentos culminantes estavam ocorrendo. As mulheres tinham proibido de participar ativamente das celebrações, em filas separadas, além de uma série de recomendações para elas.

Naquele tempo, houve tentativas de reformar e sair desse pesado molde. Temos, por exemplo, Erasmo de Rotterdam, que lutou contra a força da instituição para aproximar a liturgia e a Palavra de Deus do povo. Traduziu o Novo Testamento para o latim, que era uma língua mais próxima e precisa para as pessoas da Holanda e Europa. Ele notou o profundo rigorismo da espiritualidade católica. Sua pregação e trabalho foram dedicados a levar as pessoas a uma melhor compreensão das verdades da fé, mas se encontrou com a força oposta de muitos bispos do século

XVI. Os ritos angustiantes tornavam as celebrações ininteligíveis para o povo. O seu ideal consistia em fazer descobrir a Cristo para as pessoas, fazendo o Evangelho acessível a todas as pessoas e em todas as línguas possíveis (ERASMO DE RÓTERDAM)

Por sua vez, na Espanha, os reis depositam toda a sua confiança na teologia de Ginés de Sepúlveda que, em suas várias obras, afirma a guerra justa contra as terras recém-descobertas na América. Para ele, há total compatibilidade entre a arte da guerra e a religião cristã, primeiro contra os turcos, que tinham sido expulsos recentemente da Espanha, depois no novo continente do qual, dizia, os reis têm legítima posse. Ele afirmava:

Com perfeito direito os espanhóis governam sobre esses bárbaros do Novo Mundo, que em prudência, engenho, virtude e humanidade são tão inferiores aos espanhóis como as crianças aos adultos e as mulheres aos varões, ou os negros aos brancos, tendo entre eles tanta diferença como a que vai de pessoas ferozes e cruéis a pessoas mais clementes. Os habitantes da América são inumanos e não tem por que se recusar a admitir o império da Espanha (SEPÚLVEDA – LAS CASAS).

Em consonância com Ginés de Sepúlveda, Toledo declara: “Aos que nem mesmo sabem que são seres humanos, convém que sejam dadas normas de conduta social que só podem ser europeias. Qualquer outra forma de viver em sociedade é inferior e nem mesmo humano. “Sem a ajuda dos europeus, os índios não estariam em condições de viver de maneira humana e cristã”. (GUTIERREZ, p. 99-101).

Eram tempos em que a liturgia se tinha transformado excessivamente em algo individualista: devoções, novenas, indulgências, piedade religiosa, estipêndios especiais, separação da fé e vida. Todo mundo podia vir para receber o Corpo de Cristo, patrões e empregados, sem nenhuma objeção de consciência, os soldados poderiam participar e saindo poderiam ir escravizar e matar os indígenas. O sentido da Eucaristia se tinha distanciado do sentido original que Jesus lhe deu que não se importava com a exploração: ia lado a lado evangelizadores e conquistadores, igreja e imperialismo, ouro roubado manchado de sangue para enfeitar

as igrejas. A Eucaristia era uma cerimônia real em que a pregação consistia na submissão e obediência (BALASURIYA, p. 25-26).

A celebração da Eucaristia era levada pelos missionários a qualquer parte do mundo com um único modelo. O vinho para a missa devia vir da Europa. Colonizadores e colonizados ficavam na mesma mesa, enquanto o furto seguia seu curso. Os novos batizados pensavam que essa era a maneira de ser cristão. Era um sistema brutal (embora nem todos fossem dessa maneira) (BALASURIYA, p. 4). Assim, durante séculos, a Eucaristia era um espetáculo ao que se devia assistir. Os participantes vinham ver os outros, com roupas, gestos e reverências, para cumprir (HELLWIG, p. 2).

3. UMA NOVA ETAPA EMERGE: OS DOMINICANOS E BARTOLOMÉ DE LAS CASAS

Os missionários dominicanos chegaram ao continente americano, mais especificamente a Santo Domingo, na República Dominicana, desde os primeiros anos da chegada das expedições a essas terras. Eles foram testemunhas desde o início, por meio da Encomenda, a população local, que tinha sido conquistada, era distribuída entre os conquistadores e religiosos, para todos os tipos de serviço e trabalho nas suas terras. Apenas buscavam ficar ricos com o sangue daqueles miseráveis. Milhares de índios desapareceram conforme o passar do tempo (GUTIÉRREZ, 10).

Apresento dois casos do século XVI, onde o sentido da Eucaristia parece ressurgir novamente diante de um grave problema que se estava vivendo no Continente. Um dia, no quarto domingo do Advento de 1511, a comunidade dos religiosos decidiu dar uma mensagem à população durante a celebração eucarística. Para isso, eles convidaram as pessoas mais importantes da Ilha para participarem da celebração. A comunidade dominicana escolheu o Pe. Antônio de Montesinos para pregar a mensagem que seria dirigida à assembleia. Eis uma parte da homilia:

Todos estão em pecado mortal e nele vivem e morrem pela crueldade e tirania que usam contra essas pessoas inocentes. Digam, com que direito e justiça têm em tão cruel e horrível servidão a esses índios? Com que autoridade fizeram tão detestáveis guerras contra essas pessoas que estavam em suas terras mansas e pacíficas, com mortes e devastação nunca ouvidas? Como os mantêm tão oprimidos e fátigados sem alimentá-los ou curá-los das suas doenças, que dos excessivos trabalhos que lhes dão eles morrem, ou melhor dito, os matam para extrair ouro cada o dia? Não são homens com alma? Não devem amá-los como a si mesmo? Não sente isso? Tenham certeza de que nesta situação não é que eles tenham muita mais chance de se salvar do que os mouros ou turcos que carecem e não querem a fé de Jesus Cristo (GUTIÉRREZ, 29-30).

Qual foi a reação dos assistentes?

Decidem ir repreender o pregador Antônio de Montesinos e os demais, se não o punissem como homem escandaloso, semeador de doutrina nova, nunca ouvida, condenando a todos e o que havia dito contra o rei e seu senhorio, que ele tinha nessas índias, afirmando que não podiam ter aos índios (GUTIÉRREZ, p. 33).

Onde estaria a falha da comunidade, de acordo com os acusadores? A novidade não era outra, mas afirmar que “matar essas pessoas é mais pecado do que matar percevejos”. Foi isso que escandalizou a presente assembleia (GUTIÉRREZ, p. 34). A comunidade religiosa tinha plena consciência de que ir à missa e oprimir as pessoas não eram duas coisas completamente diferentes. A Eucaristia é fonte de salvação e não de morte.

A raiz deste acontecimento que manifestava que a Ceia do Senhor não pode ser reduzida a um simples rito, mas é uma fonte de conversão e de nova vida, poucos anos depois, encontramos outro fato importante, onde a própria celebração provocou enormes mudanças em algumas pessoas a favor da justiça.

Bartolomeu de las Casas era um missionário que tinha vindo às Índias em busca de fortuna. Ele foi convidado a fazer uma celebração, como era costume, para alguns crentes. Ele chegou a saber da mensagem dirigida pelos dominicanos aos patrões das fazendas. Ele, então, estava preparando uma homilia para tal celebração quando a passagem da leitura foi o seguinte:

Dar a Deus uma coisa mal adquirida é uma oferta suja; nem são aceitos os dons dos malvados; O Altíssimo não aceita as ofertas dos ímpios, nem pelos muitos sacrifícios lhes perdoa seus pecados; quem tira aos pobres para oferecer um sacrifício é como sacrificar um filho diante de seu pai. O pão da esmola é a vida do pobre; quem o tira dele é um assassino; mata a seu próximo quem lhe tira os meios para sobreviver, quem não paga o salário justo derrama sangue (Eclo 34,18-22).

Bartolomeu simplesmente não conseguiu dizer essa missa. Desde então, a primeira coisa que fez foi libertar seus serventes que lhe foram outorgados para o trabalho e serviço de suas terras. Foi o início de uma mudança e de uma vida nova. Ele chegou a compreender a relação profunda que há entre a Eucaristia, que renova a entrega do Senhor dando sua vida e derramando o próprio sangue pela redenção dos outros e sendo coerente com o que se celebra: Jesus e o ser humano; graça e dor; fé e justiça; doze anos sendo cúmplice de muitas mortes e ser um autêntico seguidor de Jesus; o Cordeiro que se oferece e a vida do próximo; Jesus pão da vida e o pão roubado dos outros (DUSSEL, p. 236-249).

Las Casas disse:

Mais vale a liberdade e a saúde corporal dos infiéis do que fazer deles, cristãos cativos e destinados à morte... agora os índios têm mais a forma de mortos pintados do que de homens vivos (GUTTIÉRREZ, p. 44-46).

A partir de então, o frei Bartolomeu se dedicou pelo resto de sua vida, para viver com decisão o que o tinha levado a deixar de ser dono de terras, que era e se dedicar à defesa dos direitos da população local. Esse texto e aquela Eucaristia, tinha dado um novo rumo à sua vida. Doravante, para ele, o pão eucarístico era o pão da vida, a vida concreta das pessoas oprimidas pela fome, pela injustiça, pela doença e por tantas mortes. Tinha entendido que a Eucaristia não é idolatria, não era sacrificar diante do ídolo da ganância, o sangue daquelas pessoas, coisa que antes não o questionava. Eucaristia é pão e pão é vida, sobretudo para as pessoas que sofrem com a dor da escravidão e roubar o pão que lhes pertence, significa a morte, como dizia o texto do Eclesiástico. Por acaso, pode ser oferecido como pão eucarístico, o fruto

roubado dos pobres, a setores de pessoas sem qualquer seguro ou a nações sem desenvolvimento, onde estruturalmente se despoja ao trabalhador? Não se mancha todo o pão e impede que se tenha um pão de justiça que possa ser oferecido a Deus?

4. RITUALISMO, FUNDAMENTALISMO: UM MUNDO SEM DEUS?

Eram os tempos da Reforma com o Protestantismo. A Igreja Católica se aferrava como único meio de salvação e a doutrina do tempo que justificava essa maneira de pensar e agir. São Francisco Xavier foi para o oriente com essa mentalidade de salvar almas para Deus; Roberto Belarmino falava da Igreja como a sociedade perfeita. A forma de chegar às pessoas era como à defensiva e seu estilo era apologético. Na missão tudo se reduzia à exposição e aprendizado da doutrina. Era preciso distinguir o primário do secundário: o evangelho do cultural. Com essa mentalidade se evangelizava, quando acontece que o mundo ocidental encontra novas terras na América.

Por vários séculos e antes do Concílio Vaticano II (1962-1965), o rito da Eucaristia permaneceu no mesmo formato. Foi estabelecido pela autoridade eclesiástica: leituras, gestos apropriados, rubricas, vestimentas, palavras, festas, música, arte, clero, eleição de bispos, etc. A missa levava pouco em conta à vida concreta e às situações que viviam as pessoas, parecia que a celebração acontecia fora da história. As discussões teológicas e litúrgicas tinham-se centrado nas palavras rituais, gestos e condições do celebrante, deixando de lado como encarnar a Ceia do Senhor na vida quotidiana. Nada poderia ser mudado (SCHUSSLER, p. 152).

O papel que Jesus desempenha na celebração tinha ficado do significado original. A divisão entre pão e vinho, corpo e alma, religioso e social, como entidades separadas, trouxeram tremendas repercussões. O sentido original é a unidade, onde um sem o outro não é possível. A liturgia deveria refletir o pluralismo das várias situações no mundo, a encarnação real no tempo e no espaço (AVILA, p. 66).

Alguém pode se perguntar por que essa mudança dos tempos iniciais para aqueles que se viram no século 16 ou posteriormente. Ao tentar entender as mudanças positivas ou negativas na religião, Gustavo Bueno nos diz o seguinte:

Com o passar dos séculos, ao longo dos quais as sociedades humanas vão incrementando, ainda que lentamente, sua demografia, mas, sobretudo, vão se estruturando como sociedades urbanas (políticas), o “jogo dos fatores” da civilização, deslocará aos fatores religiosos do lugar central que lhes correspondeu em etapas anteriores. Contudo, não tanto porque as novas formas de religiosidade perdem peso no processo de gravitação evolutiva, mas porque esse peso relativo será compartilhado pelo peso de outros fatores que têm se diferenciando, como os tecnológicos ou políticos a serviço dos quais começarão a dispor de muitos dos fatores religiosos herdados, experimentando por sua vez, as transformações correspondentes....

O mundo continua seu caminho, seu desenvolvimento e tomando isso como referência, poderíamos nos perguntar as consequências de acontecimentos da história antiga, por exemplo, o decreto do rei Dario: “A todos os povos, tribos e línguas que habitam o Terra inteira ... Ordeno e mando: que em meu império todos respeitem e temam ao Deus de Daniel. Ele é o Deus vivo que sempre permanece. Seu reino não será destruído, seu império dura até o fim (Dn 6,26-27). E do mesmo modo, outros imperadores como Constantino e reis como os Reis Católicos, ao longo do tempo, quando decidiram que seus súditos teriam as mesmas crenças que vinham da autoridade. Quais foram suas consequências?

A Igreja Católica sem dúvida ofereceu, mediante planejamentos e programas pertinentes, o único mapa-múndi disponível, e sem o qual a “evolução humana” teria parado ou se desenvolvido em diferentes direções. Diante dessa evolução, alguns racionalistas pensam que a era das religiões já pode ser considerada como morta, como uma época passada na história do gênero humano, esperando que a ciência e a tecnologia tomem as rédeas da humanidade. Outros pensam que os Direitos Humanos devem substituir os artigos de fé e que a solidariedade humana e a filantropia devem substituir a caridade cristã. Diante disso que estamos vendo

no desenvolvimento do mundo, “não compartilhamos de forma alguma a suposição de que as ciências positivas e as tecnologias tenham controlado as claves do universo e da sociedade. Este fundamentalismo científico, nada mais é do que a ideologia própria de determinadas comunidades científicas ou grupos” (BUENO).

De que maneira o fundamentalismo tem influenciado o curso da religião e da história? Por fundamentalismo entendemos o fenômeno que pretende absolutizar a verdade, a religião, a cultura, etc., querendo se impor, ainda que pela força, como único e universalmente válido (TAMAYO, p. 17). A palavra fundamentalismo nasceu como em um ambiente religioso muito concreto: o protestantismo nos Estados Unidos no início do século XX, com a finalidade de defender os pontos “fundamentais” da fé cristã ameaçados pelo liberalismo (TAMAYO, p. 75). De lá para cá, a história é rica em exemplos de dirigentes políticos que impuseram ditaduras aplicando seus critérios pessoais como norma geral.

O teólogo D. Bonhoeffer escreve: nos encaminhamos para uma época totalmente irreligiosa. Os homens, tal como são agora, não podem seguir sendo religiosos. Inclusive aqueles que sinceramente se qualificam de religiosos, já não praticam mais sua religião. Em outras palavras, caminhamos para um mundo adulto e maior de idade, que já não vai precisar mais da hipótese de Deus para explicar o mundo. Que sentido terá a vida cristã, a oração e a liturgia em um mundo não religioso? Tem que viver no mundo como se Deus não existisse. Ser cristão não significa ser religioso de certa maneira, mas ser homem, o homem que Cristo cria em nós (TAMAYO p. 26-29).

O secularismo insiste que a religião deixe de ocupar o centro e passe para a periferia, abandone as posições da cabeça e se coloque na fila ou às margens. O lugar de honra foi preenchido pela ciência e economia. A ciência se converteu numa espécie de absoluto que desfruta dos atributos das deidades. O seu propósito é dominar o mundo no desejo de conquistar, não se contenta em se apropriar da natureza convertendo-a em instrumento para os seus fins, mas procura dominar aos seres humanos, que deixam de ser fim para

se tornar meios. A razão se submete à ciência, assim, o sujeito da economia não é mais a pessoa, mas o capital que domina os sujeitos humanos, passando a ser a nova religião de todos os dias. O principal motor é o lucro e a meta última é a riqueza, a religião de mercado diante da qual são sacrificadas vidas humanas.

Não é possível se apoiar com esses fundamentos para deduzir deles o futuro da influência das religiões na evolução humana. Também não podemos pensar que a ciência ou a economia podem lidar o destino da humanidade, que é considerada por outros como um claro fundamentalismo científico, fruto de algumas comunidades ou grupos, propondo a substituição das estruturas religiosas por estruturas técnico-científicas (TAMAYO, p. 30).

Atualmente, o último reduto da religião é a família, a qual o fundamentalismo e o secularismo seguirão a atacar, pondo à própria autoconsciência como juiz supremo da conduta humana, sem buscar ser retificada por nenhuma instância. Há um século, o filósofo Nietzsche falava da morte de Deus, o que hoje muitos confirmam dizendo que Deus morreu no cosmos, na história, na nossa existência (TAMAYO, p. 30-32).

Por outro lado, não devemos ter medo de “purificar” a religião. Por exemplo, o mundo é uma realidade criada, sem caráter sagrado, nem são deuses a lua, o sol, as estrelas como eram em outras religiões. O Deus criador não se confunde com a criação nem se dilui nela ... mas mantém sua independência, autonomia e transcendência. A mesma Bíblia estabelece as bases para distinguir o transcendente do criado. Portanto, o que não muda é o que diz respeito à essência de Deus, tudo o demais pode se adaptar à mudança e à sua e constante evolução. Deus assume o mundo como outro, distinto dele, não como prolongação divina (TAMAYO, p. 35-36).

Hoje, três quartas partes da população mundial segue alguma religião. Eles sabem que a racionalidade técnico-científica não atinge nem preenche a profundidade da pessoa. Há um despertar para uma espiritualidade que lhe dê sentido à vida e a constante produção de bens que são criados para diversas finalidades e apli-

cados como substitutos da felicidade. Há quem retorna à religião para se proteger do vazio espiritual e da frieza com que os agrega a racionalidade técnico-científica, alheia às questões profundas do ser humano.

O fundamentalismo seguiu sua marcha e influenciou a religiosidade popular, que, embora parcialmente, ainda está viva como componente da identidade cultural. Infelizmente, as pessoas veem os sacramentos como ritos mágicos. Eles foram ensinados dessa maneira, a ver o divino sem relação com os eventos históricos. Como se a ação de Deus estivesse limitada a certos espaços “sagrados”, papéis, palavras ou grupos de pessoas. Além dos sacramentos, também a moral, a doutrina... são como duas esferas da pessoa. Por essa razão se desencontram dos problemas reais da vida e vice-versa, muitas pessoas não querem saber de religião porque parecem andar nas nuvens (Mc KENNA, p. 299).

Além disso, nos encontramos diante um dilema. Os grandes contrastes entre o que se vive no mundo e os valores da Eucaristia. A Eucaristia constrói comunidade enquanto o mundo vive no individualismo; a Eucaristia é universal enquanto o sistema é racista. A Eucaristia chama para o serviço e o mundo chama buscar o poder. A Eucaristia é pão compartilhado e as empresas transnacionais fazem do pão o seu negócio. A Eucaristia proclama uma só pátria e os poderosos compram e conquistam mais terras fechando as fronteiras. Os cristãos estão presentes em ambos os lados, ou seja, a Eucaristia e a exploração estão nas mãos dos próprios cristãos (BALASURIYA, p. 135-136).

5. PARA UMA LIBERTAÇÃO

Os fundamentalistas consideram responsável o Vaticano II pelo relaxamento dos costumes e pela perda de força da Igreja, onde a moralidade é denegrida, a disciplina não é cumprida, os dogmas são anulados, a consciência é absolutizada. Ele é acusado de se aproximar demasiado ao ateísmo e aos padres de levar uma vida secularizada ... o princípio da autoridade foi sufocado. A ética civil substituiu a ética religiosa, a identidade cristã foi confundida com a identidade humana e a teologia se dissolveu

em sociologia e antropologia. A liberdade de consciência leva à eliminação da moral (TAMAYO, p. 39).

A partir da década de 1970 na América Latina, a administração norte-americana viu com preocupação a crescente influência dos movimentos católicos que questionavam o tipo e a presença da sua política no continente. Através do relatório Rockefeller alertou desse perigo, especialmente contra as Comunidades de Base e a Teologia da Libertação (TAMAYO p. 80).

Embora o Concílio abra a perspectiva de mudança, o longo pontificado de João Paulo II, através do programa da nova evangelização desenhado pelo Card. Ratzinger e posto em prática por alguns movimentos como Opus Dei, Comunhão e Libertação, Neocatecumenais, Legionários de Cristo ..., desviaram a atenção de sacudir o fundamentalismo dentro da Igreja. G. Bachl atribui a responsabilidade pela morte de Deus às testemunhas oficiais que seguem empenhados em salvar a onipotência, a bondade e a justiça de Deus, sem atender à lógica da história (TAMAYO, p. 85).

H. Cox defende a recuperação da religião do povo com sua riqueza simbólica, cerimonial, lúdica e festiva como canal de libertação. A fé dos pobres não é só ópio, mas também grito. A religião às vezes é a única maneira de uma cultura derrotada de apresentar sua história e suas esperanças em tempos difíceis. A religião é um privilégio e inapagável, testemunho coletivo, através do qual se afirma a identidade e a dignidade de toda uma comunidade. É a etapa da Igreja verdadeira depois da Cristandade (TAMAYO, p. 65-72).

Apesar disso, na Igreja tem surgido sinais de esperança ao longo deste tempo, diante do Concílio, o Reino de Deus e a história humana tiveram uma reaproximação, como afirma o Papa Paulo VI na Carta Apostólica *Octogesima Adveniens*. Congar, o teólogo da Igreja, nos diz: A tradição é constitutiva para as pessoas individuais como coletivas, mas deve ser contextualizada no presente, valorizada na sua ambiguidade, analisada criticamente e assumida a partir da liberdade. Não se pode dar soluções às perguntas do presente com respostas do passado e menos ainda, entender o futuro como a soma ou repetição do passado. É ne-

cessária uma certa reformulação das crenças, conforme com as mudanças culturais.

Um caminho para a libertação é que, embora a tradição seja importante como o foi para Jesus a tradição judaica antiga, Ele superou o arcaico para dar a tudo um novo sentido de libertação e sem ressentimento aos símbolos do acontecimento mais importante do Judaísmo: a Páscoa. Dentro da estrutura da ceia pascal, Jesus tomou os símbolos tradicionais que não faltavam como o cordeiro, o pão e o vinho para identificá-los consigo mesmo, com a sua vida, com a sua morte e ressurreição. Compartilhando estes dons com os seus discípulos, ele se dá, mas ao mesmo tempo, incorpora aqueles que participam do alimento da ceia no seu projeto que se renova na vida e na história (SEASOLTZ, p. 519).

Um dos primeiros exemplos desta superação tradicional é que João em seu Evangelho não menciona a instituição da Eucaristia como os outros, mas menciona o lava-pés... “Façam isto... significa entrar em contato com a terra, com o sujo, com a posição da humildade, pouca dignidade e exclusão (SEASOLTZ, p. 522). Além do mais, João acrescenta o mandamento do amor do qual se seguem três condições: um sinal de união e de vida da comunidade; solidariedade com os mais necessitados; serviço aos irmãos/irmãs. Tudo isso é para os fiéis que se comprometem a formar uma sociedade mais justa e fraterna (CASTILLO, p. 169).

A mensagem de Jesus rompe as barreiras entre as classes sociais, entre Israel e as nações pagãs. Quer dizer, vai contra todo convênio religioso que pretende absolutizar seus privilégios acima dos demais. Desta maneira, Jesus lhes está dizendo aos discípulos que a Páscoa assume um novo significado de maior relevância: lutar pela libertação humana integral; é um símbolo da unidade dos participantes na mesma missão; a Páscoa é um sinal de libertação feito por Deus; é um sinal de seu sacrifício: morte e ressurreição; é a renovação da aliança; é uma oração e oferta; é o ponto de união da nova comunidade (fr. BALASURIYA, 16-22).

Jesus instituiu a Eucaristia numa refeição e como refeição fora do templo (Mc 14,14-15). É uma refeição compartilhada onde

todos comem do mesmo pão e do mesmo copo, é feito em casa, num ambiente de alegria e comunhão de bens. A ceia tem como contexto a práxis das refeições de Jesus com diferentes tipos de pessoas. Na mentalidade judaica significava solidariedade com os comensais e o ensinamento evangélico, que pede que seja posto em prática com os “rejeitados” deste mundo. O corpo que se entrega e o sangue que se derrama não é um ato de culto, mas a dura realidade da execução de um condenado à morte. A Eucaristia é sinal que expressa a entrega incondicional, o Servo sofredor que se solidariza com os sofredores deste mundo (CASTILLO, p. 166-167).

Jesus ressuscitado se apresenta no meio deles. Ele havia morrido e eles estavam envergonhados pela sua falta de valor de se identificarem como parte do grupo de Jesus, visto que tinham se dispersado (Mc 14,50). Agora Ele se apresenta para não ir embora mais. Eles recebem de novo a confiança apesar de suas limitações, mas Jesus confia neles. De certa forma, eles são recriados e isso os enche de alegria, uma alegria que ninguém pode tirar deles. Esse é o efeito da Eucaristia: recriar. Assim, Jesus cria uma comunidade onde as classes sociais são abolidas, porque não há mais judeu ou grego, homem ou mulher, escravo ou livre... porque comendo e bebendo de Jesus=pão e vinho, a comunidade se faz uma Nele (SEASOLTZ, p. 519).

CONCLUSÃO

Estamos em uma etapa da história que tudo muda rapidamente. Como missionários, não podemos ficar presos a uma teologia que não se atualiza permanecendo ancorados no passado. Nosso discurso deve responder ao que o ser humano de hoje precisa, sem perder a originalidade da mensagem de Jesus. O Papa Francisco assim o dá a entender quando ao falarmos de temas deste tempo. O retorno à pátria, do povo eleito, constituía parte da experiência pascal, com repercussões de cuidar daquela terra prometida, de cuidar do mundo, de cuidar do planeta (Encíclica *Laudato Si*).

No México e em muitos países, vivemos em um estado de morte, guerra, doença e sem sossego para sair de tanta corrupção.

O compromisso de Jesus vai pelo estabelecimento do Reino na linha de viver uma vida na justiça, na solidariedade, na construção de uma terra de fraternidade e de paz, “uma terra sem males”. Somos missionários do mundo e para o mundo. Precisamos fazer a proposta como parte desse anúncio esperançoso para nossos povos, que estão unidos à mesa do Cordeiro que se dá como Pão, como alimento.

Porém, devemos adotar uma atitude de prudência para evitar toda a generalização sem fundamento, sugerir em vez de afirmar com determinação, insinuar em vez de impor afirmações contundentes, oferecer pistas em vez de estabelecer seguranças e expor dúvidas em vez de proclamar certezas; a prudência pede que fuçamos daquele perigo tão humano e ao mesmo tempo, tão distorcido da realidade. A nossa única certeza firme é fazer chegar a proposta de Jesus aos tempos de hoje e que o nosso mundo acolha, em liberdade, o compromisso de construir “novos céus e uma nova terra”, que nos abrace a todos como irmãos e irmãs e possamos fazer do mundo uma só família, como o Pão que é doado e partilhado para o alimento da humanidade.

PARA REFLETIR

- De que maneira podemos apresentar Jesus como alimento que nutre as aspirações do ser humano?
- Que desafios nos apresenta um mundo que muda tão rápido?
- Como missionários e missionárias que somos, que fundamentalismos podemos detectar dentro de nós e de nossas comunidades?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVILA, Rafael. *Worship and Politics*. Maryknoll: Orbis, 1981.

BALASURIYA, Tissa. *The Eucharist and human liberation*. Maryknoll: Orbis, 1979.

BOFF, Leonardo. *Desde el lugar del pobre*. Madrid: Sal Terrae, 1981.

BUENO, Gustavo. La Religión en la Evolución Humana. Apartado III, punto 6. Disponível em: <<http://www.filosofia.org/aut/gbm/2001rel.htm>>. Acesso: 20/02/2021.

CASTILLO, José María. Fe y Justicia. Ed. Sígueme, 1981.

CONGAR, Y. M. La Tradición y las tradiciones. San Sebastián: Dinor, 1964.

COX, Harvey. La Seducción del Espíritu. Uso y abuso de la religión del pueblo. Sal Terrae, Santander, 1979.

DUSSEL, Enrique. El Pan de la Celebración, signo comunitario de justicia. Concilium 172, 1982.

ECHEGARAY, Hugo. La práctica de Jesús. Lima: CEP, 1981.

ERASMO DE RÓTERDAM. La lucha contra la disciplina y las instituciones. Disponível em: <https://es.wikipedia.org/wiki/Erasmus_de_R%C3%B3terdam>. Acesso: 20/02/2021.

GUTIÉRREZ, Gustavo. Dios o el Oro en las Indias. Lima: Instituto Bartolomé de las Casas - Rímac: Centro de Estudios y Publicaciones, 1989.

HELLWIG, Monica. The Eucharist and Human Liberation. New York, 1976.

MAHONY, Roger. Eucharist and Social Justice. Worship, January 1983

MC KENNA, John. Liturgy: Towards Liberation and Oppression. Worship 56, July 1982.

SCHUSSLER, Fiorenza. Compartir la Mesa y Celebrar la Eucaristía. Concilium 172, 1982.

SEASOLTZ, Kevin. Justice and Eucharist. Worship 58, November 1984.

SEPÚLVEDA – LAS CASAS. El debate que paralizó la conquista. Disponível em: <https://www.teinteresa.es/cultura/Sepulveda-Las-Casas-debate-paralizo-conquista_0_1185483250.html>. Acesso: 02/02/2021.

TAMAYO, Juan José. Fundamentalismos y Diálogos entre Religiones. Madrid: Ed. Trotta, 2004.

DECOLONIZAR

O QUE FOI COLONIZADO

Tea Frigerio
t_frigerio@hotmail.com

RESUMO: O presente trabalho usará a ferramenta da exegese bíblica feminista para desfiar alguns textos/tecidos e descobrir os diferentes tipos de cores e texturas dos fios que os teceram. Uma provocação que o método hermenêutico feminista orienta é de “suspeitar”. O escrito então se interroga: Gl 3,26-28 era uma profissão batismal que assumia radicalmente a proposta de Jesus, porque desde o início foi combatida, mutilada e silenciada? O que levou o autor da Primeira Carta a Timóteo falar tão duramente as mulheres de sua comunidade? O pensamento paulino sobre a mulher, foi utilizado pelas igrejas como argumento para a inferioridade, submissão e exclusão da mulher. Na realidade, os escritos autênticos de Paulo promovem a superação das diferenças entre etnia, classe e gênero, para sermos “todos um em Cristo” (Gl 3,28). Parece, porém, que a igualdade entre o homem e a mulher não vingou na tradição eclesial, recompactada dentro do patriarcalismo imperial. O escrito faz um convite: urge resgatar a memória silenciada das mulheres no Movimento de Jesus e no Movimento missionário cristão.

ABSTRACT: In this article an instrument from the Feminist Biblical Exegesis will be used to challenge some texts/weavings in order to discover different types of color and textures of the threads that are woven together. “Suspect” is a provocation of the Feminist Hermeneutic method. So the writing in this article questions: was Galatians 3,26-28 a baptismal profession which assumed a proposal of Jesus, because from the beginning it was contested, cut and silenced? What caused the author of the First Letter to Timothy to speak so harshly to the women of his community? The Pauline thought about women was used by the churches as an argument for the inferiority, submission and exclusion of the woman. In reality, the authentic writings of Paul promote a great amount of differences among ethnic, class and gender, so that we be “all one in Christ” (Gal 3,28). However, it seems that the equality between a man and a woman did not take hold in the ecclesial tradition so impacted into the imperial patriarchalism. The article invites: urging the recovery of the silenced memory of women in the Movement of Jesus and in the Christian missionary Movement.

INTRODUÇÃO

Convido-te a ler a poesia: *Tudo é olhar*.

*Não te amo mais
Estarei mentindo dizendo que
Ainda te quero como sempre quis
Tenho certeza que
Nada foi em vão
Sinto dentro de mim que
Você não significa nada
Não poderia dizer mais que
Alimento um grande amor
Sinto cada vez mais que
Já te esqueci!
E jamais usarei a frase
Eu te amo!
Sinto, mas tenho que dizer a verdade
É tarde demais...*

(Clarice Lispector)

Que sentimento brotariam em ti recebendo-a de alguém que tu amas? Pare um instante

Agora convido-te a reler a poesia de baixo para cima. Algo mudou? E teus sentimentos agora?

Tudo é olhar! Sim tudo depende do olhar! É o exercício que juntas/os vamos fazer: eu escrevendo, vocês me lendo.

TEXTO — TECIDO

Já fiz esta comparação em outros escritos, gosto muito dela e a retomo aqui. Todo texto é um tecido composto por palavras (fios de linha). As tecelãs e os tecelões usam fios para tecer segundo um padrão. Às vezes prevalecem os tons escuros. Outras vezes, os tons luminosos, tons de desespero e de esperança. Nem sempre tão fiel ao padrão original. Tons que falam das experiências da vida: dor e paixão, crueldade e doação, opressão e liberdade, egoísmo e solidariedade, indiferença e luta, choro e alegria. Tex-

to, tecido que articula a experiência da fé como resposta humana a desafios históricos ou à interpelação divina na história.

O presente trabalho usará a ferramenta da exegese bíblica feminista para desfiar alguns textos/tecidos e descobrir os diferentes tipos de cores e texturas dos fios que os teceram. Não se pretende destruir os textos, mas perceber a consistência e o que está entre os fios. Após desfiarmos estes textos (tecidos), alinhavaremos novamente, cientes de que quem os costurou, o fez a partir de um olhar e de seu contexto histórico, social, filosófico, religioso.

Tal propósito se justifica quando fazemos hermenêuticas. E aqui no caso, queremos tratar das relações, entre elas a de gênero, em nossa realidade social e religiosa. Este exercício propicia atualizar o texto no nosso contexto para, enfim, desvelar (tirar o véu) e entender as causas das violências que estão por trás das relações sociais e de gênero, tanto de outrora como de agora. Esse exercício nos ajudaria a entender e vislumbrar caminhos de superação.

Uma provocação que o método hermenêutico feminista orienta é de “suspeitar”. Por isso, vamos levantar as seguintes suspeitas:

- Gl 3,26-28 era uma profissão batismal que assumia radicalmente a proposta de Jesus, porque desde o início foi combatida, mutilada e silenciada?
- O que levou o autor da Primeira Carta a Timóteo falar tão duramente as mulheres de sua comunidade?

DESFIANDO O TEXTO/TECIDO

A proposta paulina de uma Eklesia igualitária, ministerial e leiga expressão viva do acreditar em Jesus Cristo, o Senhor e, na sua proposta de relações assinaladas pelo amor/ágape aos poucos será substituída por Igreja hierárquica, autoritária e sacerdotal.

Na sua itinerância Paulo influenciou o Movimento de Jesus a entrar no mundo greco-romano, mundo da cidade disseminado

a partir da ‘casa’, pequenas eklesia que se reuniam para celebrar a memória de Jesus, proclamado como Senhor e Cristo e vivenciar relações de fraternidade, igualdade e solidariedade.

A imagem do corpo na Carta aos Romanos e 1Carta aos Coríntios nos faz vislumbrar a eclesiologia paulina.

“... como num só corpo temos muitos membros e os membros não tem todos a mesma função ... sendo membros uns dos outros...” (Rm 12,4-5; 1Cor 12,22).

A eklesia que se reúne na casa vive **relações igualitárias**. Todos os membros têm o mesmo valor e importância, ninguém deve considerar-se superior ou mais importantes de que outros.

“Tendo porem, dons diferentes...”; “... que não haja divisão no corpo; pelo contrário, cooperem os membros, com igual cuidado, em favor dos outros” (Rm 12,6a; 1Cor 12,25).

Como no corpo os membros são e tem diferentes funções, assim na comunidade as **relações são ministeriais** e não autoritárias. O ministério é serviço cada um na sua função para o bem de todo o corpo. Os serviços, ministérios são dom do Espírito, não motivo de poder ou dominação. Na casa vive-se uma eklesia carismática.

“Aquele que tem... vosso amor seja sem hipocrisia... Vos sois o corpo de Cristo e sois os seus membros.” (Rm 12,6b-9; 1Cor 12,26-29).

Relações igualitárias, ministeriais acessíveis a todos e todas por isso **leigas** e não sacerdotais. Abertas sobretudo aos que não pertencem ao *demos* mas ao *laos*¹: mulheres, escravos, braçais, pobres, iletrados, os que estavam a margem da estrutura da cidade.

Em 1Cor 1,26-29 Paulo nos apresenta plasticamente o retrato da comunidade igualitária, ministerial, leiga e nos convida

¹ Na língua grega temos dois vocábulos que indicam o povo: *demos* = o povo que decide (homens de posse livres cidadão da cidade); *laos* = todo o povo, o povão. É do vocábulo *laos* que deriva *laico/leigo* = quem pertence ao povo – povão.

a olhar e, ao mesmo tempo que interroga, responde: quem pertence à comunidade? Na comunidade há:

Poucos

poderosos
sábios
de família famosa

Muitos

sem poder
analfabetos
escravos

Mas Deus escolheu os que não são, para confundir os que são.

Paulo nos apresenta uma comunidade de *laos, igualitária, ministerial*. Afirma que *é* sabedoria de Deus que se contrapõe a sabedoria do mundo. Seu pensamento se entrelaça com a reflexão sobre a loucura da cruz: loucura para os gregos e escândalo para os judeus. Loucura porque subverte a lógica e organização do império. A Cruz é opção de amor, é salvação, assim como os crucificados da história são sabedoria de Deus, eles são escolhidos para manifestar os mistérios de Deus: uma *eklesia* igualitária, ministerial e laical.

Durante muitos anos, a interpretação da Sagrada Escritura fu domínio masculino e por isso o olhar da mulher e sua voz foi silenciada. É nesta ótica que o texto de 1Tm 2,9-15 foi escrito, lido e interpretado e serviu desde o seu nascedouro para legitimar a dominação e o silêncio das mulheres. Quando as mulheres começam a desfiar o tecido do texto o horizonte muda. Sua complexidade revela um contexto histórico que permite as mulheres de entrever os sinais da história de suas antepassadas; seus primeiros passos e sua evolução no Movimento de Jesus e alimentar a utopia; trazer à luz, tornar visível o que foi invisibilizado e silenciado ao longo dos séculos: o papel da mulher no cristianismo primitivo e empenhar-se na busca de uma Igreja mais inclusiva.

Perguntamo-nos: O que levou o autor da 1Tm 2, 9-15 a escrever palavras tão duras contra as mulheres? Qual era a intenção do autor? O contexto a partir do qual ele escreve? A relação com as mulheres em sua comunidade? A relação da comunidade no contexto do império romano? Ele mesmo que relação tinha com as mulheres? Que tradições ele recebeu do Movimento judeu-cristão de Jesus e sua influência na tradição paulina?

O contato mais próximo com o tecido do texto de 1Tm 2, 9-15 nos faz intuir uma tentativa de solução à teologia paulina e, um problema que a sociedade greco-romana tinha do papel da mulher. A tensão se devia, ao nosso parecer, ao lugar que a mulher havia adquirido no cristianismo nascente: ela podia atuar como liderança, tinha autoridade e ensinava. Papel tão importante fez com que a sociedade mediterrânea do I século a.C. via no cristianismo um movimento que ia de encontro aos bons costumes e a moral, em outras palavras desestabilizava a família greco-romana.

Vamos em busca do fio que os e as tecelãs usaram para o começo do tecer ...

O MOVIMENTO DE JESUS

O Movimento de Jesus se fez presente no contexto cultural judaico e no mundo dominado culturalmente pelo império romano marcado pela filosofia grega. Nesta realidade Jesus de Nazaré anuncia e vive um projeto alternativo em constante tensão com aquela cultura que chamamos de patriarcal, que excluía: “todo aquele que não é homem, adulto, rico, nobre de nome” (Camacho, 2015, p. 59).

O mundo mediterrâneo neste século era assinalado pela ‘honra’ que idealmente era alcançada somente pelos homens, que tinham posse, autoridade para governar a família, as associações e a cidade. A sociedade judaica compartilhava este ideal, que pertencia ao mundo de Deus, de modo que a submissão do fraco (mulher, criança, pobre, escravo, doente) era considerada de ordem natural e divina (Schüssler, 1989, p. 193, 267, 145). Dentro estes grupos quem mais logrou força de emancipação foi a mulher. Muitas delas trabalhavam no campo com os maridos e isso as ajudou a sair do espaço privado da casa. A liberdade alcançada provocou críticas e tensões entre os moralistas que a queriam manter dentro do espaço da casa, fora da vista de outros homens ou, quando saísse se cobrir com um véu que simbolicamente, a mantinha no espaço do lar. Uma mulher prudente e que conservava sua ‘vergonha’ atraía para o esposo e a sua família ‘honra’

(Mac Donald, 2004, p. 23). Ao contrario se era afoita e acusada de querer se igualar ao homem trazia ‘desonra’ para o esposo e sua família. A mulher por qualquer motivo podia ser repudiada, mas não tinha igual direito de pedir o divórcio (Dt 24,1-4).

O Movimento de Jesus abriu esperança e espaços para as mulheres que ansiavam por liberdade e reconhecimento. Jesus fez uma opção clara pelos mais vulneráveis da sociedade e dentro deles a mulher, invertendo a escala de valores dentro da sociedade mediterrânea: o serviço se tornou valor superior ao da honra. O pensamento patriarcal estava arraigado em todos os níveis da sociedade quer nas elites como nas classes baixas, também nas mulheres.

Muitos textos nos Evangelhos nos testemunham a proposta alternativa de Jesus que propunha uma organização horizontal em contraposição à cultura dominante. Isso permitiu que mulheres fizessem parte de seu grupo e o acompanhassem (Lc 8,1-3). O Evangelho de Lucas e João testemunham a força de Maria a mãe de Jesus; o papel preponderante de Maria Madalena, Jovana, Susana e outras mulheres no testemunho da ressurreição. Duas mulheres são de suma importância pela evangelização entre os gentios: a Siro-fenícia e a Samaritana. A comunidade de Marcos em 7,24-30 nos narra como uma mulher não judia através de uma conversa consegue de Jesus a cura da filha. É interessante notar que a mulher ganha Jesus numa discussão, ele que nunca era vencido nelas. Nas comunidades esta narração servirá para sustentar teologicamente a missão entre os gentios: o argumento de uma mulher! Em João 4,1-42 Jesus dialoga com uma mulher samaritana que a seguir vai anunciar aos seus conterrâneos que havia encontrado ‘um homem que me disse quem eu sou’; pelo seu testemunho muitos creram que ‘Jesus era o Salvador do mundo’. Esta narração nos testemunha que quem anunciou Jesus entre os samaritanos foi uma samaritana, ela é a matriarca! (Schüssler, p. 184-186).

Os relatos podem não corresponder à história ao pé da letra, porem nos testemunham que a missão entre os gentios tem seu início através das mulheres.

A opção radical de Jesus pelos vulneráveis e sua proposta de uma sociedade igualitária, baseada na partilha, serviço e amor, restitui não somente à mulher a consciência do amor de Deus e da chegada do Reino nela e através dela, como também sua dignidade numa família onde não há mais pai (Mc 10,28-31), mas há um só Pai e Mestre e todas somos irmãs e irmãos (Mt 23,8-10).

Dar origem a um espaço contra cultural e denunciar as instituições de dominação e exclusão gerou conflitos, perseguição e a morte na cruz de Jesus. Porém sua morte não matou sua proposta. Após um tempo em que seus discípulos e discípulas se dispersaram, a experiência da ressurreição renovou o ânimo evangelizador. Acreditar que Jesus está vivo, presente nas pequenas comunidades motivou a proclamar o anúncio da Boa Nova do Reino, assim como sua opção pelos mais fragilizados se espalhou levando também a polemica a outros cenários.

O projeto igualitário de Jesus de Nazaré se difundiu no império romano e implicou para o Movimento de Jesus, nascido no âmbito rural e judaico da Palestina, inculturar a circularidade de sua proposta nas comunidades nascidas nas cidades greco-romanas. O Movimento de Jesus enfrentou a mesma oposição que seu líder enfrentou no mundo judaico, que como já mencionamos tinha um *ethos* marcadamente hierárquico: o poder residia no homem como esposo, pai e senhor. A mulher era ontologicamente inferior ao homem; para cada gênero existiam tarefas, valores a ser vividos, espaço diferentes. Quando alguma mulher se emancipava tinha que sofrer as consequências, era considerada ‘sem vergonha’.

O homem no império romano tinha valor, tinha ‘honra’ se, sabia governar sua casa e os integrantes de sua família, em modo que ninguém sáisse de espaço designado e proposito social. O governante da casa era o *pater familiae*. A mulher virtuosa era aquela que mantinha sua ‘vergonha’ com atitudes passivas, sem pretender cargos de liderança, alienando-se da presença de outros homens e sendo submissa. A mulher que não mantinha estes padrões ou agisse de modo ativo, era considerada desavergonhada e trazia a desonra para sua família. O pater família para con-

servar sua honra, em seu governo tinha que manter cada membro da família em seu lugar, especialmente as mulheres, isso era fundamental para o status da casa e ainda mais importante para seu líder. Para assegurar que tanto o homem como a mulher não abandonassem suas funções, ativas e passivas respetivamente, separava-se o espaço de ação de cada um. Os homens tinham que se manter no espaço público responsáveis da ordem da polis; as mulheres deviam permanecer no âmbito privado alijadas dos olhares dos homens e realizando as tarefas do lar, que aliás eram importantes pois umas industrias se realizavam no lar. Não era bem-visto a mulher deixar o espaço privado da casa, quando eram obrigadas a fazê-lo levavam um véu que assim as mantinha simbolicamente no espaço privado, respeitando a ordem do império. Através do bom governo do lar, um homem demonstrava que era capaz de ocupar cargos de liderança na polis. Para que tal pretensa se concretizasse, o homem tinha que ter o controle da sexualidade das mulheres associadas à sua família. As filhas eram membros temporais, pois eram o meio para criar redes para melhorar o poder e status familiar (SCHÜSSLER, p. 70).

Na casa greco-romana havia outras estruturas voluntarias em que atuavam as pessoas: o padroado-clientelismo e as associações. A primeira obedecia à ordem hierárquica da sociedade mediterrânea, na qual uma pessoa oferecia sua proteção através de dinheiro e poder em favor de outra que devia devolver o favor reconhecendo publicamente esta relação. Do ponto de vista do benfeitor é o padroado, do ponto de vista do beneficiado chama-se de clientelismo. As associações eram grupos de pessoas que tinham algo em comum, ad exemplo a atividade artesanal, que as reuniam para oferecer mutuamente apoio e proteção.

Atos 8,1-4 nos faz conhecer que a perseguição em Jerusalém expulsou muitos que pertenciam ao movimento infra-judaico de Jesus. Estes se dispersaram pela Judeia e Samaria. Podemos considerar que este seja um texto que guarda a memória da origem do Movimento cristão missionário. Movimento que não estava ligado a etnias, mas que oferecia possibilidades a pessoas de várias origens. Barnabé parece ter sido um destes líderes da comu-

nidade que introduz Paulo no movimento. Fiel ao Movimento de Jesus, o Movimento missionário cristão vivia a circularidade das relações e se enxertava numa estrutura própria da cultura greco-romana: a casa, as associações, o padroado, este último adaptando-se ao ideal de igualdade da comunidade.

As associações cristãs eram heterógenas em nível social, econômico, étnico, reunindo homens e mulheres na casa – âmbito privado – de um membro de posse que podia oferecer espaço para reunião e em algumas ocasiões outro tipo de proteção a missionários de passagens ou à comunidade. Exemplo disso nos Atos é o convite que Lídia oferece a Paulo (At 16,15.40). No horizonte greco-romano se tratava da estrutura de padroado, mas vivido à luz do ideal e das relações de igualdade.

Esta diversidade que caracterizava a comunidade gerava tensão ao interno da comunidade, o autor da 1Tm mais tarde, nos testemunha isso ao escrever: “*Além disso, aprendem a viver ociosas, correndo de casa em casa; não somente elas são desocupadas, mas também bisbilhoteiras, indiscretas, falando o que não devem*” (1Tm 5,13). O comportamento das mulheres gerava tensão no interior da comunidade, pela possibilidade que elas tinham de liderar a comunidade, que no ideal greco-romano era deplorável.

Os quatro evangelhos davam às mulheres o papel importante de serem as primeiras testemunhas da ressurreição, por isso o cristianismo recebia críticas de moralistas como Celso que não acreditavam no testemunho das mulheres: “*Quem viu isso? Uma mulher histérica, ou talvez algumas outras... enfeitiçadas pela mesma bruxaria... Estes temerários reclutaram dos estratos mais baixo da sociedade, da massa ignorante, como mulheres crédulas, que se deixam levar pela debilidade de seu sexo ... Chegam ao extremo de chamar-se irmão, irmã ... Em um dia especial, se reúnem para uma festa com suas crianças, irmãs, mães, de todos os sexos e idades...*” (MAC DONALD, p. 127). Palavras que expressam a opinião de Celso sobre as mulheres e percebemos que sua pertença a ‘esta nova religião’ era origem de escândalo, como a pretensa de se chamarem irmãos e irmãs marcava a circularidade vivida pelas comunidades cristãs,

mal vista pela sociedade. Quando ele escreve “irmãs, mães” revela que o problema era a presença feminina nas assembleias, se elas não tivessem sido presentes nas comunidades, a censura social sobre o movimento cristão não teria sido tão forte.

O MOVIMENTO CRISTÃO MISSIONÁRIO

O Movimento cristão missionário tem em Paulo sua liderança mais expressiva. Isso pelo que as comunidades lucanas escrevem nos Atos, como pelas cartas que até hoje transmitem seu pensamento. Porém Paulo não foi o único, ele sempre trabalhou em equipe e, havia outras lideranças no Movimento missionário cristão. Em Corinto ele se hospeda, trabalha e evangeliza a partir da casa do casal Priscila e Áquila (At 18,1-4). Acredito que mereceria um estudo a respeito disso, aqui nos focaremos no pensamento paulino. Do pensamento paulino, expresso em seus escritos, derivam três correntes: Lucas/Atos – Efésios/Colossenses/2Tessalonicenses – Cartas pastorais.

A postura de Paulo a respeito do papel da mulher nas comunidades evoluiu. Inicia com o enunciado: “*não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher, todos vós sois um em Cristo*” (Gl 3,28). O que Paulo escreveu era subversivo pois anulava qualquer tipo de diferenças numa sociedade que se regia por estas diferenças. Porém na 1 Coríntios 12,13 ele escreve: “*Porque num só Espírito fomos batizados, para formar um só corpo, judeus e gregos, escravos e livres. E todos bebemos num só Espírito*”. Percebemos que a terceira proposição é silenciada e revela como era problemático na comunidade eliminar a diferença entre mulher e homem. Paulo, porém, não negou a participação das mulheres na comunidade que dava continuidade a sua presença no Movimento (Schüssler, p. 207).

Ao falar de matrimônio em 1Cor 7, Paulo pede reciprocidade de diálogo e entrega, dando aos cônjuges direitos e deveres iguais (1Cor 7,2-6. 9-11b.15.27-28. 32-35). Há uma grande diferença com as pastorais especialmente a respeito das viúvas. O que Paulo aconselha a toda comunidade (1Cor 7,7-8. 25-26.37.

39-40), especialmente as viúvas (7,11a.39-40) é não voltar a casar. Na comunidade era um privilégio e um direito, porém constituía uma afronta ao império romano que exigia o casamento. Então o pensamento paulino e das comunidades que o seguiam se tornavam foco de insubordinação as estruturas do impero.

Em 1Cor 11,2-16, mostra interesse sobre a forma com que as celebrações comunitárias se realizavam. As mulheres que oram e profetizam o fazem sem usar véu. Ao fazer isso a sociedade podia confundir-las como mulheres que atuavam 'sem vergonha' no âmbito público. Paulo não pede que não orem nem profetizem, mas pede prudência para não ter problemas com o mundo exterior e também talvez com o interior, na comunidade. Pede que usem véu para não serem confundidas com mulheres de outros cultos orientais (SCHÜSSLER, p. 276). A postura de Paulo foi diplomática, não pedia de deixar de orar e profetizar nas liturgias, pedia que usassem os símbolos externos que atenuassem os conflitos com a sociedade mediterrânea. Hoje nós poderíamos achar que ele não se manifestou com mais radicalidade, que seu discurso foi ambíguo. Ele não podia prever que nos séculos seu pensamento teria sido manipulado, interpretado e usado contra as mulheres.

Continuando a desfiar os textos/tecidos queremos nos debruçar sobre a profissão batismal da carta aos Gálatas 3,26-28. Nos perguntamos: Por onde começar a ler? Ele é uma chave que abre a porta da carta aos Gálatas?

O texto:

“Vós todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus, pois todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus”.

Alguns autores afirmam que Gal 3,26-28 é o centro de toda a carta e a chave de leitura da mesma (FERREIRA, 2005: 11-14). Acredito que sim, infelizmente a finalidade do artigo e o espaço não nos permite uma exegese aprofundada e demonstrar a hipótese. Acolhemos seus pensamentos pois levam a perceber que a carta é um projeto de busca de uma possível sociedade alterna-

tiva dentro do império greco-romano. Por causa do espaço nos detemos sobretudo no terceiro enunciado da profissão batismal.

Paulo, até onde se sabe, não elaborou este texto. Possivelmente, foi um “hino batismal” ou um fragmento de um credo bem conhecido pelas comunidades antes dele (TAMEZ, 1998, p. 1665-1669). O Apóstolo na sua itinerância ouviu o hino o absorveu-o, assumiu e introduziu nas comunidades (BYRNE, 1993, p. 21-38). Um hino que “abriu fronteiras” na estrutura social escravagista do império romano, e na mentalidade grega. Paulo, conhecendo o conteúdo, especialmente a “unidade em Cristo Jesus”, fez do hino um “programa” vivo para as comunidades (MARTYN, 1998, p. 374).

Acredito seja importante a busca do texto original por isso vamos fazer umas comparações com outros textos paulinos e deuteropaulinos. Vamos ver a sinopse:

| Gal 3,26-28 | 1Cor 12,13 | Rom 10,12 | Col 3,11 |
|--|---|---|--|
| <p>Vos todos sois filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo,</p> <p>pois todos vós, que fostes batizados em Cristo,</p> <p>vos vestistes de Cristo.</p> <p>Não há judeu nem grego,</p> <p>não há escravo nem livre,</p> <p>não há homem nem mulher;</p> <p>pois todos vós sois um só em Cristo Jesus.</p> | <p>Pois fomos todos batizados num só Espírito para ser um só corpo,</p> <p>judeus e gregos,</p> <p>escravos e livres,</p> <p>e todos bebemos de um só Espírito.</p> | <p>De sorte que não há distinção, entre judeu e grego,</p> <p>pois ele é o Senhor de todos, rico para todos os que que o invocam.</p> | <p>Aí não há mais grego e judeu, circunciso ou incircunciso, bárbaro, cita, escravo, livre,</p> <p>mas Cristo é tudo em todos.</p> |

Olhando para a sinopse notamos que o paralelo “judeu e grego” é presente nas quatro cartas; “escravo e livre” em três; “homem e mulher” somente na carta aos Gálatas.

O enunciado “não há judeu nem grego” foi assimilado pelo cristianismo original mais facilmente. Com toda probabilidade a reivindicação surgiu na atmosfera helenística-judaica-cristã. O compromisso para superar discriminação racial, com implicações religiosas e culturais, foi menos difícil para as comunidades primitivas.

A formulação “não há escravo nem livre” aparece em três cartas, sendo deixado de fora em Romanos. Levantamos a hipótese que ao não escrever a questão da escravidão na carta aos Romanos, vem do desejo de evitar problemas para os cristãos em Roma e manter as portas abertas para sua viagem à Espanha.

A região da Galácia, Corinto e Colosso estavam muito distantes de Roma. É interessante notar que os discípulos de Paulo, bem depois de sua morte, na comunidade de Colosso mantiveram “nem escravos nem livre” do hino batismal. Somente a Carta aos Gálatas tem a fórmula “nem homem nem mulher”.

Como foi dito o hino surgiu em comunidades pré-paulinas ou contemporâneas, cantado nas liturgias batismais ou proclamado pelo presidente da celebração. Num mundo onde prevalecia a mentalidade androcêntrica revela como as comunidades primitivas emergentes sonhavam com uma “nova criação” (Gl 6,15), num anseio de liberdade para todos e, igualdade sem distinção na unidade em Cristo. Ao cantar o hino assumiam viver na vida, a fé que professavam na liturgia. Dentro desses grupos, a presença feminina devia ser forte, e marcante sua liderança. Certamente, o “patriarcalismo” era bastante falado nas reuniões. Ao cantarem que “vocês todos sois filhos de Deus”. Eles descobriram que “não há judeu nem grego” e “não há escravos nem livres” e amadurecendo também proclamavam “não há homem nem mulher”.

Ousando imaginar: vislumbramos mulheres coordenadoras de comunidades, das liturgias domésticas, dos cuidados comu-

nitários que começaram a recitar a terceira asserção até que se tornou consenso entre o sexo masculino, tornando-se uma oração comprometida na comunidade. Paulo em sua sensibilidade pastoral teria abraçado este ideal feminino presente no hino e ao escrever aos Gálatas o colocou no centro da carta tornando-o a chave interpretativa de todo seu escrito.

O pequeno hino de Gal 3,26-28 cantado e depois escrito pela primeira vez às comunidades da Galácia foi o pivô de uma grande abertura, numa perspectiva universal. O hino abre, “pois, vocês são todos filhos de Deus” e fecha, “pois, todos vocês são um só.” A relevância do termo “todos” sugere que o hino estava abrangendo judeus e gentios. Assim, Paulo supera a visão estreita dos missionários judeus-cristãos. Ao usar o plural “vós” na segunda pessoas mais do que estilo literário, há uma intenção teológica: “vós” aqui é sinônimo de comunidade. A carta foi endereçada a ela. O termo “quantos” não pretendia delimitar um pequeno círculo de leitores, mas engloba-los como um todo. Com as palavras “todos/quantos”, o autor mostrou que as comunidades não estavam entrincheiradas. Chega de exclusividade. As comunidades vivam entre as etnias como filhos e filhas de Deus. Ser um em Cristo derrubava os muros e abria as fronteiras em direção aos estrangeiros, aos escravos, bem como as mulheres. Era enxertado o espírito de igualdade necessário para superar a mentalidade da discriminação.

Há um avanço teológico: pela “fé”, todos se tornaram “filhos de Deus”: relação profundamente íntimo com Deus. Ser filho de Deus é ser livre. O hino apresenta duas fórmulas que declaram as condições de adoção e filiação divina: “pela fé” e, por incorporação “em Cristo Jesus.” A “fé em Cristo Jesus” removeu as diferenças, derrubou as barreiras da marginalização, libertando da escravidão, *“pois, todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo”*. Os batizados amam Cristo tão intimamente que afirmam que os cristãos “estão em” (3,26) e “são-um-em” Cristo Jesus (3,28). Vestiram Cristo! Vestir é entrar na pele, assumir seus valores, seus compromissos e opção: ser outro, outra Cristo! Embora não haja nenhuma descrição do ritual do batismo, a expressão

sendo “filhos de Deus” insinua um compromisso de mudança em todos níveis e, responsabilidades pessoais e comunitárias. Para os primeiros cristãos, o batismo era vital. Era o sinal de entrada em um novo tipo de vida. O batismo foi compreendido como união total entre duas pessoas: a pessoa que tem fé e Cristo Jesus. Em vez de usar a fórmula mais comum “batize em nome de Cristo” (1Cor 1,13; 6,11), aqui Paulo usa a fórmula “batizar em Cristo”, significando identificação em Cristo. O Apóstolo, para expressar a força desta inserção no novo ser, através do batismo, ele usa o conceito de “revestido”. A imagem do vestido ilustra o ensino de Paulo: uma relação muito profunda com Cristo, uma mudança no ser. Ao se conectar a Cristo, o batizado é radicalmente transformado. Fé e batismo aboliram diferenças concretas entre judeus e não-judeus, escravos e livres, homem e mulher, abrindo todas as fronteiras.

É a grande abertura de fronteiras. Lembremos que a Carta aos Gálatas foi escrita em meio a muitas tensões. As várias divisões eram expressões de muitos conflitos interna e fora da comunidade. Ao definir a “unidade em Cristo”, o Apóstolo o faz didaticamente: recorda que havia anunciado o Evangelho na Galácia; após sua partida as comunidades vivem a fé na comunidade, com alegria e entusiasmo; apareceram “missionários judaico-cristãos” que segundo Paulo anunciaram um Evangelho diferente, baseado na lei mosaica exigindo uniformidade ritualística e a circuncisão dos gentios; muitos na comunidade aceitaram as propostas dos missionários judaizantes; Paulo recebeu notícias de divisões dentro das comunidades; ficou indignado; escreveu a carta, em tom tempestuoso, e enviou-a aos gálatas.

O objetivo da carta era enfatizar a “unidade eclesiológica”, em Jesus Cristo. Para este fim não hesita em recordar, que antes do surgimento das comunidades locais, conflitos fortes ocorreram em outras igrejas: o episódio Jerusalém entre gentios e judeus (2,1-10); narra o episódio de Antioquia, sobre os gentios não poder sentar a mesma mesa/celebrar com os judeus e, como isso era vergonhoso (2,11-14); aponta a presença de grupos conservadores, enviados parte de Tiago (2,12), como infiltrados para

espionar a liberdade (2,4); corajosamente nomeia as pessoas que são motivos de escândalo, Tiago, Cefas e João, outros judeus e Barnabé (2,11-14). Paulo afirma que são fatos dolorosos para o cristianismo original e denuncia os grupos de “missionários judaico-cristãos”, como os verdadeiros criadores da divisão, como defensores de um tipo de Igreja em contradição as decisões positivas da reunião de Jerusalém (2,9). Chama atenção com clareza para os conflitos gerados: justificação pela lei ou fé, escravidão ou liberdade. Ao fazer isso os missionários “intrusos” vindos de Tiago fecham as fronteiras para os gentios, provocando assim o surgimento de conflitos graves na Galácia.

Paulo e os missionários helenistas estavam abrindo os confins aos gentios, proclamando o Evangelho da liberdade e inclusão (1,15; 2,2,8-9; 3,8,14). Frente a esse perigo o Apóstolo escreve a carta e empresta o hino cantado em outras comunidades, o apresenta aos os gálatas convidando-os a interrogar suas vidas em relação ao anúncio da abertura de fronteiras nos vários níveis sociais. De agora em diante todas as divisões e diferenças desapareciam: as que vieram de etnia, status social ou sexo. Eklesia que tinha seu fundamento na unidade em Cristo, baseada na superação de todos os preconceitos e exclusões. A fé e o batismo aboliram todas as diferenças. A primeira proclamação abrange o nível étnico/racial, com implicações religiosas e culturais. A segunda envolve a abertura de fronteiras no âmbito social, com implicações civis, políticas e econômicas. A terceira reflete sobre o plano de relações e vida sexual.

A diferenciação sexual é muito clara no hino com os termos “masculino” e “feminino”. O projeto de origem é retomado: homem e mulher recuperam a mesma dignidade, é superado o estado de submissão dependente do pecado (Gn 3,16), graças a inserção no Cristo Jesus tornam-se iguais em dignidade e responsabilidade perante o Senhor.

A força da oposição “homem/mulher” possivelmente vem de um ambiente feminino. As mulheres cristãs, no hino, denunciam a sociedade patriarcal que as marginalizou para a unilateralidade

masculina. Provavelmente havia uma queixa contra a assimetria na convivência comunitária. Cristãos com a cumplicidade de cristãos abertos e conscientes, criaram uma nova ética.

Certamente, líderes cristãos em pequenas comunidades, antes de Paulo, compreenderam que a relação “masculino/feminino” não mais correspondia à proposta de Jesus de Nazaré. Como surgiram esses líderes? É bom lembrar que as igrejas domésticas continuaram o costume das liturgias domésticas do mundo judeu-palestino. O próprio Paulo teve uma longa experiência nas sinagogas da diáspora. Numerosas inscrições nas sinagogas mostram que as mulheres exerceram a coordenação e administração das liturgias como ministério no ambiente israelita-judeu, sendo às vezes “chefes da sinagoga” (*archisynagoge*).

A família foi o ponto de partida para a transmissão da fé, particularmente na diáspora. De manhã, à noite, nas refeições, a família judia se reunia em oração. Na casa (oikos) as celebrações religiosas das festividades eram compartilhadas, tanto que na festa da Páscoa as casas assumiam o caráter da santidade do Templo. Dentro do Templo em Jerusalém, a mulher era silenciada. Na casa; ela podia falar e atuar na liturgia doméstica. A casa tornou-se o maior elo relacional, especialmente nas dificuldades externas, quando os judeus eram ameaçados, a religião tomou força, foi protegida e reforçada nas casas.

No início, os cristãos se reuniam nas casas. É bom lembrar que muitos, no início, vieram do universo judeu. Então, usar o costume judaico das casas, entre os cristãos, não foi complicado. É importante lembrar que na “casa” sempre houve, em qualquer cultura, momentos fortes marcando o ritmo da vida: procriação, lactação e os primeiros passos dos bebês. Na casa se aprende a falar, brincar, se alimenta, vive o amor, a vida é celebrada. Na casa se sonha! A comunidade cristã ao se encontrar nas casas herda toda esta memória e experiência de vida e se tornam “igrejas domésticas”. As casas se tornam espaço para anunciar a Palavra, para mesa Eucarística, para ensaiar as novas relações sociais: é lugar de encontro com a vida do povo e com Deus.

Aconteceu um salto qualitativo. Se no judaísmo da diáspora as mulheres podiam falar e dirigir as liturgias, fora das casas eram silenciadas. Mulheres cristãs aprenderam a realizar reuniões doméstica e, pouco a pouco, elas saíram para as ruas, praças e outras cidades.

Vocês perguntam: temos informações disso no Segundo Testamento. Não, não, não temos informações das mulheres na vida das comunidades pré-paulinas. Não sabemos e, o que aconteceu em seu tempo não foi escrito ou se foi escrito, silenciado. Podemos intuir ao ler e desfiando uns textos. Em muitos lugares no ambiente de origem, onde havia referências a igrejas domésticas, os nomes das mulheres são lidos: Priscila e seu marido Áquila aparecem em Rom 16,5 e 1Cor 16,19. Na casa de Filemón aparece a irmã Ápia e seu companheiro Archipo (Filemon 1,1-2); na casa de Filólogo e Julia, os nomes de Nereu e sua irmã emergem, e de Olímpias em Rom 16,15. Em Laodiceia é a casa de Ninfa, que recebeu uma carta de Paulo (Col 4,15). Há também a casa de Lídia em Filipos (Atos 16,15). Nas igrejas domésticas, as mulheres encontraram seus espaços para atuar como coordenadoras nas comunidades. Uma comunidade muito amada por Paulo era de Filipos. Duas líderes, provavelmente em luta pela construção da comunidade, tiveram seus inconvenientes. Sobre elas, Evodia e Síntique, o companheiro Síciço recebeu palavras de orientação para apoiá-las, porque Paulo as respeitava, via nelas lideranças valiosas que *lutaram ao meu lado pelo evangelho, com Clemente e os outros colaboradores meus, cujos nomes estão no livro da vida*” (Fl 4,2-3).

Na Carta aos Romanos, nas recomendações finais, temos referências interessantes. Em 16,1-2, ele se referiu a Febe: *“Recomendo a vocês Febe, nossa irmã, diácona da comunidade Cencreia... porque ela também ajudou muitos, até mesmo a mim”*. Em 16,3-5, Paulo faz alusão a Priscila e seu marido: *“Saudações a Priscila e Áquila, meus colaboradores em Cristo Jesus, que para salvar minha vida expôs sua cabeça.”* Em 16,6 fala de Maria: *“Saudações a Maria, que fez muito por vocês”*. Em 16,7 lembra Júnia, chama ela e seu marido, “Apóstolos”, com ousadia Paulo escreve: *“Saudações a Andrônico e Júnias, meus parentes e companheiros da prisão, apóstolos exímios que*

me precederam na fé em Cristo”. Em 16,12 é lembrada Trifena, Trifosa e Pérside, companheiras na tribulação: “*Saudações a Trifena e Trifosa, que cuidaram da comunidade. Saudações para a querida Pérside, que tem trabalhado muito no Senhor*”. Em 16,13 refere-se a uma mãe: “*Saudações a Rufo, escolhido do Senhor, e sua mãe, que também é minha mãe*”. Em 16,15 ele se lembra de Júlia, a irmã de Nereu e Olímpias: “*Saudações para Filólogo e Julia, Nereu e sua irmã, e para Olímpias, e para todos os santos que estão com eles*”.

Vemos que, nessas recomendações, Paulo fala naturalmente de mulheres que foram diáconas, colaboradores em Jesus Cristo, ou apóstolas. Títulos e funções importantes na vida e organização das comunidades! Ele também fala do envolvimento de algumas delas na luta libertadora, dentro da opressão romana. As comunidades, e o próprio Paulo, deviam muito a essas mulheres, pois elas ajudaram e até arriscaram suas vidas para os irmãos. Carinhosamente, Paulo se refere a elas como irmãs, mães, colaboradoras na luta pelo evangelho, companheiras de prisão. Detalhe importante: em dois casos, a comunidade se reuniu na “casa” delas.

Chamamos a atenção a linguagem de ternura e afetividade que Paulo mutua do mundo feminino: “*Meus filhos, eu sofro novamente como dores de parto, até Cristo se formar em você!*” (Gal 4,19). Isso é semelhante ao que diz no texto aos Coríntios: “*Eu dei leite para beber, não alimentos sólidos, porque vocês não poderiam suportar*” (1Cor 3,2). É importante apontar esses textos, porque há uma concepção mal elaborada daqueles que acusam Paulo de ser misógino. O homem que assumiu a fórmula: “não há homem e mulher” era amigo das mulheres que assumiram o cristianismo. O missionário dos gentios, Paulo, foi um entusiasta da comunhão com as mulheres lutando juntos para o mesmo movimento libertador.

O Paulo das Cartas aos Gálatas, Coríntios, Romanos e Filipenses realiza uma trajetória iluminada por Gal 3,28: passagem que privilegia as mulheres. É um dos pontos focais da teologia de Paulo e centro organizador do seu ensino sobre as relações na comunidade. Temos aqui o anúncio de relações de igualdade entre os homens e mulheres, declaração universal para todos os

tempos. Era um programa e um projeto que privilegiava as mulheres no início do cristianismo. Assim como escravos e etnias, as mulheres viram na eklesia cristã a possibilidade de viver a igualdade social, cultural, religiosa e, assim, afastar-se dos modos de produção escravagista e patriarcal romano. Foram elas, mulheres antes de Paulo, talvez líderes que Paulo não conhecia, mulheres próximas do Apóstolo, que em uma perspectiva libertadora impostaram o hino batismal assertivo “não há diferença entre homem e mulher.” Foi uma conquista feminina.

Paulo acreditou no hino e na força dos convertidos, escravos e mulheres. Tudo isso, por vislumbrar pequenas luzes no e ao fim do túnel: liberdade da escravidão romana (Gal 5,1-13). Essa liberdade veio dentro de um programa muito amplo. A conquista da igualdade religiosa para os gentios, da liberdade para os escravos e, agora também pelo batismo para as mulheres, tornar-se membros plenos do povo de Deus, com os mesmos direitos e deveres. Elas não eram circuncidadas e por isso anuladas na religião, Paulo relativizou a teologia da circuncisão, é no batismo que a fé deu valor a nova religião, a religião feminina. Agora, na nova experiência, elas se sentiram “submetidas” a nova religião. Por isso Priscilla (Rom 16,3) arrisca a própria cabeça; Júnia é companheira de prisão (Rom 16,7), Pérside, Trifena e Trifosa (Rom 16,12) trabalharam no Senhor deram testemunho da possibilidade transformadora da tensa realidade da época.

Na amizade com elas, Paulo aprendeu a quebrar barreiras. Ele assumiu a proposta de igualdade. Abriu as fronteiras. Com elas, Paulo aprendeu como levar adiante a realidade da igualdade entre mulheres e homens, no meio do universo androcêntrico e patriarcal. Tudo isso, por causa de Cristo.

PRINCIPIANDO A COLONIZAÇÃO

Há consenso hoje que Efésios, Colossenses, 2ª Tessalonicenses, não foram escritas por Paulo, mas estão influenciadas pelo pensamento paulino. Por razão de espaço não vamos aprofundar, somente acenamos o contexto em que são escritas.

O Movimento cristão missionário, por ser considerado seita, implicava a necessidade do proselitismo, quer dizer o aumento de número das pessoas que pertencessem à comunidade. As tensões externas e a presença de neófitos, que não haviam assumido radicalmente a proposta igualitária do Movimento missionário cristão, aos poucos abriram as comunidades ao pensamento da cultura dominante: o patriarcado (MACDONALD, p. 341). Encontramos os vestígios deste processo nos códigos domésticos de Col 3,18 -24 e Efésios 5, 21-23. Os códigos domésticos tratavam das relações entre o pater família e as pessoas que ele governava: a mulher, os filhos, os servos e escravos. Relações estritamente verticais. Os autores das Cartas Deuteropaulinas cristianizaram os códigos domésticos. Nas comunidades cristãs que tinham como valores a igualdade e o serviço foi implantada a verticalidade hierárquica da sociedade greco-romana colocando nelas a cor do amor. Em Colossenses 3,18-24 ecoa a voz dos patrões pedindo a submissão dos escravos; em Efésios 5, 21-6, 9 escutamos mais a voz dos maridos falando do matrimônio, o autor pede as mulheres de submeter-se aos seus maridos. Podemos assim vislumbrar que é neste período que a Igreja vai começar a abandonar a predileção de Jesus para os grupos mais fragilizados da sociedade.

A PALAVRA DE ORDEM: ADEQUAR-SE

Na sinopse acima vimos que o hino da carta aos Gálatas tem vestígios até a carta aos Colossenses. A carta 1Tm de onde tiramos o texto que vamos desfiar (1Tm 2,9-15), é parte de um grupo de cartas que chamamos de Cartas Pastorais (1 e 2 Timóteo, Tito) consideradas escritas da terceira geração da escola paulina, provavelmente escritas no final do século I d.C. e início do século II d.C. Respondem a uma etapa de maior hierarquização e assumem a linguagem própria da cultura greco-romana.

Estas cartas aprofundam o processo desencadeado pelas cartas deuteropaulinas: adequar-se à cultura do império pressionadas seja pelo contexto exterior assim como interior. Três fatores influenciam o processo: a comunidade, os adversários do autor,

os adversários externos. Os adversários do autor parecem ser os gnósticos que pregavam de não casar (1 Ti 1,4: 7,4; 1 Tm 4,3). Os adversários é o Império Romano (1 Tm 3, 7). Na comunidade é manifesta a luta pelo poder e a introdução das estruturas sociais pelos líderes e mulheres ricas. Pela primeira vez aparece um vocabulário estranho ao pensamento paulino, mas próprio da cultura greco romana: *didaskalia* = doutrina; *proistêmi* = governar; *eusebia* = piedade.

O vocábulo *piedade* (1 Tm 3,16; 4,8; 6,3) aparece pela primeira vez e relacionado ao respeito e submissão com as autoridades conforme as relações assimétricas da sociedade patriarcal; *são ensinamento*, *deposito da fé*, que na caneta do autor eram usados para desqualificar o que para ele não era razoável a partir dos cânones patriarcais e desautorizar o pensamento contrário ao seu pensamento. Na realidade neste período ainda não havia o *deposito da fé*, o que havia era uma polifonia de experiências religiosas e de fé vividas nas comunidades que futuramente desembocariam na religião cristã.

Com esta linguagem e pratica o autor ansiava que as comunidades se configurassem à cultura do império para evitar tensões, o endereço tocava de modo especial as mulheres e em partículas as viúvas limitando seu papel em governar o lar, excluindo-a da liderança comunitária, limitando sua missionariedade, e se fossem missionárias itinerantes não poder aceder a cargos de direção. Era assim afirmada a submissão da mulher a todo homem, proibindo de ensinar e exigindo que guardasse o silêncio.

Lendo 1 Tm 2,9-15 podemos entrever o alcance da mudança.

“Quanto às mulheres, que elas tenham roupas decentes e se enfeitem com pudor e modéstia. Não usem tranças, nem objetos de ouro, pérolas ou vestuário suntuoso; O pelo contrário, enfeitem-se com boas obras, como convém a mulheres que dizem ser piedosas. Durante a instrução, a mulher deve ficar em silêncio, com toda a submissão. Eu não permito que a mulher ensine ou domine o homem. Portanto, que ela conserve o silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, pecou. Entretanto, ela será salva

pela sua maternidade, desde que permaneça com modéstia na fé, no amor e na santidade.”

Este texto *é prescritivo e não descritivo*, afirma a biblista Elza Tamez (Tamez, p. 143-145), o que queremos dizer que se tratava de mudar uma situação problemática na comunidade: a liderança da mulher. A retórica do autor quer levar a comunidade a aderir aos cânones patriarcais e, para alcançar isso deve convencer seus ouvintes a mudar de conduta.

Podemos dividir o texto da seguinte forma:

Proemio: 1Tm 2,9-10 - adornos femininos

O centro destes dois versículos são as orientações de como as mulheres devem se adornar, em pratica uma lição de estética. É evidente que está se dirigindo a mulheres que tinham a possibilidade de adquirir os adornos. A palavra-chave é *decência* que nas cartas pastorais é usada 10 vezes (1Tm 3,2; Tt 1,8; 2,2. 4. 6. 12; 2Tm 1,7, etc.) para pedir que as pessoas se comportem conforme requer a sensatez romana. Os adornos nas mulheres podiam revelar e colocar em julgamento a ‘vergonha’ de uma mulher, enquanto a sobriedade expressava sua decência, retraimento sexual e passividade. Como já mencionamos eram as mulheres que traziam ‘honra’ ao esposo, a família e neste caso a comunidade, com seu comportamento devido tornavam a comunidade respeitada. O autor aponta quais deveriam ser os adornos, que uma mulher devia usar para poder entrar no ministério das viúvas: *educar os filhos, hospitaleira, lavar os pés dos santos, socorrer os atribulados, aplicada a toda boa obra* (1Tm 5,10). Educar os filhos indica que eram mulheres que haviam tido filhos, e no final carta aponta para maternidade. Vale recordar que na 1Coríntios 7,11a.39-40 Paulo recomendava a castidade à comunidade e aconselhava as viúvas a não se casar de novo. Isso aponta as mudanças teológicas que estão acontecendo.

Proposição: 1Tm 2,11-12 - comportamento da mulher na Igreja

Se ouvirmos atentamente há um acentuar do tom da voz, que levou uns autores a pensar que a interpolação de 1Coríntios 14,33b-35 seja obra da mesma mão. Primeiramente notamos que

antes o autor escrevia ‘as mulheres’ agora escreve ‘a mulher’ indicando que é para toda pessoa que pertence a este gênero. É aqui que descobrimos a verdadeira intenção do autor, escutemos: *A mulher deve aprender em silencio*. A mulher pode aprender, se aprender deve ser não de forma ativa e sim passiva, em silencio. O silencio era considerado uma virtude feminina, então está se exigindo da mulher cristã que se adeque coerentemente ao ethos imperante.

Em tudo submetida: o verbo é em voz passiva, significa que a mulher será submetida por alguém. Nas deuteropaulinas a mulher devia estar submissa ao marido, a formulação aqui indica que a mulher é submetida em casa, na sociedade, na comunidade pelo homem: submetida pelo poder patriarcal.

Não permito que ensine: não somente deve aprender em silencio, mas com o imperativo anula toda pretensão de ensinar. Ao dizer *não domine o homem* reafirma com mais força o silencio a quem a mulher é submetida.

Argumentação: 1Tm 2,13-14 - inferioridade da mulher e seu estado de transgressora

O autor recorre ao texto bíblico para se legitimar. Cita Gn 2,7.22 onde o ‘homem’ é criado por primeiro e a mulher depois. Oportunamente esquece Gn 1,26-27, pois ele quer afirmar que a mulher é inferior e segunda ao homem, assim ele desautoriza ontologicamente a mulher. Ele cita também Gn 3,1-6 onde a mulher não fica em silencio ao contrário conversa com a serpente. Ao fazer isso demonstra que a mulher ativa provoca transgressão levando a comunidade a cair em pecado. Ao dizer que foi ‘seduzida’ o autor insinua que as mulheres são crédulas e se deixam enganar facilmente, acentuando uma crença do mundo greco-romano. Paulo citou Eva em 2 Coríntios 11,3 não se referindo a mulher, mas sim a comunidade suscetível de transgressão. Em sua argumentação concluímos que o autor considera a mulher inferior ao homem e, quando assume a liderança ou coordena acontece o caos, por isso no seu imaginário a mulher não deve ensinar, deve manter-se em silencio submetida ao homem, a estrutura patriarcal.

Mas o autor encontra um obstáculo, não pode se legitimar referindo-se a Cristo, por isso recorre ao Genesis.

Epílogo: 1 Tm 2,15 - a salvação da mulher

Com este versículo final o autor responde uma vez por todas ao problema da participação da mulher na comunidade, ele manipula os sentimentos das mulheres e os sentimentos da comunidade com as mulheres: sua salvação. Paulo em seus escritos afirmava que a salvação é pela graça, pela fé em Cristo Jesus. Aqui é afirmado que a salvação vem pela maternidade, ter filhos. É retomado o plural 'as mulheres' a indicar todas as mulheres da comunidade casadas ou não. A mulher é devolvida ao seu papel de reprodutora, passiva e submissa no lar. Além da maternidade elas devem retomar os adornos das obras do amor: fé e caridade.

O fechamento desta perícopé é a pedra que sela a tumba da mulher no lar ontem e ao longo dos séculos até hoje. É a mobilização da campanha do papel da mulher na sociedade e na igreja: dependente, submissa, excluída, silenciada. A mulher tem que sossegar no lar, se não for assim será considerada ímpia, desavergonhada na sociedade greco-romana e na comunidade, correndo o perigo de não se salvar.

CONCLUINDO SEM CONCLUIR

Nos perguntávamos no início: porque o hino aos Gálatas foi anulado? porque o autor de 1 Timoteo escreveu palavras tão duras contra as mulheres?

Jesus de Nazaré com sua proposta provocou tensões na cultura patriarcal dominante. O autor da carta se encontra no meio das mesmas tensões. Ele não busca luzes em Jesus de Nazaré e sim espelhando-se no meio patriarcal em que vivia. Deixando-se iluminar por estas luzes profere palavras muito fortes contra as mulheres devolvendo-as ao lar, ao silêncio, à submissão, enfim ao controle patriarcal. Ao mesmo tempo, porém, suas palavras nos revelam o papel que as mulheres exerciam na comunidade.

Negando-lhe a liderança ele nos fala da liderança que exerciam. Negando-lhe e fala e o ensino revela a capacidade de indagar e ensinar que elas possuíam. Sentiu-se ameaçado na sua masculinidade? No seu poder? Infelizmente sua palavra se tornou na boca da oficialidade “palavra de Deus, palavra da salvação”, enquanto o hino de profissão batismal de Gálatas caía no esquecimento.

Foi um processo que na definição do Canon silenciou e negou na história da Igreja o papel que a mulher teve no cristianismo primitivo, pois os Padres da Igreja assumiram as palavras destas cartas e se esqueceram de Jesus de Nazaré e das autênticas palavras de Paulo.

Os paradigmas que orientam a historiografia são patriarcais, raramente as mulheres são consideradas protagonistas ou a história é escrita a partir de seu olhar de seu chão histórico. Seus corpos, o cotidiano, o compromisso com a vida, as coisas simples do dia-a-dia que garantem a vida seja das crianças, dos velhos e doentes, delas mesmas, mas também dos heróis nunca entram nos livros de história.

Urge restaurar nossa história, resgatar a memória silenciada, anulada e por isso esquecida. Dar voz e entrar no cordão das matriarcas para criar espaços e buscar exercer nosso papel nas comunidades, para nos reconhecer como iguais enraizadas nas tantas mulheres dos primórdios do Movimento cristã missionário. Num certo sentido a perícopes de 1Tm 2, 9-15 é maravilhosa, porque seu estudo leva a descobrir, entre os fios, mulheres e homens inspirados no projeto e ação de Jesus de Nazaré que se mobilizaram por relações de igualdade e que se empenharam em resgatar os excluídos das estruturas escravocratas e patriarcais.

Hoje, a leitura desse perícopes representa um desafio e uma realidade da qual não podemos nos alienar: a participação ativa das mulheres na Igreja. Embora nestes últimos tempos há pequenas luzes acendendo ainda há um longo caminho a ser percorrido. Não podemos limitar nosso debate a participação da mulher ao diaconato ou presbiterado, precisamos sonhar numa eklesia igualitária, ministerial e laical.

O contexto histórico requer sociedades e instituições novas alternativas, desafia as comunidades cristãs à inclusão das mulheres nas estruturas de decisão, em acolher sua própria sabedoria e intuição, seu jeito específico de ser no mundo.

Lendo, desafiando o texto da 1ª Timóteo e outros textos, julgando a atuação do autor da carta percebemos que não é o caminho a seguir. Ele viveu num contexto que o desafiou a encontrar respostas e soluções. Se sua resposta foi acertada ou não para seu tempo, não importa mais, porque já se materializou na história. Cabe a nós hoje ler nosso contexto histórico e responder a um problema: Por que as mulheres são excluídas da tomada de decisão e liderança nas igrejas, especialmente na Católica Romana?

O *ethos* de nossas sociedades latino-americanas clama pela reconstrução do tecido social de todas as experiências de vida, ouvir aqueles que foram silenciados, incluindo a mulher. O hino aos Gálatas foi capaz de lançar uma proposta alternativa ao seu tempo, por que nós não fazemos isso? E o que seria uma solução viável e programática para esse novo problema da exclusão das mulheres na tomada de decisão da Igreja Católica Romana?

Talvez nas lutas pela igualdade de gênero na sociedade e nas igrejas tenhamos que voltar ser iluminadas pela opção radical de Jesus de Nazaré. Entretanto é importante incorporar textos como 1ª Tm 2, 9-15, em nossos espaços de estudo comunitários. Eles nos forçam pelo tom de suas palavras a reconhecer um legado, que nos dominou como cristãs e cristãos por longo tempo. Elaborar em torno de textos difíceis de ler, um processo de ensino-aprendizagem. Eles representam um desafio intelectual para o/a ouvinte. Fazem brotar a pergunta: Por que tal texto é encontrado na Bíblia? Isso se aplica hoje?

Esses textos nos ajudam a compreender porque as mulheres foram material e historicamente oprimidas, excluídas, marginalizadas e silenciadas e ao mesmo tempo nos religam a forma especial com que Jesus de Nazaré enxertou seu pensamento, sua atuação na história. Ao contrário do que você possa pensar, o estudo destes tipos de perícopes, como 1ª Tm 2,9-15, representam

um mundo a ser descoberto, e no caso específico negá-los, e optar por um amor que liberta da opressão e acolhe o vulnerável, silenciado, pobre, mulher. Recomendo à leitora, leitor não parar, de se perguntar sobre a Bíblia, para procurá-la sem medo constantemente pedindo a orientação da Divina Ruah, não importa se o texto tem palavras chocantes, pelo contrário são aquelas que têm mais significados, provocam nosso imaginário, desafiam nosso aprendizado, acrescentam sabor a nossa vida de crente.

Podemos surgir a pergunta: O que fazer com esta perícopes para que ela não continue a ser usada no fortalecimento da ideologia patriarcal nas igrejas e na sociedade? Acredito que a Palavra lida a partir do chão da vida, do chão pisado pelos grupos marginalizados despertará em nós a mesma criatividade, a mesma indignação, a mesma ousadia, a mesma desobediência e subversão que despertou em Jesus de Nazaré, em Paulo, Lídia, Maria de Magdala, Siro-fenícia, Samaritana, Priscila ... quer entrar no cordão?

PARA REFLETIR

- No seu parecer porque o enunciado “não há homem nem mulher” foi logo anulado?
- Por que as mulheres são excluídas da tomada de decisão e liderança nas igrejas, especialmente na Católica Apostólica Romana?
- Num tempo marcado pela volta à misoginia, machismo, patriarcalismo e aumento de feminicídio, qual é a Boa Nova que as Igrejas cristãs devem anunciar e viver?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANICK, Vincent. *A Igreja Doméstica nos Escritos de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1994.

BYRNE, Brendan. *Paulo e a Mulher Cristã*. São Paulo: Paulinas, 1993.

CAMACHO VIRGÚEZ, R.A. *La mujer ante la sumisión y el silencio: una lectura diacrónica y retórica del 1Tm 2, 9-15*. Bogotá: Corporación

Universitaria Minuto de Dios, 2015.

ELLIOT, Neil. *Libertando Paulo: A Justiça de Deus e a Política do Apóstolo*. São Paulo: Paulus, 1998.

FERREIRA, Joel Antônio. *Gálatas*. A Epístola da Abertura de Fronteiras. Comentário Bíblico Latino-americano. São Paulo: Loyola, 2005.

FERREIRA, Joel Antônio. *Primeira Epístola aos Coríntios*. Comentário Bíblico Latino-americano. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

MACDONALD, M. *Las mujeres en el cristianismo y la opinión pagana*. El poder de la mujer histórica. Estella: Verbo Divino, 2004.

REYES ARCHILA, F. *Otra masculinidad posible*. Un acercamiento bíblicoteológico. Bogotá: Documentos de teología latinoamericana, 2003.

RIBLA, Revista de Interpretación Latino-Americana. *A canonização dos escritos apostólicos*. Petrópolis: Vozes, n. 42/43, 2002/2-3.

RIBLA, Revista de Interpretación Latino-Americana. *Vida em comunidade*. Petrópolis: Vozes, n. 59, 2008/1.

RIBLA, Revista de Interpretación Bíblica Latino-Americana. *La Carta de Pablo a los Gálatas*. Quito: Centro Bíblico Verbo Divino, n. 76, 2017/3.

RIBLA, Revista de Interpretación Bíblica Latino-Americana. *Lectura de la Biblia a partir de las comunidades emergentes na América Latina*. Quito: Centro Bíblico Verbo Divino, n. 77, 2018/1.

SCHÜSSLER FIORENZA, E. *Entre la investigación y el movimiento social*. Estudios feministas de la Biblia en el siglo XX. Estella: Verbo Divino, 2015.

STRÖHER, M. J. Entre a Afirmação da Igualdade e o Dever da Submissão. Relações de Igualdade e Poder Patriarcais em Conflito nas Primeiras Comunidades Cristãs. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes, n. 67, 2000, p. 36-44.

TAMEZ, Elza. *Galatians in the International Bible Commentary*. A Catholic and Ecumenical Commentary for the Twenty-First Century. Coordinación de William R. Farmed, Collegville, Minnesota: The Liturgical Press, 1988.

TAMEZ, Elza. *Luchas de poder en los orígenes del cristianismo*. Un estudio de la primera carta a Timoteo. España: Editorial Sal Terrae, 2005.

O PAPEL DA MULHER NA CRISTIADA

Nacionalismo e integralismo religioso no México

Elisa Sanchez
elisasilva63@gmail.com

RESUMO: A cristiada começou no verão de 1926, quando ao implementar medidas na Constituição mexicana de 1917, o presidente Plutarco Elias Calles estabeleceu: “A Lei Calles”, que impedia o culto público e proibia a participação do clero nos assuntos políticos. Por sua vez, o clero mexicano juntamente com os leigos católicos respondeu a Calles, levando os fiéis católicos a tomar medidas contra o governo, primeiro na forma de boicotes, depois minimizando o consumo dos produtos comercializados pelo Estado e, por último, na forma de violência armada. De um lado do conflito estavam o governo de esquerda, as forças armadas e os camponeses agrários. De outro, estavam os cristeros: católicos conservadores de todas as classes sociais, unidos por mulheres de todas as classes sociais, tanto urbanas como rurais, formando brigadas e grupos bem organizados para ajudar aos cristeros, principalmente na obtenção de alimentos e armas. Mulheres que se sacrificaram e deram suas vidas por uma causa: a liberdade religiosa, em um país que queria eliminar violentamente todos os vestígios da religião, levando o povo a um nacionalismo absurdo. Mulheres que ao mesmo tempo foram utilizadas por fortes expoentes de um integralismo religioso, por terem sido excluídas do cenário político. Mulheres que foram esquecidas, assim como foi esquecido por muitos anos este capítulo da história do México. História de mártires, heróis e heroínas que começaram a ganhar vida por meio da narrativa e da novela mexicana pós-revolucionária, sendo literatura, as histórias não eram verdadeiras, e a história nunca as levou em consideração. Que estas páginas justifiquem o grande legado do papel da mulher mexicana, que com seu gênio feminino lutou, para deixar no coração dos seus filhos, o legado de liberdade pela qual se sacrificou, oferecendo sua vida na guerra cristera.

1. BREVE CONTEXTO POLÍTICO E HISTÓRICO

a) Ideias políticas e sociais no México no final do século XIX e início do século XX. Existe na história cultural mexicana um fenômeno persistente, desde os séculos passados e que teve suas raízes na fase

do vice-reinado: o anticlericalismo. Especialmente a imprensa e o movimento liberal, tanto o movimento maçônico quanto o movimento constituinte tinham uma aversão explícita a tudo que era a Igreja. Isso aumenta com a perseguição do início do século XX.

Fazendo memória, no México o liberalismo do século XIX, que deu início à modelagem da nação, foi um conjunto de ideias políticas que nasceram como ideologia entre 1820 e 1830, e foram implementadas na Constituição de 1857, nas Leis da Reforma. A vitória de Benito Juarez sobre o imperador Maximiliano, o seu partido conservador, declarou em 1867, o liberalismo mexicano como vencedor. Nos anos seguintes, esse liberalismo foi identificado como a mesma fisionomia do México, nação que, nas palavras de Juarez, tinha conquistado sua segunda independência. Os anos posteriores a 1867, testemunharam o estabelecimento de uma tradição liberal que se tornou oficial, que mais tarde se solidificou com as “origens” da revolução de 1910. Infelizmente, o liberalismo no México, após 1867, encontrou um novo ambiente intelectual influenciado em parte pela introdução da filosofia do positivismo. A principal característica do positivismo europeu, nascido na França na década de 1820, foi o repúdio aos elementos centrais da teoria do liberalismo. Embora o positivismo tenha chegado ao México na década de 1860, seu impacto inicial não foi na política, mas na reorganização do ensino superior. A ciência da política forneceu a base para as estratégias durante o longo e autoritário regime de Diaz, conhecido como a “honrável e indispensável ditadura”.

Francisco I. Madero liderou uma revolução liberal contra essa ditadura, após o surgimento do Plano Água Prieta, do Exército Liberal do Noroeste, porém, seus ideais se perderam na assembleia constituinte de 1917, na qual foi redigida uma Constituição, totalmente antiliberal e moldada da ideologia socialista que no início do século 20 começou a dominar o espectro político mundial. O México se afastou do liberalismo desde então.

b) Após a derrubada do presidente Madero pelo general Victoriano Huerta em 1913, os levantes armados contra o usurpador se repetiram em várias partes do país. Em muitas ocasiões os

eclesiásticos passaram a ser perseguidos, pois o ditador se gabava de ser católico. Em poucos meses, a situação de Huerta ficou insustentável, a sua queda aconteceu em 1914, os diferentes grupos que se tinham levantado contra dele, não foram capazes de estar de acordo de quem devia governar, por isso, a anarquia se estendeu sobre todo o país. Um exemplo disso é que somente em 1914, além do governo de Huerta, houve também outros três “presidentes da República” reconhecidos por diferentes grupos que “governaram” simultaneamente. Foram anos de anarquia em que os militares, que se posicionaram se transformaram por isso mesmo, em verdadeiros ditadores, que decidem sobre a vida ou a morte dos seus súditos, bem como as “garantias” que eles próprios se dispuseram a conceder e, frequentemente, emitiram disposições arbitrárias às quais assumiram o título de leis. Alguns deles foram francamente contrários à liberdade religiosa.

Os abusos se sucediam e não havia tribunal de apelação, pois eram os mesmos generais que os ordenavam. Desse modo, Obregón, depois de humilhá-los, mandaria expulsar todos os padres da Cidade do México em 1915, por não quererem ceder a uma chantagem econômica; Manuel M. Diéguez permitiria em Guadalajara o fuzilamento do padre David Galván, por ter atendido espiritualmente aos que morreram em combate; o Plutarco Elias Calles mandaria expulsar todos os padres do estado de Sonora e proibiria o exercício do seu ministério quando foi governador do estado. Tudo isso, sem que houvesse uma única instância a que se pudesse recorrer para pedir justiça. O México estava vivendo “a hora dos generais”.

c) Depois de conseguirem se impor aos demais grupos, os “constitucionalistas” chefiados por Carranza, chegaram ao poder e, em fevereiro de 1917, deram ao país uma nova Constituição que, além de incorporar algumas reformas sociais muito interessantes para o desenvolvimento do país, continha também uma série de artigos que condicionaram o exercício da liberdade religiosa.

O caráter francamente anticlerical de muitos dos integrantes da Assembleia Constituinte levou-os inclusive a discutir a possi-

bilidade de proibir constitucionalmente a prática do sacramento da confissão e, embora não tenha sido alcançado, os congressos estaduais foram autorizados a intervir na disciplina interna da Igreja, lhes dando a faculdade para determinar o número de padres, a partir do próprio julgamento necessário, para ministrar pastoralmente a uma província. Além disso, a nova Constituição não reconhecia nenhuma personalidade jurídica à Igreja, o que a deixava indefesa perante a lei. No final de 1917, a maioria dos bispos estava no exílio; os que permaneceram em território mexicano se esconderam e ameaçaram, assim como boa parte do clero e, como se não bastasse, o que já constituía perseguição de fato foi elevado a status constitucional. Através dos fatos, sem reformar a Constituição, o governo de Carranza permitiu que as águas voltassem lentamente ao seu cause, que os bispos voltassem ao governo das suas dioceses e a prática da religião fosse normalizada em um país que, no censo de 1910, tinha-se manifestado 99% católico. O governo de Carranza foi seguido pelo de Adolfo de la Huerta, que suavizou ou mesmo ignorou as disposições antirreligiosas e, pouco depois, chegaria à presidência o general Obregón, quem era, junto com Calles, um dos dois “homens fortes” do grupo que ele havia triunfado primeiro com Carranza e depois contra Carranza.

d) O governo do General Obregón, entre 1920 e 1924, caracterizou-se pelo que se poderia chamar de “dupla tolerância”: por um lado com a Igreja, que não a perseguia, nem aplicava ordinariamente as leis, que limitava as funções e por outro, com os inimigos da Igreja, que também não eram castigados, nem lhes aplicou a lei, agredindo cada vez mais os católicos. De fato, durante o governo de Obregón levaram-se a cabo massacres de católicos em Morelia, Guadalajara e Durango, para citar alguns; ataques às casas episcopais de várias dioceses; um atentado com dinamite contra a venerada imagem de Santa Maria de Guadalupe, em La Villa e muitos outros atropelamentos que não foram punidos pelo governo, se é que não foram, inclusive, promovidos por ele. Ao termino do governo de Obregón, o general Plutarco Elias Calles, que havia atuado como Secretário do Interior, foi

nomeado para sucedê-lo, após afogar em sangue uma revolta em favor do ex-presidente interino Adolfo de la Huerta, e após uma eleição questionada.

e) *Plutarco Elias Calles assumiu a presidência em 1º de dezembro de 1924*, imediatamente, em março do ano seguinte, começaram a aparecer os primeiros sintomas do que seria um período agitado em termos de liberdade religiosa.

Não era novidade que os leigos se organizaram por causa deste efeito, de fato, a partir da Constituição de 1917, em várias ocasiões foram precisamente eles, através de associações cívicas, que, por meio da resistência civil pacífica, tinham conseguido que algumas leis que atentavam contra a liberdade religiosa não tivessem efeito. Quase ao mesmo tempo na igreja nacional, surgiu uma associação cívico-política cuja finalidade era agrupar todas as organizações católicas em um único organismo que lhes daria coesão. Desta forma, associações religiosas como a Adoração Noturna e as Congregações Marianas, ou cívicas, como a União Nacional de Pais de família e a Confederação Católica do Trabalho, bem como outras, ajudam a Igreja, como os Cavaleiros de Colombo, se unindo para defendê-la, sob o título do papel timbrado da *Liga Nacional para a Defesa da Liberdade Religiosa*, a partir de março de 1925. Também em 1925, o *Comité de Defesa Popular*, fundado um ano antes por Anacleto González Flores, constituiu-se como uma associação cívica em defesa dos direitos dos Igreja, a chamada União Popular, que chegava até os últimos cantos de Jalisco e permeou abundantemente os estados vizinhos: Colima, Michoacán, Aguascalientes, Zacatecas e Guanajuato (GONZÁLEZ MORFÍN, 2016, pp. 269-290).

A guerra cristera foi, de facto, durante muito tempo, um “caso” deliberadamente esquecido, silenciado por historiadores, políticos e eclesiásticos, um acontecimento traumático para a nova nação que iniciava o seu percurso pós-revolucionário. Foram “enterrados”, assim, os fatos daquele doloroso confronto entre um exército, composto na sua maioria por camponeses e pequenos fazendeiros do Centro-Oeste do país, por outro lado,

os federais do General Amaro, Secretário de Guerra do “governo Calles”. Essa guerra se estendeu por um vasto território do país e envolveu também de forma direta, a população civil, que habitava as vilas e os povoados do interior, de maneira muito direta, a ajuda incondicional das mulheres para com os cristeros. Trata-se de uma guerra particularmente cruel, que se prolongou durante três anos (1926 - 1929), que continuou mais tarde com aquele rebrote menor e disperso: “*a segunda onda*”, no ano de 1934, até a rendição do último cristero em 1940. O general Calles se tinha proposto aplicar os artigos constitucionais conflitantes, que regulavam a sempre aguda “questão religiosa”. Os bispos suspenderam os cultos e o povo, ou parte significativa dele, rebelou-se na cidade com o boicote, os protestos, os cartazes, as manifestações e no campo com armas.

Foram necessários quase quarenta anos, para que a imagem mítica do fato fundacional do México contemporâneo, a Revolução, se rompesse, para permitir que um pesquisador estrangeiro, Jean Meyer, se introduzisse pelas estreitas fendas, que facilitavam o acesso até àquela ferida nunca fechada por completo. E assim se recuperou a voz e com ela a história de quem não tinha outra voz, nem outra história, senão a da praça dos povos, onde um violão meio quebrado e algumas palavras gastas repetem, ainda hoje, em poesias de melodia monótona, as façanhas do herói local, os combates mais notáveis, as vidas e milagres e claro, as mortes daqueles cristeros e soldados do exército. La cristiada, o estudo monumental de Meyer foi, nas palavras de Elena Poniatowska, uma obra «fundamental» dentro da transformação cultural experimentada no México por volta do ‘68, que -entre outros fenômenos- se pode apreciar em “uma mudança na forma de fazer história”. Depois de Meyer, os acontecimentos do conflito religioso foram perdendo seu caráter de tabu e de forma crescente a partir das novas relações entre Igreja e Estado, que durante o período do governo Salinas, tem recebido uma maior atenção por parte dos historiadores (ARIAS URRUTIA, 2002, pp. 423-430).

2. OS CRISTEROS E A LUTA RELIGIOSA

a) *O antigo conflito Estado-Igreja.* Embora na opinião de críticos como Jean Meyer, a origem da problemática Igreja-Estado refletida posteriormente as cristiadas, pode ser referida ao México pré-hispânico, a partir do momento em que: A Igreja Católica chegou ao México com o conquistador espanhol, é muito difícil separar o espiritual do secular nos atos e motivos de um e do outro, ambiguidade também agravada pela própria vontade firme que os reis, muito católicos, manifestaram para “proteger a igreja”, proteção que foi a origem de todos os conflitos entre a Igreja e o Estado, nas diversas regiões do que foi o Império Espanhol. Assim, o Estado espanhol justificou sua expansão, seu domínio pela extensão e proteção da Igreja (MEYER, 2006: VII).

O que importa nesta resenha histórica da religião indígena e cristã é seu caráter paradoxal e irreconciliável. O espírito de cada um seguiu diferentes trajetórias que refletiam processos mentais opostos; espanhóis e nativos tinham interpretações diferentes da religião, do subjetivo da fé e do metafísico. A este divórcio deve-se acrescentar um fato concreto: a obra da evangelização foi dolorosa, um sacrifício da parte vencida. José Revueltas, por sua vez em *“El luto humano”*, opina que o fenômeno se centra na destruição da conquista, que na sua ânsia de subjugar a cultura indígena: os espanhóis erraram ao destruir os templos gentios, para construir outros templos católicos. Tudo isso não constituía realmente acabar com uma religião para implantar outra, mas acabar com todas as religiões, com todos os sentidos da religião.

A colônia espanhola foi rapidamente capaz de enganar facilmente os altos dignitários da Igreja, tanto em Roma quanto na península, por meio de relatórios desordenados sobre a conversão dos infieis. Os teólogos juristas da Colônia se preocupavam mais com o cânone do que com os espíritos e, se a carta fosse respeitada, os nativos poderiam continuar no fundo a ser idólatras. Algo ficou faltando ao povo desde então. Como a terra, o deus, Tlaloc, Cristo. O que eles poderiam esperar agora? (REVUELTAS, 2000, p. 171) inquestionavelmente, os indígenas sofreram

a usurpação dos seus deuses, com a imposição de um catolicismo a sangue e fogo, na maioria dos casos discretamente. Enquanto o ressentimento e a memória coletiva registravam a experiência de que séculos no futuro de alguma forma seriam revividos, mas agora nas mãos dos militares na pós-revolução. Provavelmente para o povo mexicano esta foi a segunda vez que sofreu a submissão das suas crenças religiosas, já que acabava de se recuperar de uma revolução, que prometia devolver suas terras, agora com o fechamento dos templos, seus próprios representantes da Igreja os privavam da liberdade de manifestar sua fé, nos seus próprios templos erguidos para seu deus.

Ninguém descobriu, por exemplo, que a religião de Cristo Rei, que essa religião nacional, era outra, e que Roma, ao pregá-la, colericamente com as armas e com os braços nas mãos, não fazia mais que se dissolver, reintegrando-se ao que séculos atrás havia destruído, quando sobre os templos indígenas se ergueram os templos do severo, árido, inexorável e apaixonado catolicismo. A religião dos cristeros era a verdadeira Igreja, feita de todas as dores, todos os ressentimentos, todas as misérias de um povo oprimido pelos homens e pela superstição. Com a cristiada, “os homens voltam aos tempos em que estavam à mercê da natureza e acabam por ser suas vítimas. A herança pré-hispânica se impõe, degradada pela conquista, predomina o impulso à morte” (NEGRÍN, 2005: 120).

De tal forma, que este pudesse ser sacrificado, pudesse até ser morto impunemente, já que sua morte não tinha valor algum. Assim, de alguma maneira esta figura coloca o indivíduo na margem, entre a cidadania e a vida social, ele está vivo, mas é como se já estivesse morto. De maneira analógica, o católico mexicano da década dos vinte, estava sujeito ao poder militar, ao poder do Estado, como poder soberano, assumindo a perseguição e o assassinato como parte da sua luta durante a guerra cristero. Eles não o fizeram pela própria glória, nem mesmo pela própria vida, mas pela causa da sua fé.

Para os cristeros, o enfrentamento com a violência é assumido quase como um direito, para sofrê-la e exercê-la quantas

vezes forem necessárias, para cumprir o que acreditavam ser o desígnio divino na luta pela fé. Bem, apesar do fato de que “os cristeros carecem de um líder humano que os unia, lhes desse identidade e nome, eles atacam e morrem gritando: Viva Cristo Rei! Por isso foram chamados de “Cristos-Reyes” e depois cristeros até se convencerem de que o líder daqueles insurgentes irredentistas era o seu redentor, Cristo Rey” (AVITIA, 2007, p. 5). Pelo nome, batizado com fogo, “a cristiada e os cristeros, não podem ser analisados à luz da razão pura com a exclusividade numérica da história, mas sim no campo da subjetividade do imaginário coletivo” (AVITIA, 2007, p. 6). Pois é a partir deles que “se cria a presença de uma consciência religiosa centrada num acontecimento histórico, o conflito de 1926, bem como com o seu grito Viva Cristo Rei! Imprimem uma consciência sobre os sobreviventes, que tentam entender o que vivenciaram” (MEYER, 1989, p. 239).

Na opinião de Alicia Olivera de Bonfil, as guerras cristeras constituíram “um sério movimento contrarrevolucionário”, que não deve ser considerado “um fato histórico único e isolado no mundo. Foi uma das reações do catolicismo às grandes mudanças sociais e políticas ocorridas no final do século XIX e no início do século XX, decorrentes do surgimento de novas doutrinas econômicas, políticas e filosóficas. Claro que com características e personalidade próprias, mas sempre como mais uma expressão de fatos universais”. Dada a natureza do conflito, desde as origens da guerra cristera até os acontecimentos posteriores chamados de “acordos”, se destacou a caça às bruxas paralela à luta corpo a corpo, contra tudo que soasse como cristero, contra todo tipo de atividade religiosa, correligionários, religiosos, padres e o povo no geral, se viram envolvidos em uma onda de violência e sangue.

Então, quando se trata de querer recriar os acontecimentos, ou de alguma forma deixar um testemunho do que aconteceu, fora da versão oficial, o cenário ideal é uma novela criminal. Somente o gênero criminal poderia dar voz a todo o espectro da violência e com uma abordagem eminentemente historiográfi-

ca. A guerra cristera e a contextualização da sua narrativa histórica, com a crueldade exercida na perseguição, é desencadeada contra os dissidentes cristeros dos acordos, contra aqueles que foram silenciados pela mega-história oficial. (OLIVERA DE BONFIL, 1994. P.12).

b) Entre o violento e o sagrado. Quando os cristeros foram devidamente encurralados pelas disposições da Lei Calles, devido às fortes e decididas restrições à manifestação da sua religiosidade com base na Carta Magna, responderam primeiramente com a criação da sociedade da Liga Nacional para a Defesa da Liberdade Religiosa, a organização do boicote econômico e o abaixo assinado, para que finalmente se assumisse o último recurso: a defesa armada. Exigia-se um sacrifício por parte dos cristeros, um sacrifício dos cristãos já não na arena romana como nos tempos de Nero, agora diante dos terrenos do Estado. Com respeito ao conceito sacrificial, resulta especialmente interessante observá-lo na ótica que o expõe René Girard, na figura de apresentar o violento ligado ao sagrado. O sacrifício dos católicos se iniciava a partir do monumento em que se viam como sujeitos indefesos diante da resposta negativa do Estado, que, fechado a todas as negociações, sabia que não cederia, mas apenas diante da violência.

O primeiro sacrifício foi feito no fechamento dos templos, agora só faltou estruturar a defesa da sua religiosidade com a luta armada, que obviamente, deveria ter o suporte ideológico da teologia do sacrifício como elemento de acessório, já que a Igreja e Deus mesmo, estavam sendo ofendidos e por isso era necessário um desagravo. Os católicos assumiram a luta armada, fazendo do fato “mais do que uma cruzada, uma *“imitatio Christi”* coletiva com o sacrifício dos cristeros, muito mais importante do que a morte dos perseguidores” (MEYER, 2012: 301). Entre os cristeros, se assumiu a morte como uma grande oportunidade de conquistar a glória eterna, mais uma prova da predileção divina que, transferida para o sacrifício, era assumida como um direito, quase como um privilégio na consciência de viver um tempo extraordinário. Ilustrativa dessa condição é a

oração composta pelo professor Anacleto González Flores, que os membros da Liga de Defesa para a Liberdade Religiosa, costumavam rezar no final do rosário:

Jesus misericordioso! Meus pecados são mais do que as gotas de sangue que você derramou por mim. Não mereço pertencer ao exército que defende os direitos da sua igreja e que luta por você. [...] Lava-me de minhas iniquidades e purifica-me dos meus pecados. Pela vossa santa Cruz [...] perdoa-me, não soube fazer penitência pelos meus pecados; é por isso quero receber a morte como um castigo merecido por eles. [...] conceda-me que meu último grito na terra e o primeiro no céu seja: Viva Cristo Rei! (LA CRISTIADA, 2006: 280).

Assumindo essa atitude diante dos ataques e da perseguição dos exércitos federais, começava a busca e sequência das vítimas sacrificais, passando a ocorrer desde os enforcados, que eram enforcados como frutos das árvores, até a entrega voluntária do Padre Miguel Agustín Pro. Sem deixar de considerar os milhares que foram entregues a pelotões de fuzilamento ou executados sob a tortura.

O confronto das forças do Estado contra os cristeros, nos levam a considerar a contextualização da façanha cristera em termos de uma luta de contrários: personagens enfrentados com uma mecânica da violência, cujo funcionamento é demasiado implacável para dar lugar ao menor juízo de valor, para permitir quaisquer distinções, simplistas ou sutil, entre mocinhos e bandidos.

Quanto mais dura a rivalidade trágica, quanto mais favorece a mimese violenta, mais multiplica os efeitos de espelho entre os adversários (GIRARD, 2006, p. 54). Tinha-se dado o recomeço do ciclo da violência no México, ao qual caberia acrescentar que: o problema é que esta violência —no caso da cristiada— não consegue romper com o círculo da violência, mas a reinicia, dando origem a uma crise sacrificial recorrente, que leva a sociedade à destruição de si mesma. O reaparecimento da “segunda onda” ou a segunda cristiada (1934-1940) exemplifica esse recomeço da violência.

3. A MULHER NA CRISTIADA, UMA HISTÓRIA ESQUECIDA, CHEIA DE VALOR E SACRIFÍCIO

Embora seja verdade que quando se fala da participação das mulheres no movimento cristero, incluímos todas as ações que foram realizadas a favor deste, em um único tipo de colaboradora, é preciso distinguir a diferença entre as atividades realizadas pelas mulheres da cidade e do campo, já que dependiam da zona e das circunstâncias em que se encontravam, era a maneira como eram designadas as atividades que deveriam desenvolver. A insurgência cristera, ao contrário dos movimentos armados da segunda metade do século XX no México, aparentemente não tinha nenhum financiamento do exterior, portanto, nenhuma possibilidade de obter armamentos de fora do país. A única maneira de consegui-lo era tirá-lo do adversário, uma vez derrotado no campo de batalha, ou comprá-lo dele, pois sempre havia soldados e até oficiais dispostos a vender o parque. Por isso foram as mulheres das zonas urbanas, que iniciaram a criação dos primeiros grupos dedicados a buscar os meios precisos para satisfazer as necessidades dos cristeros, nos campos de combate, apenas correspondente ao armamento. Neste contexto, as ações desenvolvidas pelos militantes da cidade a favor do movimento cristero, recaíram essencialmente na organização da ajuda econômica aos soldados e no planejamento das atividades que eram realizadas para abastecimento de munições (AGHPM, Ano de 2012, p. 191-223).

Embora o movimento cristero começou com a tática de “guerra de guerrilhas” e com poucos soldados em suas fileiras, logo após seu início tornou-se um levante forte e bem organizado que conseguiu infligir consideráveis baixas ao exército de Plutarco Elias Calles. Nesse mesmo sentido, a guerra cristera não poderia se entender, nem poderia se levar adiante da maneira como o fez, sem a participação ativa das mulheres. A ajuda que ofereceram não foi dispersa, mas muito bem organizada através das Brigadas Femininas de Santa Joana D’Arc. No entanto, as atividades que as mulheres desenvolveram naquela guerra não se limitaram

apenas às da brigada feminina. Nos lugares onde os homens faltavam, as mães ficavam com os filhos em casa para cultivar a terra e cuidar da família. Organizaram-se corpos sanitários e enfermeiras para ajudar os feridos, mas o mais importante é que alguns se organizaram para manter viva a catequese e difundir nas crianças o amor a Cristo e à sua Igreja. O que a continuação se apresenta é uma análise da importância da participação das mulheres na guerra cristera e as diferentes formas como foi feito (QUEZADA, 2012, pp. 200).

A participação dessas mulheres na rebelião é um fato registrado, que exemplifica o grau de consciência coletiva, no fato de serem “mulheres identificadas com sacrifício e coragem, dedicadas à fidelidade de uma causa por acreditarem que eram as depositárias dos valores de fé. Daquelas que em franco desafio contra um exército superior e bem armado se desenvolveram em meio à insegurança e à guerra” (NARANJO, 2010 p.78). Foi o caso de Genoveva, a “Chacha”, uma das personagens femininas de Goytortúa, que afirmava com orgulho: “Eu fui uma cristera. Não andava com as armas na mão, mas fiz o que todo mundo por aqui fazia, ajudar os rebeldes, podíamos com relativa facilidade repassar avisos, dinheiro e remédios e até munições para os diferentes grupos de cristeros que operavam na zona, tínhamos que tomar muitos cuidados e éramos mais desconfiadas que os coioetes, mas sabíamos por que o fazíamos” (GOYTORTÚA, 1945, p. 112). Outro exemplo que ilustra a participação das mulheres é o caso de Margarita na Jahel de Jorge Gram: localizada na época da segunda rebelião. (GRAM, 1955).

No que diz respeito à interpretação dos fatos da cristiada, para Jorge Gram a violência vai além dos acontecimentos do momento e a expressa na sua narrativa, já que elabora toda uma versão da história do México, que é a história infeliz de um povo dilacerado entre o liberalismo do passado e a ameaça futura do comunismo. De fato, a barbárie aparece desde as suas origens, simbolizada pelos “horrores de Huichilopxtli”, o deus guerreiro insaciável, seguida da redenção do catolicismo hispânico, somente para voltar a cair na barbárie liberal. Madero, o apóstolo da

verdadeira revolução, lidera outra tentativa de salvação em um momento único de sinceridade, verdade e democracia, com o apoio do Partido Católico Nacional, para se desviar mais uma vez mais sob a minoria tirânica, pagã e traiçoeira, encabeçada por Carranza, o chefe constitucionalista e Elias Calles como seu executor (SÁNCHEZ MORA, 1989, p. 21).

Embora a presença das mulheres nos diferentes movimentos armados da história do México tenha sido de grande importância para o desenvolvimento dos mesmos, a guerra cristera traz consigo uma mudança importante na forma como as mulheres se fazem presentes, não apenas como um sujeito complementar do setor masculino, agindo sob sua proteção e restrições, mas como uma entidade com a mesma capacidade de organização e iniciativa para lutar contra a ordem política, que atacava uma das instituições que dava sentido a grande parte da vida: a igreja católica. A criação das Brigadas Femininas de Santa Joana D'Arc revelou a capacidade das mulheres de realizar ações que, no contexto da guerra, só competiam aos homens. O fornecimento de armas e munições, com a posterior distribuição aos soldados cristeros, são atividades que as mulheres brigadistas conseguiam realizar com maior eficácia, do que a Liga Nacional. Infelizmente, a boa organização das mulheres neste movimento, causou grande mal-estar entre as principais lideranças, tanto civis quanto religiosas, trazendo como consequência, não apenas a extinção desta agrupação, mas a sua própria expulsão das atividades que desenvolviam dentro da Igreja (QUEZADA, 2012, p. 219).

4. BRIGADAS FEMININA SANTA JOANA D'ARC

No desenvolvimento da luta cristera, um fator de grande ajuda, como já mencionamos, foi a formação das Brigadas Femininas Santa Joana d'Arc. A primeira brigada foi formada em 21 de junho de 1927 em Zapopan, (Jalisco), chefiada pela Senhora Uribe, que assinava com o pseudônimo de Senhora G. Richaud. No início era composta por 17 mulheres, mas poucos dias depois tinha mais de 135 membros. Seu trabalho consistia em obter dinhei-

ro, comida, parque, informação, refúgio, cuidado e proteção para os combatentes. Sua palavra de ordem era o voto de silêncio, que permitia um trabalho mais eficaz. As mulheres foram inicialmente recrutadas em colégios católicos e, com o tempo, foram incorporadas mulheres camponesas de todos os estratos sociais. Em março de 1928, as brigadistas eram aproximadamente 10.000 militantes. Fingindo piqueniques ou caminhadas, saíam com os mantimentos e os distribuíam discretamente em locais secretos, previamente combinados.

As Brigadas Femininas de Santa Joana d'Arc transportavam munições em faixas ou em carroças cobertas com milho, sabão, ovos ou cimento até as zonas de combate, onde mais tarde nas costas de mula as levariam aos cristeros. As brigadas chegaram a contar com 56 agrupações que devam um total de 25.000 militantes. A eficácia das suas ações e o voto de silêncio, permitiram ao governo não ter conhecimento das suas manobras, até março de 1929, quando começaram as incursões para detê-los em Guadalajara e na Cidade do México, mas não conseguiram enfraquecê-las e continuaram até terminar o movimento.

Não poderemos entender as duas cristiadas, sem a total cooperação das mulheres cristeras. Já em agosto de 1926, tinham sido as primeiras e as mais determinadas na hora de montar a guarda nas igrejas. Os homens vieram defender as igrejas para defender também suas mulheres. Nas origens da cristiada, as mulheres mexicanas têm a primeira mártir, Maria del Carmen Robles, que morreu resistindo às propostas desonestas do General Vargas. O movimento cristero encontra nestas mulheres o suporte insubstituível, sobre o qual podem ser forjados os mecanismos necessários para sobreviver. A ajuda oferecida pelas mulheres não está desarticulada, mas organizada e sujeita a inúmeros riscos. A ineficácia da Liga Nacional de Defesa (onde se agrupam católicos, homens, principalmente urbanos) leva à consolidação da União Popular e, posteriormente, à formação das *Brigadas Femininas de Santa Joana D'Arc*.

Logo as Brigadas estão se espalharam por todo o país. Na Cidade do México, feudo da Revolução, a organização começou

a funcionar em janeiro de 1928. As Brigadas Femininas de Santa Joana D'Arc trabalham clandestinamente, impondo um juramento de obediência e sigilo a seus integrantes. A estrutura é hierárquica e militar, uma vez que se supõe que foi um corpo mais de combate na guerra cristera. Entre suas funções se propõe estruturar um sistema de financiamento para arrecadar dinheiro entre os católicos mexicanos. Também foi labor fundamental a compra de armas, munições e o fornecimento às tropas cristeras. A munição das tropas cristeras não foi simples, pois têm que lutar contra um embargo decretado pelos Estados Unidos, que proíbe a venda de armas e munições aos cristeros. Os cristeros vinham do mundo rural, não podiam fabricar munições, portanto sua sobrevivência depende do trabalho das mulheres.

A eficácia das Brigadas neste campo é retumbante. Graças aos brigadistas e aos operários católicos das fábricas de armas do Estado, eles podem estabelecer um sistema de abastecimento de cartuchos. As meninas viajam das províncias para recolher a munição na capital e a transportam para os locais de combate, camufladas em coletes especiais com forro duplo. Cada colete pode conter mais de 500 cartuchos. A carga deve passar por vários controles e chegar ao seu destino nas montanhas.

Ao começo a Liga Nacional aceitou que as Brigadas tenham um funcionamento autônomo, mas logo desejam poder controlá-las, já que a própria Liga Nacional não é capaz de criar uma organização semelhante.

Ao resistir ao controle por parte da Liga, a própria Liga abre um expediente teológico contra elas, apresentando-as ante Roma como uma sociedade secreta. Seu segredo não é outro senão o de uma organização de resistência em estado de guerra. Apesar da incompreensão dos homens católicos *acomodados*, elas se sacrificam até o heroísmo para apoiar todas as necessidades dos cristeros na luta. Denunciadas repetidamente perante Roma, são dadas indicações da Cúria para impedir o juramento de obediência e segredo. Fiéis à Igreja, as dirigentes das Brigadas deixam de exigi-lo. O desastre então se torna inevitável. As Brigadas conseguiram manter o governo sob controle, sem que ele pudesse

desmantelar a organização. No entanto, na nova situação, os vazamentos desmoronam a organização. No verão de 1929, numerosas militantes foram detidas e deportadas. Mas as Brigadas Femininas não são apenas uma organização com fins militares, são também uma organização de caridade e social. As mulheres, diante das leis anticlericais, jogaram os homens às montanhas. Elas próprias, nas zonas dominadas pelos cristeros, ficam cultivando os campos e cuidando das casas, além de se encarregarem de fornecer alimentos às tropas. Outras vezes, as mulheres se tornam suporte de vida ocultando-se com seus filhos nas mesmas montanhas onde estão seus maridos, filhos ou irmãos. Também, organizam-se os serviços sanitários, os corpos de enfermagem e, o mais importante, para manter vivas a catequese e a religiosidade. As Brigadas tomam como base de militância os grupos catequéticos paroquiais e as Adorações Noturnas femininas com sua base social que abrange todas as camadas sociais. Os comandos são compostos, porém, na sua maioria, por simples mulheres camponesas (AZKUE, 2000, p.109).

5. JCFM: JUVENTUDE CATÓLICA FEMININA MEXICANA

Em meio à incerteza que prevalecia para os cristãos, a Juventude Católica Feminina Mexicana (JCFM) surgiu em 18 de maio de 1926, como resposta à crise que se vivia naquela época, devido à perseguição religiosa, para despertar em todos as jovens do desejo de melhor servir melhor a nação mexicana e de adquirir uma sólida formação.

Durante a Guerra cristera, o trabalho que desempenharam as jovens deste grupo foi de grande utilidade para a Igreja e para a sociedade. Por exemplo, forneceram ajuda legal, comida e roupa aos prisioneiros, de acordo com um relatório de outro grupo Damas Católicas, mais de 7.000 pessoas receberam ajuda em três anos. Certamente, algumas jovens foram presas naqueles anos e até enviadas à colônia penal Islas Marias.

A agrupação também conta com mártires reconhecidas, como é o caso da catequista Maria de la Luz Camacho González, que foi

assassinada na igreja de San Juan Bautista em Coyoacán, em 1934, por um grupo anticlerical conhecido como Camisas Vermelhas.

Em Roma, o Papa Pio XI viu com preocupação o que ocorria no México, como consta na Carta Encíclica *Iniquis Afflictisque*, na qual felicitou as organizações de leigos pelo seu testemunho cristão. «Uma palavra de louvor muito especial é dirigida às organizações católicas que durante estes tempos difíceis estiveram, como soldados, ombro a ombro com os seus sacerdotes», escreveu o Papa.

Outro documento pontifício que também fazia referência à situação do México foi *Paterna Sane Sollicitudo*, de fevereiro de 1926, no qual aconselhava a fundação da Ação Católica e quando em 24 de dezembro de 1929, surge esta agrupação, a JCFM se integrou com uma das quatro organizações fundamentais da Ação Católica Mexicana, especializadas em jovens e adultos de ambos os sexos (JCFM de Queretaro. No 90º aniversário da fundação).

6. AS MULHERES MICHOCANAS NA GUERRA CRISTERA

Aqui destacamos a presença e participação das mulheres michoacas durante o conflito entre o Estado e a Igreja Católica no México na primeira metade do século XX, conhecido como guerra dos cristeros. Isto é, com a principal finalidade de assinalar a grande importância que as mulheres tiveram no movimento, não apenas como fornecedoras de armas, munições e notícias entre os diversos grupos, mas como entidades fundamentais na conservação e realização clandestina das atividades do culto católico. Deste modo, procura-se, descobrir quais foram as motivações, tanto pessoais como sociais dessas mulheres para realizar as diferentes ações a favor da guerra, sem importar as consequências que poderiam advir.

Nesse sentido, é bom considerar que embora o campo de atuação da mulher michoacana, durante esse período, seja apenas no seio do núcleo familiar e como sujeito fundamental na conservação e transmissão dos valores morais, especialmente religiosos

no casamento com os filhos, a presença delas adquire grande importância detonante, para a mudança na forma como participa da guerra. Dessa forma, o conflito cristero oferece às mulheres novas formas de participação social que antes não existiam.

A participação das mulheres michoacanas no movimento cristero não ocorreu de maneira esporádica, condicional e muito menos acidental; pelo contrário, tinham uma forte motivação pessoal, que tinha como pano de fundo uma prévia formação religiosa, o que as fez empreender qualquer tipo de ações, sem importar as consequências que pudessem trazer. A Igreja Católica se encarregou de criar, poucos anos antes de iniciar a guerra cristera, importantes agrupações femininas, que brindaram à mulher a oportunidade de se constituir como um ser dinâmico, nas atividades do mundo público, já que o estado e a própria tradição cultural, o tinha negado. Da mesma maneira, esses grupos se encarregaram de fomentar na mente das mulheres os princípios morais e religiosos para que elas por sua vez, os transmitissem aos filhos e esposos e avisassem nas famílias os sentimentos religiosos que levaram aos homens à guerra uma vez que se destacou o movimento cristero.

Na localidade de Zamora (Michoacán), o jovem Joaquín de Silva y Carrasco lhe confessou a um padre a decisão que tinha tomado de ingressar nas fileiras dos cristeros, aos quais o padre apenas perguntou se sabia no estado em que ia deixar a sua mãe e as suas irmãs, o jovem apenas respondeu: “Mas padres, são elas que mais me encorajaram na minha decisão!” Desta forma, podemos perceber, a grande influência que poderia uma mãe ter na decisão dos seus filhos ou esposo, visto que elas argumentavam que não estavam lutando por nenhuma causa qualquer, mas que era para defender a igreja que estava sendo atacada pelo governo federal, e ao ficar indiferente diante de tais acontecimentos, se estava incorrendo um grave pecado.

Sem deixar de lado o conservadorismo religioso, sob o qual eram regidas as atividades de guerra, tanto masculinas como femininas, as ações que as mulheres michoacanas desempenharam no conflito cristero, rompem com os esquemas tradicionais de sujeição, onde elas punham sua vontade sob os desígnios mascu-

linos. Em contraste com os paradigmas culturais que regeram a sociedade mexicana e as relações entre homens e mulheres ao longo do século XIX, no contexto da guerra cristera, são as mulheres que motivam, influenciam e até ordenam que seus esposos e filhos saiam em defesa da religião. São elas que em várias ocasiões têm que proteger e cuidar dos homens, sejam eles chefes cristeros, padres ou simples soldados, dentro de seus lares, fornecendo-lhes alimento e abrigo. Nesse sentido, e no caso específico da parte ocidental do estado, constatamos que a maioria das mulheres michoacanas que interferiram no movimento cristero, o fizeram também, preservando as atividades próprias do culto católico, desde quando as atividades religiosas nos templos, pois ao se dar a suspensão das atividades religiosas nos templos, as mulheres improvisavam no interior dos seus lares, sejam habitações, pátios ou porões, pequenos altares clandestinos, onde o comumente a população se reunia para celebrar a missa, a aplicação dos sacramentos e o resguardando da sagrada comunhão.

Da mesma forma, a assinatura dos “acordos” entre as autoridades civis e eclesiásticas, gerou um mal-estar significativo entre os grupos de católicos que tinham participado da guerra, já que esses “acordos” foram feitos sem a opinião e muito menos o consentimento dos próprios cristeros. Nesse sentido, muitas das mulheres michoacanas, ao conhecer as resoluções, ficaram decepcionadas com a igreja, pois para elas a forma como a guerra havia terminado era como se sua participação tivesse sido considerada nula ou de pouca importância. Ou seja, de nada tinham servido todos os perigos, fomes, maus-tratos e humilhações a que tinham sido expostas. Nesse sentido, ao contrário das mulheres de outros estados da república, como Jalisco, Querétaro e Cidade do México, onde elas sim buscaram reconhecimento social, as mulheres de Michoacán no final do movimento armado, não buscaram manter sua presença nas atividades sociais e públicas, essa nunca foi sua intenção. Embora o único objetivo delas ao se envolverem na guerra cristera era a defesa da sua religião, ao final dela voltaram para casa para continuar realizando as atividades específicas do seu gênero: cuidar do marido, garantir a educação dos filhos e cuidar do lar.

Finalmente, podemos concluir que, a participação das mulheres no movimento cristero é de grande importância, não só pelas diferentes atividades que recaíram sobre elas em prol da própria guerra, mas também na mudança temporária dos papéis de gênero, a que correspondia a mulher ajudar, cuidar e proteger os homens, invertendo assim as construções culturais e sociais, que por muito tempo o varão tinha procurado impedir, pois no contexto do movimento cristero, era ele quem devia colocar-se sob a proteção de um setor que se acreditava devia estar subordinada à vontade masculina (QUEZADA, 2012, p. 191-223).

7. A NARRATIVA CRISTERA, A OBRA OCULTA DE UMA HISTÓRIA

A partir do momento em que a Guerra cristera se constituiu no México, por mais de meio século como um fato deliberadamente esquecido, silenciado por historiadores, políticos e eclesiásticos, tornou-se um evento traumático para a nova nação, que acabava de iniciar sua jornada pós-revolucionária, de uma maneira lógica. A versão oficial ou oficialista, ofereceu uma versão grosseira para explicar o movimento cristero, um grupo heterogêneo dominado por um fanatismo cego, que se servem as forças privilegiadas, com toda uma argumentação apocalíptica, para conter as reformas estruturais que o triunfo que trazia consigo o triunfo da revolução. (ARIAS, 2005, p. 19).

É interessante notar que nos registros historiográficos do México pós-revolucionário, a ocorrência de La Guerra cristera não é citada como um evento histórico. Dessa maneira, a narrativa cristera passou ser uma narrativa oculta, ignorada e, na melhor das hipóteses, submetida à periferia do cânone, já que os narradores da guerra cristera, para realizar sua obra, tiveram que enfrentar duas grandes correntes: “De um lado a repressão ao poder hegemônico ditatorial dos triunfantes militares da Revolução Mexicana, de outro lado, a intencionalidade de resgatar do esquecimento forçado da história oficial, os interesses do povo protegidos sob a proteção da Igreja, o que fez com que sua produção narrativa fosse por excelência uma literatura negada” (RUIZ ABREU, 1998, p. 23). Inquestionavelmente, o texto cristero veio preencher uma la-

cuna, que existia na narrativa pós-revolução, quanto à necessidade de vincular o acontecimento do ponto de vista sócio-histórico. Da mesma forma: a narrativa da cristiada foi uma espécie de palavra bendita que o leitor esperava com ansiedade, pois é um relato autobiográfico, uma novela, um testemunho que a revelação, além da condenação moral e religiosa dos excessos do governo, de um episódio negado pelos historiadores, pouco citado pela crítica literária, que os intelectuais preferiram omitir como gesto liberal” (RUIZ ABREU, 1998, p. 25).

Tudo isto é ilustrado pelo caso de Jahel de Jorge Gram, novela que permaneceu durante décadas, extraviada e ignorada de tal maneira que a crítica não o incluiu em seus estudos e as investigações a esse respeito foram reduzidas a nada; até que foi acidentalmente localizada em um depósito da alfândega fronteiriça entre o México e a Guatemala, daí levada por um anônimo até as proximidades da capital italiana. Completando a viagem pela compra e venda que a fez voltar a chegar às terras americanas. Produto cultural diverso, a literatura cristera inclui o corrido e a crônica, a autobiografia, o diário, as memórias, o conto e a novela em que convivem múltiplos testemunhos, vozes que ainda recordam a ferocidade da guerra, da história política, militar, social, sua gestação e desenvolvimento, têm sido já contadas. Faltou enfrentá-la pelo que ela é: uma expressão literária, que tem seu próprio mapa crítico, bem como comportamentos e desenvolvimentos específicos. Era preciso desvendar sua estrutura, seus personagens, sua linguagem, **às vezes abundantes** em reflexos de tradição oral, sobretudo, sua visão particular do mundo.

Precisamente, nas novelas a favor das guerras cristeras, de maneira automática, os personagens bons e/ou heroicos são os latifundiários, os cristeros, os padres e os membros ativos das Brigadas Femininas de Santa Jana d’Arc. No caso das novelas anti-cristeras, os maus e retrógrados são os cristeros, os padres, os latifundiários e as integrantes das Brigadas Femininas de Santa Joana d’Arco, enquanto os bons e ideologicamente progressistas são os agraristas, os professores rurais, os membros do exército e os funcionários do governo (LOZANO, 2017, p. 137-164).

CONCLUSÃO

A título de conclusão, podemos dizer que a literatura negada da pós-evolução, ou seja, a literatura cristera, colocou no tabuleiro uma intrincada rede de questões históricas de vital importância na vida do mexicano: argumentos que vão desde a proposta de um novo processo revolucionário, que obriga de alguma forma a romper a versão historiográfica monolítica e as essências nacionais, até o questionamento do mito histórico da identidade nacional e revolucionária de um país latino-americano. A literatura cristera rompe com a negação da realidade para admitir que houve na revolução mexicana e na guerra cristera, um infinito de informações ocultas, vozes que, embora silenciadas no exílio, contribuíram para abrir as portas ao poder da intra-história, como é o caso dos milhares e milhares de mulheres silenciadas, pelo governo, pelo Estado, pela Igreja, ou porque foram simplesmente silenciadas por serem mulheres, às quais, a título de justiça, é um dever para todas as mulheres de hoje, para trazer à tona e reivindicar a infinita coragem, heroísmo, sacrifício, inteligência, capacidade estratégica que as mulheres têm demonstrado ao longo dos séculos, mas que suas vidas e obras ainda estão escondidas, excluídas, porque não são escritas ou valorizadas por quem as tem narrou, em sua maioria homens, os arquivos históricos e religiosos oficiais da vida dos povos.

Término com esta poesia que dedico a cada mulher que luta, com a resiliência, num mundo onde ainda não foi descoberta.

Resistência

*Não desista, mesmo que às vezes seja machucado na vida.
Embora pesem os muros e o tempo pareça seu inimigo.
Não desista, mesmo que as lágrimas escorram seu rosto
e sua essência seja demasiada pequena.
Embora a distância com os seus pareça insuperável.
Embora o amor seja, hoje, um desejo difícil, e as vezes lhe mordem
o medo, a dor, a solidão, a tristeza e a memória.
Não desista porque você ainda é capaz de lutar,
de rir, de esperar, de se levantar, mesmo as vezes esteja fazendo falta.
Seus braços ainda darão muitos abraços,
e seus olhos verão bonitas paisagens.*

*Quicá, quando se olha no espelho,
 não reconheça o bonito, mas Deus o vê.
 Deus lhe conhece, e porque lhe conhece segue confiando em você,
 siga acreditando em você, saiba que, como a ave ferida,
 curarão suas asas e você vai voar, embora agora pareça impossível.
 Não desista que há quem lhe ama incondicionalmente,
 e lhe chama para acreditar*

(RODRIGUEZ OLAIZOLA, 2015, p. 219).

PARA REFLETIR

- Que abertura existe nos ambientes pastorais para interagir com as mulheres nos vários níveis onde vivemos e trabalhamos: formativo, de desenvolvimento humano, espiritual, ministerial, vocacional, missionário, etc.?
- Que tipo de relacionamento foi criado com as mulheres que colaboram com você? Relacionamentos de apoio? De interesse? De amizade saudável? De servilismo?
- Quais são as contribuições que o “gênio feminino”, como diz o Papa Francisco, pode dar no ambiente eclesial e missionário?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGHPEM, fondo: Secretaría de Gobierno, sección: Gobernación, serie: Religión, Caja: 4, exp. 54, Foja: 4 hist.mem., Nº. 4. Año 2012, pp. 191 - 223 Claudia Julieta Quezada 212).

ARIAS URRUTIA, Ángel (2002). Cruzados de novela: las novelas de la guerra cristera. Pamplona, Ediciones Universidad de Navarra ____ (2005) Entre la cruz y la sospecha (Los cristeros de Revueltas, Yáñez y Rulfo) Madrid, Iberoamericana AUB, Max. (2000) “Guía de narradores de la revolución mexicana”, Guaraguao, Año 4 175-187.

AVITIA HERNÁNDEZ, Antonio (2006). La narrativa de las cristiadas: novela, cuento, teatro, cine y corrido de las rebeliones cristeras, México, Universidad Autónoma Metropolitana _ (2007) El caudillo sagrado: Historia de las Rebeliones Cristeras en el Estado de Durango, México, UNAM.

AZKUE, Andrés. *Mujeres Cristeras*, en *La Cristiada*. Los cristeros mexicanos (1926-1941). Ed. Balmes, 2000.

GIRARD, René (1983). *La violencia y lo sagrado*, Barcelona, Anagrama (2006) *Aquel por el que llega el escándalo*, España, Caparrós.

GONZÁLEZ MORFÍN, Juan. Perfil histórico de la guerra cristera, *Lusitania Sacra*. 33 Janeiro-Junho (2016), 269-290.

GOYTORTÚA SANTOS, Jesús (1945). *Pensativa*, México, Porrúa.

GRAM, Jorge (1955). *Jahel*, El Paso, Texas, s.p.i. ____ (1937) *La guerra sintética*, El Paso, Texas, s.p.i.

LOZANO POZOZ Edith. BRUSHWOOD, John (1993). *México en su novela*, México, Fondo de Cultura Económica ____ (1996) *México in its novel: A Nation's search for identity*, Austin, University of Texas ____ *Itinerantes*. *Revista de Historia y Religión* 7 (2017) 137-164.

MEYER, Jean (1982). *El coraje cristero*, México, UAM Colección Cultura Universitaria n°4 ____ (2006) *La Cristiada*. Tomo II *El conflicto entre la iglesia y el Estado*. 1926- 1929, México, Siglo XXI *Itinerantes*. *Revista de Historia y Religión* 7 (2017) 137-164 163 *La Guerra Cristera: la indispensable contextualización de su narrativa histórica*.

NARANJO TAMAYO, Omayda (2010). "Pensativa de Jesús Goytortua Santos: Imagen y representación de la mujer mexicana en la novela de tema cristero" *Relaciones* Vol.31.

NEGRÍN, Edith (2005). "El luto humano y la narrativa mexicana que lo precede". *Revueltas y la narrativa mexicana* Instituto de investigaciones filológicas, UNAM, pp. 93-122.

OLIMON NOLASCO, Manuel, (2019). *Historia de la Iglesia en México*. Ediciones Paulinas, CDMX, 2019 p. 673.

OLIVERA DE BONFIL, Alicia (1994). *La literatura cristera*, México, Instituto nacional de Antropología e Historia OVIEDO, José Miguel (2002) *Historia de la Literatura Hispanoamericana*. Postmodernismo, Vanguardia, Regionalismo, Madrid, Alianza Editorial.

PONIATOWSKA, Elena, (1985). *¡Ay vida, no me mereces!*, México, Joaquín Mortíz.

QUEZADA, Claudia Julieta. *La mujer cristera en Michoacán, 1926-1929* *Revista Historia Y MEMORIA*, núm. 4, 2012, pp. 191-223 Uni-

versidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia Tunja, Colombia.

REVUELTAS, José (1944). *Dios en la tierra*, México, Era (2000) *El luto humano*, México, Era.

RODRÍGUEZ OLAIZOLA, José María sj. *Mosaico humano* 2015, Sal Terrae.

RUIZ ABREU, Álvaro (1998). “La búsqueda de la otra realidad” *Anales de literatura Hispanoamericana*, pp. 177-188 ____ (1986) “Vienen los cristeros”. *La cultura en Occidente*, Guadalajara, El Occidental ____ (2003) *La cristera: una literatura negada (1928-1992)*, México, Ediciones Universidad Autónoma Metropolitana-Xochimilco ____ (1983) “Letras que inspirara el mismo Cristo Rey.” *Nexos*, Año VI.

SÁNCHEZ MORA, Elena. *Máscaras femeninas en los relatos de la rebelión cristera. México, 1930-1976*, University of Minnesota (Tesis doctoral) 1989.

THIEBAUT, Guy. *La contre-révolution mexicaine á travers sa littérature*, L'Harmattan, Paris 1997.

VALENZUELA, Ricardo. *Origen y muerte del Liberalismo en Asuntos capitales*, 2007. Disponible em: www.asuntoscapitales.com/articulo.asp?id=2697.

O FLORECER DA LIDERANÇA DA MULHER

Elisabeth Miguel Espinhara
bethmxxchade@gmail.com

RESUMO: Este artigo apresenta alguns pontos relevantes do florescer da liderança da mulher na sociedade e na Igreja Católica. Destaca a figura da mulher no empreendedorismo; indica as características que favorecem as mulheres na emancipação com relação aos homens; coloca em foco a igualdade de gênero tão necessária nas relações tanto empresarial quanto em contexto eclesiológico e registra algumas sugestões para uma boa liderança. Ao apresentar a liderança feminina na Igreja Católica, evidencia o posicionamento do Papa Francisco e a necessária mudança de paradigma na realidade atual. Ressalta que homens e mulheres consagrados são um sinal profético dentro na Igreja e na sociedade. Por fim, apresenta dois exemplos de liderança feminina: no empreendedorismo e na Igreja Católica, ressaltando essa liderança no aspecto da missionaridade.

ABSTRACT: This article describes some relevant points of female flourishing leaders hipin the society and also in the Catholic Church. It highlights the female figure entrepreneurship; characteristics in favor of their emancipation in relation to men; promotes gender equality that is so necessary in both business and ecclesiological contexts and register some suggestions for a good leadership. It highlights Pope Francis position when female leadership is presented and the necessary change of paradigm to the current reality. Emphasizes the prophetic sign of consecrated life of men and women within the Church and society. Finally, presents two examples of female leadership are presented: entrepreneurship and the Catholic Church, emphasizing the leadership in a missionary aspect.

Dizem que a mulher é o sexo frágil
Mas que mentira absurda!

Eu que faço parte da rotina de uma delas
Sei que a força está com elas.

(Mulher - Erasmo Carlos)

INTRODUÇÃO

A música gravada pelo cantor Erasmo Carlos, em 1981, com o título “Mulher”, expressa o que o artigo gostaria de suscitar: “O florescer da liderança da mulher”. Vemos, com alegria e preocupação, que a liderança da mulher tem se destacado fortemente nos últimos anos. Isso gera igualmente inquietação, pois, em muitos casos, esse crescimento é motivo de novos conflitos.

A pandemia, que causou grande impacto em todo o mundo, trouxe com ela a evidência de que é urgente criar espaços de diálogo sobre a colaboração da mulher em todos os âmbitos.

Desde o início da pandemia, o que implicou isolamento social, lá estavam elas, cuidando da saúde dos menos favorecidos, no ensino *online*, na assistência social, no acompanhamento da população, que antes era considerada “invisível” por uma sociedade excludente que faz com que cresça, de uma forma sem precedentes, a distância entre pobres e ricos.

Este texto propõe uma reflexão mais detida sobre o tema: A liderança da mulher na sociedade e na Igreja Católica. Vale ressaltar que muitas ações responsáveis por salvar vidas, ou diminuir o impacto da pandemia sobre as pessoas, foram realizadas pela Igreja Católica e, majoritariamente, por lideranças femininas.

Desta forma o texto destacará:

- A força da liderança da mulher no empreendedorismo, evidenciando alguns passos neste contexto. Faz-se necessário, nesse diálogo, refletir sobre algumas características do feminino que ajudam a entender o que favorece a liderança da mulher. Da mesma forma, o texto abordará a igualdade de gênero, como um dos grandes desafios ainda a ser superado. Ao final desta parte, serão registrados alguns caminhos para o florescer da liderança.
- No segundo item, será abordada, de forma rápida e sucinta, a liderança da mulher na igreja católica, focando somente em alguns aspectos da temática: a posição da figura da mulher

no pontificado do Papa Francisco; a necessária mudança de paradigma e a importância do testemunho da vida religiosa consagrada neste percurso. Além disso, será apresentada uma experiência de liderança missionária leiga, um exemplo corajoso nesse grande cenário da liderança feminina missionária.

1. A FORÇA DA LIDERANÇA DA MULHER

A liderança está presente em todos os ambientes: trabalho, vida familiar, igreja, política, economia, etc. Na verdade, exercemos liderança junto às pessoas que foram confiadas aos nossos cuidados. Entende-se a liderança como ação capaz de influenciar pessoas, levando-as a darem o melhor de si em atuações que lhe são confiadas. Segundo James Hunter (2014), liderança é: “A habilidade de influenciar pessoas para trabalharem entusiasticamente visando atingir os objetivos identificados como sendo para o bem comum” (HUNTER, 2004, p. 25).

Para esse autor, liderar é influenciar pessoas, levarem-nas a conseguir realizar as metas previstas pela equipe. Influenciar tem aqui a conotação importante de “algo de dentro para fora”, ou seja, veem-se ações e deseja-se entrar dentro do movimento. Parte-se do princípio motivacional. Seria algo como acender uma vela: essa, para transmitir luz, consome-se. Liderar é mais ou menos isso. As intenções são seguidas de ações. O amor é concreto, além de palavras o acompanham gestos, fazendo com que as pessoas se sintam amadas, especiais, únicas. Para Hunter (2014), liderar é também identificar e satisfazer necessidades, e, no ambiente familiar, a mulher sabe bem o que isso significa. Por isso, ela é dotada de capacidades que lhe dão autoridade para se destacar igualmente como líder no mundo empresarial.

Uma marca dos novos tempos é o crescimento da liderança da mulher nos âmbitos da política, da economia e do social. Com relação ao empreendedorismo, o fato é de grande relevância. No Brasil, mulheres empreendedoras têm alcançado grande destaque. Elas somam cerca de 24 milhões de mulheres, movi-

mentando, com força, a economia brasileira. Contudo, é triste a constatação de que, nos cargos de chefia, elas são bem poucas. É importante ressaltar que o empreendedorismo feminino tende a um grande crescimento.

1.1. Passos importantes da liderança da mulher no empreendedorismo

Por empreendedorismo, entendemos: “*disposição de identificar problemas e oportunidades e investir recursos e competências na criação de um negócio, projeto ou movimento que seja capaz de alavancar mudanças e gerar um impacto positivo*” (OTIMIZA, 2019).

Ao longo dos anos, nota-se o desempenho das mulheres em funções historicamente ocupadas somente por homens. A liderança da mulher vem ganhando cada vez mais espaço no setor empresarial. Vale ressaltar que, com o passar do tempo, o crescimento da força feminina tem se tornado cada vez maior. Destacamos, a seguir, alguns pontos que evidenciam esse crescimento.

Segundo pesquisas realizadas pela Organização Internacional do Trabalho, empresas que acompanham o impacto da diversidade de gênero na liderança podem atingir crescimento de 05% a 20% nos lucros. Nota-se que as mulheres são destaque no ensino superior, já que, em média 60% dos estudantes universitários são mulheres.

No passado, ainda recente, o homem era considerado o único provedor da renda familiar. E as mulheres, as chamadas “rainha do lar”, tinham os seus afazeres domésticos não considerados como trabalho. Isso no sentido de obter uma renda para a família. Vale ressaltar que as forças recuperadas pelos homens, após um dia de trabalho remunerado, vinha graças ao bom prato de comida preparado por suas mulheres. Talvez, para muitos, essa era nada mais que uma obrigação feminina. Por essa razão, as mulheres não trabalhavam. Talvez a busca pelo aumento da renda familiar, devido às novas exigências impostas pelo comércio, tenha ajudado nesse percurso da emancipação da mulher.

No contexto atual, ressaltamos uma pesquisa realizada pela empresa Internacional *Business Report (IBR) — Women in Business 2019*. Ela destacou que, no Brasil, cresceu o número de empresas com pelo menos uma mulher em cargos de liderança. Essa foi de 93% em 2019, sendo um percentual alto na evolução em relação aos 61% em 2018 (*PIAI, 2019*). Assim, pode-se concluir que vários fatores convergiram entre eles, possibilitando a entrada das mulheres em espaços empresariais.

1.2. Características que favorecem mulheres na liderança

O sonho de uma sociedade que supere, com mais rapidez, a desigualdade de gênero será uma realidade quando houver mais valorização da contribuição da mulher. São muitas as características que poderíamos apresentar para justificar o papel desta liderança. Destacamos apenas algumas:

- Harmônicas: Elas conseguem ver o todo, equilibrar, raciocinar e pensar pela intuição. Por isso, demonstram ser efetivas ao engajar, motivar e elevar o potencial de seus colaboradores. Partindo desse pressuposto, conseguem construir ambientes corporativos mais positivos e harmônicos, tornando as funções e colaboradores da organização mais conexos com seus perfis comportamentais.
- Solucionadoras holísticas de problemas: Um mito frequente em nossa sociedade e com um peso cultural forte é que o cérebro da mulher é mais eficiente em multitarefa que o dos homens. Ao longo dos anos, a mulher teve que conciliar a rotina de trabalhos com focos variados ao mesmo tempo. Isso a capacitou com ferramentas que a possibilitaram dar atenção a várias tarefas sem perder a qualidade do empenho em ambas.
- Capazes de assimilar os detalhes com rapidez e organizar as informações em padrões complexos.
- Determinadas e com um olhar nas oportunidades. As mulheres têm o hábito de dar muita importância para oportuni-

dades de crescimento. Todo esse cenário faz com que sejam mais determinadas e persistentes com relação aos obstáculos corporativos e fiquem focadas nos desafios e metas, até que sejam atingidos.

- Inspiradoras de confiança e incentivadoras de comunidades. Segundo a cartilha “*Os Princípios de Empoderamento das mulheres*” – desenvolvida pela ONU Mulheres Brasil— a liderança feminina baseia sua gestão oferecendo um alto nível para a igualdade de gênero, em que homens e mulheres atuam de maneira justa e se apoiam.
- Sensíveis :Mulheres são sensíveis e colocam a equipe sempre em primeiro lugar: buscam um ambiente de trabalho harmônico, estão sempre prontas a ouvir e a considerar as percepções e ideias de seus colaboradores. Buscam, também, participação ativa e efetiva de sua equipe gerando melhores resultados (SOLIDES, 2020).

É evidente que muitas dessas características estão presentes também no sexo masculino. O problema é que, por muito tempo, buscou-se ignorá-las nas mulheres. Talvez devido ao medo de que elas se apoderassem de tais elementos e esses fossem causa de sua emancipação. Como ninguém consegue esconder uma lâmpada acesa embaixo da cama, assim também foi impossível abafar tais características em favor da emancipação da mulher em todos os domínios.

1.3. Igualdade de gênero e liderança da mulher

Um dos desafios que se impõem nesse discurso é o da igualdade de gênero. É notável que essa questão está longe de encontrar um respaldo favorável em torno da emancipação da mulher.

Uma pesquisa realizada pela “Atitudes Globais pela Igualdade de Gênero”, em 2019, no Brasil, mostra que três em cada 10 pessoas admitem que se sentem desconfortáveis em ter uma mulher como chefe.

É possível que o motivo do preconceito seja devido à cultura

machista que persiste na sociedade em geral. A resistência é maior entre os homens, que se sentem incomodados em ser liderados por outras mulheres (LAPORTA, 2019).

Um exemplo claro: quando um homem age de maneira agressiva, autoritária e assertiva, o fato é geralmente visto como aceitável. Por outro lado, se a líder mulher age da mesma forma, seus colaboradores a enxergam como “mandona” e rigorosa. A conclusão é que os dois estão agindo erradamente. Contudo, a cobrança é quase sempre mais rigorosa do lado das mulheres.

Outros fatores demonstram que o desafio na temática da igualdade de gênero está também na constatação do grande preconceito presente em algumas empresas e organizações que ainda veem a mulher como pouco flexível e com baixo comprometimento; propensa a receber remuneração menor do que os homens em posições semelhantes. Não aceitam o estilo de liderança exatamente por ser de uma mulher (IBGE, 2018).

E ainda, consideram, na hora da contratação, o fator da maternidade. Esse pode gerar uma situação de insegurança e mais investimento empresarial.

Contudo, a descrição apresentada está longe de manifestar que as mulheres querem ultrapassar as conquistas dos homens. Elas desejam apenas oportunidades iguais, mostrar que suas características de mulheres as tornam únicas e que aí está a essência de uma colaboração na paridade de forças e complementaridade.

O apoio dos homens para o crescimento das mulheres dentro das empresas e grupos é fundamental. Pois, apesar dos avanços, ainda são eles que estão em maioria nas posições mais importantes nas organizações e empresas. Cabe à sociedade promover uma cultura que dialogue sobre a igualdade de gênero, levando a pessoa a uma colaboração de igualdade, de fraternidade universal, com oportunidades iguais para todos, independente do gênero.

1.4. Dicas para o florescer da liderança da mulher

Basta uma rápida navegação nas redes sociais para se deparar com várias figuras femininas de grande destaque no empreendedorismo. Um exemplo vem da cidade de Franca em São Paulo: a empreendedora Luiza Trajano, fundadora do Magazine Luiza.

Com apenas dezoito anos, assumiu com destaque a sua vocação no empreendedorismo. Para ela, bom atendimento e inovação são a alma de uma empresa bem sucedida. Luiza recebeu vários prêmios internacionais devido ao seu bom desempenho em carreira. Ela esclarece que otimismo estratégico pressupõe ação e informação constante. E acrescenta que é importante inovar sempre.

Em uma carta enviada ao seu filho, Luiza Trajano dá orientações importantes para uma liderança eficaz: acreditar sempre em si mesmo; ter fé no Absoluto; procurar não mitificar coisas ou pessoas; ter sempre uma atitude de troca: dar e receber; ter tempo para tudo. Organizar-se, criar ritmo e rotina; ter paixão pelo que faz, pois, dessa maneira, se fará melhor e com mais facilidade; ser transparente e jamais omitir a verdade, ser você mesmo; buscar sempre agir com sabedoria (KARNAL e TRAJANO, 2021).

James Hunter, em seu livro “*De volta ao mosteiro*”, relata a importância para o líder de sempre retornar e rever atitudes e paradigmas. E ressalta ainda que, no final, o importante é seguir o exemplo do grande Mestre Jesus, que é modelo da liderança servidora (HUNTER, 2014).

Em todo caso, as sugestões acima citadas são necessárias para o bom empenho de qualquer liderança. Robson Santarém escreveu uma obra cujo título é: “*As bem-aventuranças do líder. A jornada do herói*”. Esse autor também desenvolve o seu pensamento em torno de atitudes e ações que ajudam muito no florescer da liderança, no sentido da construção de uma cultura baseada na partilha, solidariedade, complementaridade, responsabilidade e respeito mútuo entre homem e mulher. Herói e heroína são as pessoas engajadas nesse ideal de vida (SANTARÉM, 2014).

É possível encontrar, também, orientações importantes na recente Encíclica: “*Fratelli Tutti*”. No sexto capítulo, intitulado: “*Diálogo e amizade social*”, Papa Francisco argumenta em favor da amizade e do diálogo, para que se superem conflitos, construam-se pontes, despertem-se relações fraternas de respeito, igualdade, solidariedade. Toda a Encíclica registra bons conselhos para uma liderança plena de iniciativas e condutas que levam a germinar uma cultura de igualdade de gênero (FRANCISCO, 2020).

Um bom exemplo de trabalho em equipe é o Plano de Ação 2016-2019 da CRB Nacional. O lema “*Eis que estou fazendo uma coisa nova*” (Is 43,19) é uma imagem interessante nesse percurso em que a humanidade anseia por chegar nas relações de igualdade de oportunidades entre mulheres e homens. Em toda a construção do documento, percebe-se esta participação em equipe feminina e masculina. Veja-se o ponto 2: “*Intensificar a cultura do encontro consigo, com o/a outrola, com a criação e com Deus, para que as relações comunitárias, intergeracionais, interculturais e intergeracionais sejam circulares, afetivas, solidárias, vivendo os valores da comunhão, gratuidade, proximidade e misericórdia*” (CRB, 2016).

Vivendo esses valores se chegará também à igualdade de gênero.

2. LIDERANÇA DA MULHER NA IGREJA CATÓLICA

Na Igreja, as mulheres se destacam em várias atividades: nas pastorais, na organização, no social e, de forma especial, na mis-sionariedade.

Uma pergunta que as pessoas fazem com frequência é: “Por que na Igreja Católica as mudanças são tão lentas, quando se fala de emancipação da liderança da mulher”? A esse propósito, Lorena O’Neil, redatora e editora no portal de notícias OZY, afirma que: “*Mudar o diálogo e a mentalidade das opiniões da Igreja Católica sobre as mulheres irá atraí-las*” (O’NEIL, 2014). **Na mesma direção, Pozzi (2021) diz que:** “A Igreja com seus códigos mas-

culinos e com a escassa consideração da contribuição feminina nos campos de decisão tornou-se menos atraente para mulheres” (POZZI, 2021).

Faz-se necessária uma mudança cultural em que prevaleça também na Igreja Católica uma maior igualdade entre mulheres e homens nas várias funções. Vemos que, apesar de as mulheres serem a maioria, ainda prevalece o destaque da liderança masculina.

2.1. Liderança da mulher no pontificado do Papa Francisco

O Papa Francisco, desde o início de seu pontificado, demonstrou apreciação pelo gênio feminino na Igreja e na sociedade (EG 52, 86, 103, 104, 171, 252, 271, 283). Para ele, não é o ministério ordenado o objetivo maior na emancipação da mulher na Igreja, mas sim a valorização das mulheres em espaços de decisões dentro e fora da Igreja. Ele reconhece que essa realidade está carregada de um grande peso cultural machista. E compreende que dar aos leigos e, em particular, às mulheres maior valorização e espaço nas instâncias de poder dentro da Igreja é ainda um grande desafio a ser ultrapassado. A temática necessita de um maior aprofundamento.

Segundo Suess (2015): “A causa do gênero, que envolve a dignidade e os ministérios dos batizados, é uma questão disputada pelo setor hegemônico da Igreja Católica” (SUESS, 201). As sequelas dessa disputa acabam causando impacto nas relações das comunidades. Isso porque esse setor tem grande influência sobre a maioria das pessoas atuantes nos vários serviços de liderança.

A mensagem de João Paulo II, em ocasião da Campanha da Fraternidade, em 1990, que trouxe a temática sobre a mulher, tendo como objetivo, resgatar a mulher nos diferentes setores da sociedade, assim como a carta às mulheres em 1995, traz expressões de reconhecimento às lideranças das mulheres na Igreja e na sociedade. O Papa Francisco vai além do agradecimento de seu predecessor. Suas ações para um maior reconhecimento da mulher em funções historicamente exercida por homens têm causado muito desconforto em alguns ministérios ordenados. Talvez

esses tenham receio de que essas iniciativas de Francisco possam agilizar outros processos de inclusão da mulher em espaços de decisões, ou, ainda, avançar na complexa temática do sacerdócio da mulher, mesmo que, para o Papa Francisco, o sacerdócio feminino seja algo que não esteja em discussão (EG, 104).

Certamente, Francisco surpreendeu muitas pessoas com a notícia sobre a mudança do cânon 230, parágrafo 1º do Código de Direito Canônico, em que institucionalizou o acesso de mulheres ao ministério instituído do leitorado e acolitado. Mas que sentido tem isso que já é uma prática nas comunidades? Há pessoas que nem tinham conhecimento de que isso era proibido às mulheres. Dom Edmar Peron justifica dizendo que:

“Todos os gestos, pequenos ou grandes, que procurem eliminar expressões e, conseqüentemente, ações excludentes dentro da Igreja são sempre muito bem vindos. E o Papa Francisco tem consciência que as suas ações conduzem a mudanças, pequenas no presente, mas grandes para o futuro. Elas abrem caminhos, iniciam processos” (PERON, 2021).

É evidente que o Papa Francisco foi até agora o pontífice que mais realizou ações que favoreceram o florescer da liderança da mulher na Igreja Católica. Essas têm causado admiração por parte de alguns e desconforto em outros. Em todo caso, pode-se dizer que ele compreendeu a verdadeira posição da figura da mulher no movimento de Jesus e quer que ela seja a mesma na Igreja.

2.2. Uma mudança de paradigma

O peso da cultura, muitas vezes, leva ao desânimo e a falta de engajamento e compromisso com a transformação da realidade, seja essa para homens e mulheres.

O Papa Francisco, seguidamente, retoma o tema sobre a liderança feminina na Igreja, mas dá a impressão de evitar a complexidade do diálogo em torno do sacerdócio feminino. Todavia, ele ressalta, com muita frequência, a importância de dar oportunidades às mulheres também em funções administrativas. A esse respeito, assim se expressa o pontífice:

“Devemos promover a integração das mulheres nos lugares em que são tomadas decisões importantes”, e acrescentou: “Rezemos para que, em virtude do batismo, os fiéis leigos, especialmente as mulheres, possam participar mais nas instituições de responsabilidade da Igreja, sem cair nos clericalismos que anulam o carisma laical e que mancham o rosto da Santa Mãe Igreja” (FRANCISCO, 2020).

O presidente da conferência episcopal portuguesa Dom José Ornelas, em uma homilia presidida no Santuário de Fátima, salientou que é necessária uma *“mudança de paradigma”* com relação ao papel da mulher na Igreja, *valorizando-a, reconhecendo a importância do papel feminino na Igreja demasiadamente focada nos ministérios ordenados* (SANTUÁRIO DE FÁTIMA, 2020).

A presença das mulheres é destaque no movimento de Jesus desde o início. Sem dúvida, Maria, a Mãe de Jesus, é a principal protagonista nesse cenário, e, com ela, muitas outras. É com inquietude que se constata, em muitos ambientes eclesiais, certos retrocessos com relação ao papel da mulher em funções administrativas e de tomada de decisão. Ao invocar a espiritualidade mariana na Igreja, deveria acentuar igualmente a presença da mulher como espaço de encontro e comunhão e favorecer, provocar mais diálogo na perspectiva da superação da desigualdade de gênero, a fim de que avanços sejam visíveis em toda a Igreja e na sociedade.

2.3. Vida consagrada um sinal profético

A Vida Consagrada é chamada a ser um sinal profético do Reinado de Deus no mundo. Com relação à questão de gênero, religiosas e religiosos deveriam ser protagonistas em uma relação harmônica que possibilite o mútuo enriquecimento, tornando visível o aspecto da complementaridade, superando preconceitos e discriminações enraizadas culturalmente.

A Vida Consagrada é, no mundo e na Igreja, sal, luz e fermento. É importante testemunhar, com palavras e atitudes, que é possível e desejável que mulheres e homens convivam em harmonia, respeito e colaboração, sem superioridade nem submissão. Isso é sinal visível de evangelização em comunhão. Pede-se às

religiosas e religiosos muita atenção com relação ao machismo e ao feminismo tão enraizados na mente e no coração das pessoas.

A presença numérica das religiosas nas várias atividades da Igreja do Brasil é evidente. Vale recordar que mulheres e homens são chamados ao compromisso de fomentar, apoiar, incentivar, estimular, valorizar a presença da mulher em todas as categorias de serviços na Igreja e fora dela.

Aos religiosos fica o apelo de renovar suas disposições, motivações e alegrias em participar, lado a lado com as religiosas, nesse florescer da liderança da mulher. É necessária uma “reeducação” tanto nos comportamentos quanto na linguagem. Nesse sentido todos/as são corresponsáveis.

Quando se negligencia o aspecto da igualdade de gênero, pode-se favorecer o autoritarismo, a mediocridade, a falta de respeito de ambas as partes. É um fator cultural, determinar categoricamente o espaço feminino e masculino, também na Igreja. É sabido igualmente que a mulher precisa integrar o masculino que traz em si e, também, para o homem faz-se necessário, nesse diálogo, que ele integre o feminino que habita nele (CARDOSO, 2020).

2.4. Liderança da mulher e missionaridade

Helena é uma missionária leiga, há 3 anos foi enviada para a Diocese de Pemba, em Moçambique. Para realizar o sonho de ser missionária além-fronteiras, ela teve que ultrapassar diversos desafios. Primeiramente, o seu futuro missionário dependia unicamente de decisões masculinas. Helena foi casada por muitos anos. Teve três filhos homens. Foi feliz ao lado de seu marido e seus filhos, contudo seu sonho de ser missionária a perseguia continuamente. Após a morte de seu marido, e, quando os seus filhos já estavam independentes dela financeiramente, ela ousou passos maiores em direção de seu grande objetivo.

A primeira proposta de missão veio do Amazonas que logo roubou a atenção de seu coração. Ela expôs o seu desejo ao bispo de sua diocese, que a apoiou, mas veio a falecer durante o percurso

da realização do seu projeto. Com insistência, ela recomeçou novamente o diálogo com o novo bispo, que igualmente a apoiou. Infelizmente, esse também morreu antes da conclusão do processo. Até que, então, entrou em cena, Dom Edmilson Amador Caetano, que tinha como lema episcopal, “Deus providenciará!”. E realmente foi assim. Ele, ao escutar a história da incansável missionária, disse-lhe: “Eu não vou morrer e você irá para a missão!”

Helena estava muito feliz, pois sabia que, dessa vez, seu sonho missionário se realizaria. Foi para Brasília completar a sua formação antes de partir para o Amazonas. Durante os dias em que estava lá, Dom Fernando Lisboa, bispo brasileiro da diocese de Pemba, foi encontrá-la, fazendo-lhe uma audaciosa proposta: mudar a sua destinação para Pemba. Helena relatou: *Como ficaria a sua paixão pela missão amazônica? Depois, sair do Brasil com essa idade? Isso é coisa para jovens, pensou!* Mas, ao final do mesmo dia em que tinha recebido a proposta, ela disse sim!

Após os preparativos, lá foi ela corajosamente para Pemba, em Moçambique. Ficou apenas alguns meses e depois voltou para acompanhar sua mãe muito enferma. Seu sonho missionário duraria tão pouco assim? Não! Ela ouviu da boca de sua própria mãe: “*Volta minha filha, pois você é uma grande missionária. O povo precisa de ti!*”. Com o coração partido, Helena tomou a decisão: “*Eu vou voltar!*”.

Helena foi enviada pelo Projeto da CNBB Sul 1. As autoridades eclesíásticas, que eram constituídas por homens, disseram-lhe que ela não poderia voltar, pois não seria possível pagar-lhe novamente a passagem.

Muito triste, Helena foi com “*Deus providenciará!*”, ou seja, com Dom Edmilson, que lhe disse: “*Deus providenciará e você vai voltar!*”. Com a passagem garantida, Helena retornou para a missão. Dois meses após sua chegada, sua mãe faleceu. E Helena se deu conta da grande oferta que ela havia feito à missão.

Hoje, Helena tem 64 anos. Voltou de férias toda feliz e realizada. Nem parecia que vinha de uma missão tão desafiadora, com grandes problemas sociais. Por que ela voltou? Tem todos

os motivos para ficar e continuar a missão em sua diocese, já fez tanto além-fronteiras!

Mas seus sonhos missionários não pararam! Agora ela quer ajudar mulheres em situação de vulnerabilidade lá na diocese que roubou às atenções e sonhos de seu coração. Muitos são os desafios que ela deverá ultrapassar a fim de atingir sua meta missionária. Desafios esses que estarão sobretudo em mãos masculinas até a sua realização. Será possível que deve ser assim? Na Igreja Católica sim!

Todavia, Helena conta com apoio de outras mulheres que sonham junto com ela, que acreditam que o sonho é de todas, que é necessário, e que, com iniciativas ousadas e corajosas, chegará a sua realização. O que for necessário: *“Deus providenciará!”*.

A missionária Helena é um dos exemplos a ser partilhado, a fim de alimentar o sonho de uma Igreja: profética, sinodal, ministerial e missionária, em que mulheres e homens podem, sim, somar forças para que a vida prevaleça e, juntos, na complementaridade, no respeito às diferenças, realizar grandes projetos. O que for necessário para atingir essa meta Deus providenciará!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho percorrido até aqui ressaltou uma complexidade nas relações humanas. Mostra o quanto ainda se faz necessário buscar estratégias para um maior crescimento no assunto. Aonde queremos chegar? Em uma humanidade que reconheça e aprecie as riquezas de ambas as partes: femininas e masculinas.

O verso do cântico de Maria, “depôs dos tronos os poderosos e exaltou os humildes”, é uma belíssima citação para ilustrar aonde é necessário chegar. Descer a classe masculina e elevar à assunção feminina com a meta de deixá-los em um mesmo patamar de igualdade.

Finalmente, acredita-se que os tempos sejam favoráveis e, em todos os âmbitos, é possível um maior florescer da liderança da mulher, a fim de que essas alcancem as metas desejadas e, as-

sim, mulheres e homens consigam ser corresponsáveis por uma humanidade melhor.

Percebe-se que a Igreja Católica já avançou muito nesse reconhecimento do papel da mulher, sobretudo com as iniciativas do Papa Francisco. Essas devem ainda avançar para águas mais profundas, pois o que diz a Igreja Católica tem grande impacto na sociedade. É ir além de dar o bom exemplo! É provocar mudanças com iniciativas como essas das mulheres em altos cargos de lideranças no Vaticano e oficializando, com mais rapidez, mudanças também em documentos. E que a divina Rhuá continue soprando bons ventos a favor do florescer da liderança da mulher.

Uma imagem que faz refletir nesse cenário é o da Santíssima Trindade coroando Maria, a Mãe de Jesus. Dessa forma, pode-se intuir que a mensagem é de relações de igualdade também lá de cima! Ou seja, Pai, Filho, a divina Rhuá e Maria. Que esta comunidade perfeita, seja um bom incentivo para novas mudanças.

PARA REFLETIR

- Quais aspectos destacar na igualdade de gênero para obter relações com mais paridade, colaboração e respeito?
- O que prever da liderança feminina nos próximos 20 anos na sociedade e na Igreja Católica?
- Quais lideranças femininas você destaca nos últimos anos, na sociedade e na Igreja Católica que foram para você um exemplo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. *Estatísticas de gênero: responsabilidade por afazeres afeta inserção das mulheres no mercado de trabalho* (08/06/2018). Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/20232-estatisticas-de-genero-responsabilidade-por-afazeres-afeta-insercao-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho>>. Acesso: 11/01/2021.

CRB. “*Eis que eu estou fazendo uma coisa nova!*” (Is 43,19). *Plano de Ação 2016-2019*. Disponível em: <http://crbnacional.org.br/wp-content/uploads/2017/10/Plano_Trienal_2016_a_2019.pdf>. Acesso: 15/03/2021.

CARDOSO, Cléber Luiz e Anna Christina. *Subsídio de espiritualidade: a questão de gênero na vida consagrada* (nov. 2020). Disponível em: <https://crbnacional.org.br/wp-content/uploads/2020/11/SUBSIDIO-CERNE-nov_2020.pdf>. Acesso: 11/01/2021.

FRANCISCO. *Mais mulheres em posições de responsabilidade na Igreja*. Roma, 11 de outubro de 2020. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa-francisco/angelus/2020-10/papa-francisco-angelus-11-outubro-2020.html>>. Acesso: 11/01/2021.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti. Sobre a fraternidade e amizade social*. Documento Pontifícios – 44: Ed. CNBB, Brasília DF, 2020.

FRANCISCO. *Santa Sé: Reconhecer a riqueza e a força moral e espiritual das mulheres*. Roma, 28 de outubro de 2020. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2020-10/santa-se-urbanczyk-reconhecer-forca-moral-espiritual-mulheres.html>>. Acesso: 11/01/2021.

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium. A alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus, Loyola, 2013.

HUNTER, James C. *O monge e o executivo*. Uma história sobre a essência da liderança. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

HUNTER, James C. *De volta ao mosteiro*. O monge e o executivo falam de liderança e trabalho em equipe. Rio de Janeiro: Sextante, 2014.

JOÃO PAULO II. *Carta do Papa João Paulo II às Mulheres*. Roma, 25 de junho de 1995. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1995/documents/hf_jp-ii_let_29061995_women.html>. Acesso: 09/02/2021.

JOÃO PAULO II. *Mensagem Do Papa João Paulo II por ocasião do início da Campanha Da Fraternidade de 1990 no Brasil*. Roma, 28 de fevereiro de 1990. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/pont_messages/1990/documents/hf_jp-ii_mes_19900228_brasile-fraternita.html>. Acesso: 09/02/2021.

KARNAL, Leandro; TRAJANO Luiza. *Competências profissionais, emocionais e tecnológicas para tempos de mudança*. Porto Alegre, 24-26 de agosto de 2020. Disponível em: <<https://salavirtual.pucrs.br/curso/>>

competencias-profissionais-emocionais-e-tecnologicas-para-tempos-de-mudanca>. Acesso: 19/01/2021.

LAPORTA Thaís. *Mulheres na Liderança: as barreiras que ainda prejudicam a ascensão feminina no mercado de trabalho*. São Paulo, 2 de julho de 2019. Disponível em: <<http://comissoes.crcsp.org.br/mulher/2019/07/11/mulheres-na-lideranca-as-barreiras-que-ainda-prejudicam-a-ascensao-feminina-no-mercado-de-trabalho/>>. Acesso: 21/01/2021.

O'NEIL, Lorena. *Catolicismo e as mulheres: os ventos da mudança*. São Leopoldo, 7 de março de 2014. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/170-noticias/noticias-2014/528923-catolicismo-e-as-mulheres-os-ventos-da-mudanca>>. Acesso: 11/01/2021.

OTIMIZA. *A mulher no empreendedorismo*. São Paulo, 4 de setembro de 2019. Disponível em: <<https://otimiza.pro/mulher-no-empresendedorismo/>>. Acesso: 21/01/2021.

PERON, Edmar. *Dom Edmar Peron comenta mudança que assegura às mulheres o ministério do leitorado e acolitado*. Entrevista. Brasília: 14/01/21. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/dom-edmar-peron-comenta-mudanca-que-assegura-as-mulheres-o-ministerio-do-leitorado-e-acolitado>>. Acesso: 09/02/2021.

PIAI, Margarete. *Equilíbrio de gênero representa produtividade nas empresas*. São Paulo, 28 de junho de 2019. Disponível em: <<https://revis-tamelhor.com.br/equilibrio-de-genero-representa-productividade-nas-empresas/>>. Acesso: 21/01/2021.

POZZI Anna. *Smartsister*. L'Osservatore Romano, 2 de janeiro de 2021. Disponível em: <<https://www.osservatoreromano.va/en/news/2021-01/smart-sister.html>>. Acesso: 30/01/2021.

SOLIDES. *Entenda o perfil e a realidade das mulheres na liderança*. Disponível em: <<https://blog.solides.com.br/mulheres-na-lideranca/>>. Acesso: 21/01/2021.

SANTUARIO DE FÁTIMA. *D. José Ornelas pediu uma mudança de paradigma na Igreja que "acentue o feminino e o materno*. Disponível em: <<https://www.jornaldamadeira.com/2020/10/14/d-jose-ornelas-pediu-uma-mudanca-de-paradigma-na-igreja-que-acentue-o-feminino-e-o-materno/>>. Acesso: 08/02/2021.

SUESS, Paulo. *Dicionário da Evangelii gaudium. 50 palavras-chave para uma leitura pastoral*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 128-131



CADERNOS DO CEMLA

Centro de Estudos Missionários Latino-Americano

MISSIONÁRIOS XAVERIANOS
Rua Victório Viezzer, 701 – Vista Alegre das Mercês
80810-340 CURITIBA, PR – Brasil